



Universidade Federal da Paraíba
Centro de Comunicação, Turismo e Artes
Programa de Pós-Graduação em Jornalismo

VALORES-NOTÍCIA NO JORNALISMO CULTURAL REGIONAL:
O CASO DO PROGRAMA DIVERSIDADE

Saulo Queiroz de Araújo

João Pessoa

2021

Universidade Federal da Paraíba
Centro de Comunicação, Turismo e Artes
Programa de Pós-Graduação em Jornalismo

Valores-notícia no Jornalismo Cultural Regional:

o caso do programa Diversidade

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Jornalismo, área de concentração em Produção Jornalística, linha de pesquisa Práticas, Processos e Produtos.

Saulo Queiroz de Araújo

Orientador: Prof. Dr. Luiz Custódio da Silva

João Pessoa

2021

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

A663v Araújo, Saulo Queiroz de.
Valores-notícia no jornalismo cultural regional : o caso do programa Diversidade / Saulo Queiroz de Araújo. - João Pessoa, 2021.
130 f. : il.

Orientação: Luiz Custódio da Silva.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCTA.

1. Jornalismo cultural. 2. Valores-notícia. 3. Noticiabilidade. 4. Televisão. I. Silva, Luiz Custódio da. II. Título.

UFPB/BC

CDU 070:008(043)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA | UFPB
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES | CCTA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO | PPJ



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Aos dez dias do mês de fevereiro de 2021, às 15 horas, foi realizada, por videoconferência, através da plataforma Google Meet®, pelo endereço eletrônico <https://meet.google.com/cnj-kzhs-xdy>, em sessão pública, Banca de Defesa de Dissertação de Mestrado do(a) aluno(a) **SAULO QUEIROZ DE ARAÚJO**, sob a matrícula 20181001973, cuja pesquisa intitula-se **“CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE NO JORNALISMO CULTURAL REGIONAL: O CASO DO PROGRAMA DIVERSIDADE”**, para obtenção do título de Mestre em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba.

AVALIAÇÃO:

(X) Aprovado(a) () Reprovado(a) () Insuficiente

As observações sobre o trabalho acadêmico encontram-se no verso desta Ata.

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof. Dr. **LUIZ CUSTODIO DA SILVA**
Presidente

Profa. Dra. **GLORIA DE LOURDES FREIRE RABAY**
Examinadora Interna

Prof. Dr. **ANTONIO ROBERTO FAUSTINO DA COSTA**
Examinador Externo ao Programa

Observação: A presidência da Comissão certifica a presença dos demais membros.

Aos professores que dividiram comigo a luz dos seus conhecimentos.

A José Antônio (Tony) Pinto, Penha, Raquel e Socorro Queiroz.

A Letícia, Irene, Bernadete, Paulo e Sebastiana Araújo.

AGRADECIMENTOS

Ao Professor. Dr. Luiz Custódio da Silva, pelo incentivo a adentrar na pesquisa, retornando à academia depois de mais de vinte anos dedicados apenas a práxis.

À Professora. Dra. Glória Rabay, que me proporcionou, ainda como aluno especial, uma percepção de que seria possível seguir adiante nessa jornada.

Aos colegas da TV Itararé que construíram comigo a história do Diversidade, estabelecendo um espaço para o jornalismo cultural em TV aberta na Paraíba.

Aos professores, assessores, coordenadores e colaboradores do Programa de Pós-graduação em Jornalismo da UFPB (PPJ), sempre solícitos e atenciosos.

Aos professores, colaboradores e ex-colegas da Universidade Estadual da Paraíba, onde me graduei em Jornalismo, pelos quais guardo grande estima e gratidão.

Aos meus queridos colegas de comunicação nas rádios Campina FM e 98 FM, nos jornais A Palavra e Correio da Paraíba, veículos onde trabalhei.

Aos diretores da Fundação Pedro Américo e TV Itararé, respectivamente Gisele e Dalton Gadelha, pelo fomento aos projetos socioculturais na emissora.

A todos os estagiários, voluntários, técnicos e jornalistas da TV Itararé pela parceria e engajamento na produção de uma programação voltada para a cidadania, com base na educação e na cultura do nosso povo – em especial os que construíram o programa Diversidade ao longo de catorze anos.

E aos meus super bem-humorados colegas de sala de aula, aqui representados nominalmente por Vieira Neto, Fabiano Diniz e Ênio Marx, com os quais dividi receios, descobertas e desafios durante essa jornada acadêmica.

RESUMO

Esta pesquisa se propôs a investigar os critérios de noticiabilidade denominados valores-notícia pelos teóricos do jornalismo a partir da análise de um telejornal cultural diário, o “Diversidade”, produzido e exibido pela TV Itararé (afiliada da TV Cultura em Campina Grande-PB). O objetivo foi compreender como se dá a aplicação desses elementos de seleção de pautas no contexto da produção do jornalismo cultural de proximidade, tendo como escopo os principais conceitos que deram sustentação teórica à investigação: a comunicação pública como área em que a produção de conteúdo implica em responsabilidades de cunho social, cultural e educacional; o jornalismo cultural compreendido como um segmento temático e singular no campo macro do jornalismo; e os valores-notícia como fatores aplicados às rotinas jornalísticas durante a seleção noticiosa. A metodologia aplicada à pesquisa foi a análise de conteúdo num estudo de caso com observação participante, resultando na coleta de dados que nos levaram a identificar nas rotinas da equipe a aplicação não sistemática dos valores-notícia na produção do programa analisado e a inclusão midiática como um valor-notícia inaudito.

Palavras-chave: Jornalismo cultural. Valores-notícia. Noticiabilidade. Televisão.

ABSTRACT

This research set out to investigate the criteria of news called news-values by journalism theorists from the analysis of a daily cultural newscast, “Diversidade”, produced and shown by TV Itararé (affiliated with TV Cultura in Campina Grande-PB). The objective was to understand how these elements of selection of guidelines are applied in the context of the production of cultural journalism of proximity, having as scope the main concepts that gave theoretical support to the investigation: public communication as an area in which the production of content implies in social, cultural and educational responsibilities; cultural journalism understood as a thematic and singular segment in the macro field of journalism; and news values as factors applied to journalistic routines during the news selection. The methodology applied to the research was content analysis in a case study with participant observation, resulting in the collection of data that led us to identify in the team's routines the non-systematic application of news values in the production of the analyzed program and media inclusion as unprecedented news value.

Keywords: Cultural journalism. News values. Noticiability. Television.

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1 – Valores-notícia (geral) segundo vários autores	50
Quadro 2 – Proposta de valores-notícia para o objeto de estudo	51
Gráfico 1 – Percurso Metodológico	53
Quadro 3 – Modelo de espelho do Diversidade	53
Quadro 4 – Classificação de segmentos/linguagens noticiados no Diversidade	57
Quadro 5 – Frequência de conteúdo semanal por segmentos/linguagens	58
Tabela 1 – Frequência mensal de conteúdo por segmento/linguagem	58
Tabela 2 – Incidência de valores-notícia no conteúdo do Diversidade	59
Gráfico 2 – Frequência de sugestões de pautas aceitas	60
Gráfico 3 – Relação entre proximidade com a fonte e pautas aceitas	61
Gráfico 4 – Frequência de recomendação de pautas pela Direção Geral	61
Gráfico 5 – Similaridade entre os critérios de seleção de pautas por editorias	62
Gráfico 6 – Valores-notícia considerados para proposição de pautas	62

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. O PÚBLICO, O PRÓXIMO E O CULTURAL	16
1.1 Comunicação pública	16
1.2 A TV pública no Brasil.....	21
1.2.1 A TV pública na Paraíba	23
1.2.2 TV Câmara	24
1.2.3 TV Assembleia	24
1.2.4 TV UFPB	24
1.2.5 TV Cidade	25
1.2.6 TV Miramar.....	26
1.2.7 TV Itararé	27
1.3 Jornalismo de Proximidade.....	31
1.4 Jornalismo Cultural	33
1.4.1 Um pouco de história.....	38
2. CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE.....	40
2.1 Noticiabilidade: um olhar sobre as teorias	40
2.2 O que são valores-notícia?.....	46
2.3 A produção de notícias num segmento previsível.....	48
2.4 Valores-notícia no jornalismo cultural.....	51
3. DELINEANDO A PESQUISA	53
3.1 Percurso Metodológico.....	543
3.2 Classificação dos segmentos/linguagens.....	53
3.3 Aplicação de Questionários Individuais.....	59
3.4 Entrevista em Grupo Focal.....	62
4. ANÁLISES E DISCUSSÕES	64
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	753
5.1 A aplicação não sistemática dos valores-notícia na produção do programa.....	73
5.2 A inclusão como um valor-notícia inaudito.....	75
5.3 Uma bifurcação convergente.....	79
REFERÊNCIAS.....	83
APÊNDICES	89

INTRODUÇÃO

O jornalismo cultural, a despeito de ter uma reconhecida importância no âmbito da produção de informação, da divulgação da produção artística e da construção da criticidade, costumeiramente é associado ao campo do supérfluo ou dos conteúdos não prioritários pelas editorias dos meios de comunicação de massa. Como nos lembra Faro (2012), as matérias culturais são vistas como secundárias e tratadas, usualmente, como acessórias das demais editorias. Para ele, isso além de não encontrar resistência entre os profissionais do segmento, provoca uma baixa estima e aprofunda a falta de reflexão e entendimento sobre o assunto. Essa condição de segundo plano na comunicação, quase sempre relacionada apenas ao entretenimento devido a influência da indústria cultural, penaliza artistas e produtores na construção de um cenário receptivo às pautas culturais. No Brasil, assim como em outros países, a imprensa sempre priorizou as *hard news* em seus espaços, secundarizando os conteúdos caracterizados como pertencentes ao âmbito cultural, principalmente nos tradicionais espaços de radiodifusão.

Na Paraíba, essa realidade não é diferente, sendo refletida ao longo da história da nossa imprensa em espaços jornalísticos menores ou de cunho especial, como os segundos cadernos, as colunas assinadas por críticos, as resenhas e as notas. No rádio e na televisão, esses espaços têm sido ainda menores, considerando o valor comercial que o tempo nesses veículos representa. Coelho (2015) contextualiza essa tendência historicamente quando afirma que ainda nos primórdios do jornalismo moderno, no século XX, a atividade já era associada às receitas publicitárias e aos valores de mercado capazes de alimentar a ascensão das empresas de comunicação e, com isso, determinar as primeiras concessões editoriais. Ainda no campo televisivo, os conteúdos culturais são relegados ao último bloco dos telejornais e, quando esses espaços são abertos, ocupam sempre menos tempo do que as demais matérias policiais, políticas ou de outras áreas consideradas mais “sérias”. Como afirma Piza, na TV:

[...] programas culturais são raros também. Os telejornais só entram na área cultural quando há algum morto célebre, alguma exposição muito promovida que promete fazer filas na cidade ou, mais uma vez, alguma estreia chamativa no cinema para o fim de semana” (2003, p. 66).

Apesar de uma grande parcela dos conteúdos do jornalismo cultural se voltar ao factual das agendas de teatros, cinemas, editoras e eventos, o seu alcance em termos de importância social vai além desses registros. Para Golin (2009), na periódica revisão de

temas artísticos e culturais, o jornalismo alicerça e constrói a memória simbólica, confirmando sua condição de práxis narrativa marcada pela cultura profissional e pelo contexto em que está inserida. Esse viés simbólico é mais forte no segmento cultural, por se estender para além do seu próprio campo, interagindo com essas e outras áreas afetadas e construídas pela cultura.

Como o poder da indústria cultural é exercido também sobre a produção jornalística, o jornalismo cultural – em grande medida – carrega nos dias de hoje um caráter mais mercadológico do que propriamente reflexivo, sendo pouco voltado aos tratamentos mais aprofundados das artes e dos temas culturais. É inegável que o trabalho desenvolvido por veículos de comunicação no segmento de cultura deixou de ser o que era no início de sua história. Hoje, a produção de serviço é muito maior do que a de conteúdos interpretativos ou críticos. Há que se entender, segundo De Assis (2008), que os fatores que tornaram a produção jornalística da área muito mais pragmática do que reflexiva não podem ser pensados como um fenômeno isolado: eles acompanham, em larga escala, os acontecimentos que atingiram a própria cultura brasileira.

Por outro lado, não ter a obrigatoriedade da cobertura do factual permite ao jornalismo cultural montar uma espécie de acervo da memória imaterial do nosso povo, contribuindo para o fortalecimento da identidade cultural regional. Isso é obtido ao registrar não apenas o que a fugacidade das agendas culturais indica como prioridade, mas, também, o que carrega uma permanência atemporal, sem influência ou dependência mercadológicas, e, acima de tudo, de relevância para o identitário coletivo. Essa produção permite o fomento através da prática jornalística, de um registro para gerações futuras, principalmente após o advento da internet que proporciona arquivamento e disponibilização de conteúdo audiovisual não só no âmbito regional, mas para qualquer pessoa, de qualquer lugar do mundo, que tenha acesso à canais como o Vimeo, o Dailymotion e o Youtube¹, para citar três exemplos de repositórios audiovisuais.

Levando-se em conta que a práxis é uma etapa necessária na construção de conhecimento válido, sendo um complemento à teoria desenvolvida nos círculos acadêmicos, a possibilidade de desenvolver uma pesquisa em que esse diálogo ocorra, permite que ideias experimentadas no mundo físico possam continuar com uma contemplação reflexiva dos seus resultados no âmbito acadêmico e vice-versa. Por isso,

¹ Plataformas de compartilhamento de vídeos online, com sedes nos Estados Unidos e França.

a escolha do objeto de estudo para esta pesquisa – o programa Diversidade, produzido e exibido pela TV Itararé de Campina Grande – volta-se, fundamentalmente, para dois pilares: a reflexão acerca das práticas, rotinas e métodos da produção jornalística e a possibilidade de colaborar com os processos produtivos das instituições jornalísticas que possam valer-se do conhecimento advindo da pesquisa em suas práticas de produção.

O programa Diversidade

Na contramão do curso histórico já citado, no qual o jornalismo cultural ocupa um lugar de menor importância na produção noticiosa, há catorze anos a TV Itararé de Campina Grande (PB) criou em sua grade um programa totalmente voltado ao jornalismo cultural. Ocupando uma faixa de trinta minutos desde julho de 2007 e sendo exibido de segunda a sexta-feira, o Diversidade apresenta conteúdos diários sob diversos formatos – entrevistas, *stand-ups*, reportagens, agenda cultural, enquetes, entre outros – realizando a divulgação das várias linguagens artísticas como cinema, teatro, literatura, audiovisual, além de colunas opinativas e matérias que abrangem outros segmentos da cultura, além da arte, como filosofia, políticas públicas e comportamento.

Como um dos mais longevos telejornais culturais exibidos em TV aberta no estado da Paraíba, o programa tem sido utilizado pelos produtores, artistas e público da área cultural na região como um espaço de relevância para a disseminação das notícias relacionadas a esse setor, tendo se tornado um meio midiático de utilidade pública na cena artística de Campina Grande e região circunvizinha. Em sua prática, o Diversidade tem sido coerente com o que alguns estudiosos apontam: “o jornalismo cultural acompanha, como reflexo e agente propulsor, o fortalecimento do sistema artístico-cultural e a formação de um público consumidor” (GADINI, 2004, p. 27).

Do ponto de vista da noticiabilidade, o programa vem ao longo dos anos cumprindo pautas que fogem ao lugar comum agendado pelas rotinas usuais das emissoras de TV *mainstream*, sempre se apoiando na pesquisa de manifestações culturais e artísticas que representam a ampla e variada gama de criadores, produtores, eventos e expressões da cultura paraibana, posicionando-se na contramão do agendamento das assessorias impostas pelo mercado cultural. Os seus espelhos mesclam notícias de cunho factual com matérias atemporais, mas de relevância suficiente para merecer o registro jornalístico. Por essas e outras características, tem sido um programa construído sem norteamento de uma urgência conteudista, uma vez que quando essa velocidade em

noticiar o factual se sobrepõe ao senso crítico do jornalista, ele pode ficar refém da agenda. Traquina (2005, p. 112) alerta para isso ao afirmar que “quando os jornalistas ficam dependentes das fontes, podem ficar orientados para a fonte e, assim, ceder à tentação de escrever para a fonte, não o público”. É importante lembrar que o jornalismo cultural não é apenas registro. Não se inscreve a partir das datas redondas, aquelas que terminam em zero e servem para comemorar o centenário ou a morte de manifestações culturais, como afirma Pereira (2005).

A possibilidade de estudar o processo de planejamento, produção e avaliação de um produto final diário, exibido em TV aberta, também pode proporcionar novas compreensões sobre o funcionamento do campo jornalístico, oferecendo referências novas para o desenvolvimento de práticas em instituições de comunicação voltadas para a cobertura cultural. Além disso, reflexão sobre rotinas, métodos de apuração e processos de noticiabilidade na produção de um telejornal cultural regional diário também fortalece a cultura e o jornalismo de proximidade, se afinando com o que alguns pensadores da área já afirmam – “o fortalecimento da televisão regional é importante para que se tenha uma TV mais próxima da comunidade [...] e que faça com que as manifestações culturais dessas comunidades sejam compartilhadas por um número maior de pessoas da própria região” (PRIOLLI, 2007, p. 84).

Objetivos

Esta pesquisa parte de uma questão basilar para o entendimento do jornalismo cultural: quais os critérios de noticiabilidade nesse campo específico do jornalismo? O Objetivo Geral consistiu em identificar os valores-notícia aplicados na produção do programa *Diversidade*, a partir de material documental (audiovisual, digital e impresso) dos arquivos da emissora, como também a partir de entrevistas (individuais e grupais) aplicadas na equipe produtora do programa.

Detalhando os objetivos específicos, também estavam: analisar as rotinas de trabalho da equipe de produção, visando identificar práticas recorrentes que pudessem apontar para um método de seleção de pautas culturais; identificar e mapear a frequência com a qual os segmentos ou linguagens artísticas/culturais foram noticiados ao longo do recorte temporal proposto; e também apontar os principais valores-notícia usados pela editoria e direção do programa que nortearam a elegibilidade das pautas; refletimos,

ainda, a partir dos referenciais teóricos propostos, a relação entre a prática e a aplicação do conceito de valores-notícia no objeto de estudo.

No primeiro capítulo é apresentada a tríade conceitual sobre a qual erguemos nossa investigação: o jornalismo cultural (segmento no qual o objeto de estudo se enquadra); o jornalismo de proximidade (já que estudamos um programa televisivo regional); e o jornalismo e/ou comunicação pública (uma vez que a TV Itararé, que produz e exibe o *Diversidade*, é uma emissora pública). Uma revisão histórica desses conceitos foi realizada para uma compreensão mais completa dos problemas investigados na pesquisa.

No capítulo seguinte, tratamos do corpo teórico relacionado ao tema noticiabilidade. Como a literatura nessa área não carrega unanimidade conceitual em torno do que é noticiável, revisamos a bibliografia com o intuito também de oferecer uma abordagem advinda da própria pesquisa, sugerindo uma tabela de valores-notícia específicos para este estudo de caso.

O capítulo três apresenta o objeto de estudo detalhando sua história e características, sendo seguido pelo capítulo que aborda o aspecto metodológico da pesquisa, com o objetivo de levantar dados que apontem para uma compreensão do processo de produção e dos valores-notícia identificados no objeto de estudo.

Por fim, o capítulo quatro traz as análises e discussões dos dados obtidos durante a pesquisa, juntamente com reflexões acerca da relação entre teoria e prática no que concerne à presença dos valores-notícia no dia a dia da rotina jornalística. Como enunciado no final da dissertação, em “Uma bifurcação convergente”, encerro a jornada da pesquisa posicionando-me como partícipe ativo, desenvolvendo as discussões em uma narrativa que traz o olhar engajado, mas crítico, escrito em primeira pessoa. Essa conclusão baseada em impressões pessoais decorrentes da abordagem científica, foi adotada após as considerações da banca de qualificação – que apontou esse caminho como aceitável ao fechamento da pesquisa.

1. O PÚBLICO, O PRÓXIMO E O CULTURAL

Esta pesquisa não poderia prescindir de uma contextualização de três aspectos fundamentais para a compreensão do seu objeto de estudo. Como trata-se de um telejornal cultural de uma emissora regional, é necessário que consideremos a triangulação dos fatores indissociáveis no seu escopo: o jornalismo e/ou comunicação pública (já que a TV Itararé, produtora do Diversidade, é afiliada da TV Cultura de São Paulo, sendo ambas emissoras públicas, conforme conceituação que detalharemos a seguir); o jornalismo de proximidade (trata-se de uma produção de TV numa emissora que atinge Campina Grande e região circunvizinha); e o jornalismo cultural (segmento no qual o objeto de estudo se enquadra pelas características elencadas adiante).

1.1 Comunicação pública

Considerando o que seria Comunicação Pública, podemos chegar ao que é o Jornalismo Público. Sendo a primeira exercida com finalidades que não se atém aos pilares mercadológicos sobre os quais as emissoras de televisão comerciais usualmente estruturam suas grades de programação, o Jornalismo Público está atrelado a uma ideia de compromisso educacional, cultural e crítico da população, constituindo-se numa atividade voltada para o fortalecimento da cidadania a partir da informação. Envolvido nas rotinas de trabalho, poucas vezes o jornalista reflete acerca desses limites, até porque, como a própria legislação permitiu, há algo de turvo no horizonte das definições que deveriam delimitar comunicação pública, privada e estatal. Vamos inicialmente, portanto, pontuar alguns desses conceitos.

Partindo da Constituição Federal, em seu capítulo V, artigo 221 (BRASIL, 1988), que trata da Comunicação Social, embora o termo Comunicação Pública não seja usado, alguns dos princípios que devem nortear sua prática são estabelecidos no texto como exigências aplicáveis a todos os meios de radiodifusão criados no país. São quatro tópicos claros que determinam, entre outras coisas, que a programação das emissoras de radiodifusão dará preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas; promoverá a cultura nacional e regional; fomentará a regionalização da produção cultural, artística e jornalística, considerando os percentuais estabelecidos em lei; e respeitará os valores éticos e sociais da pessoa e da família.

Historicamente, o primeiro documento a tratar especificamente de comunicação pública no Brasil, dessa vez usando o termo televisão educativa, surge com o Decreto Lei 237, de 1967, que diz em seu artigo 13 que a televisão educativa se destinará à divulgação de programas educacionais, mediante a transmissão de aulas, conferências, palestras e debates. Em um parágrafo único, a seguir, também determina que esse meio de comunicação não terá caráter comercial, não exibirá qualquer propaganda, direta ou indiretamente, vedando inclusive o patrocínio dos programas transmitidos. O artigo 14 delimita quem pode executar esse serviço de televisão educativa: a União, os Estados, Territórios e Municípios, as Universidades Brasileiras e as Fundações constituídas no Brasil, desde que seus Estatutos não contrariem o Código Brasileiro de Telecomunicações. Nesses últimos casos, universidades e fundações, obrigatoriamente, deverão possuir recursos próprios para a empreitada. Como afirma Murtinho:

As primeiras televisões públicas foram definidas pela legislação como serviço de televisão educativa, a ser explorado pela União, estados, territórios, municípios, universidades e fundações, destinados estritamente à divulgação de programas educacionais, mediante a transmissão de aulas, conferências, palestras e debates. (Murtinho, 2009, p. 30)

Há uma certa dubiedade na aplicação do termo *público* no que se refere à comunicação em nosso país. Segundo Nazareno (2007), a televisão aberta é um serviço público, isto é, aberto a toda população, e pode ser explorado por emissoras comerciais, educativas e diretamente pela União. Por outro lado, existe um uso corriqueiro do termo para designar um tipo específico de emissora de comunicação. Em suas palavras:

No ordenamento legal existem a radiodifusão e a radiodifusão para fins exclusivamente educativos. A despeito das designações, educativo e não-educativo, convencionou-se também diferenciar as emissoras entre comerciais e estatais. Entre os radiodifusores, existe ainda a denominação de canais públicos atribuída de forma equivocada aos canais estatais, aqueles explorados por entidades com origem em alguma esfera da Administração Pública. Nesse rol, incluem-se desde a Radiobrás, empresa estatal do Poder Executivo, até a TV Câmara, integrante da estrutura administrativa da Câmara dos Deputados e exploradora direta do serviço de radiodifusão. A TV Cultura, de São Paulo, também é constantemente incluída no rol das "TVs públicas", sendo na verdade um canal estatal de caráter educativo. Talvez a denominação mais apropriada para denominar essas entidades seja "emissoras do campo público". (NAZARENO, 2007, p. 5)

Sendo assim, o termo público possui uma aplicabilidade dupla: primeiro, se refere a um serviço que é aberto à toda população já que as emissoras comerciais e as educativas o exploram mediante outorga e a União, mediante o ato de consignação do canal, uma vez que não faria sentido ela autorizar a si própria; segundo, designa empresas de comunicação não comerciais com finalidades claramente educativas e que não são, necessariamente, mantidas e geridas pelo Estado. Numa abordagem crítica dessa situação conceitual, Ramos (2007, p. 4) trata o assunto como atípico quando afirma que “o sistema privado de radiodifusão sonora de sons e imagens da Constituição brasileira é uma anomalia normativa e, como tal, está fora de lugar, como anômala é, também, a ruptura que o constituinte produziu entre o público e o estatal”. Para o autor, a nossa Carta Magna situa o público como normativamente indefinido, mais próximo do privado do que do estatal, e o estatal como algo que se confunde com o governamental, o que representaria uma perda da sua indissociável dimensão republicana.

Com o objetivo de simplificar o conceito e aplicar de forma clara o termo a este estudo, passaremos a considerar a designação *Comunicação Pública* como aquela exibida por emissoras sem fins lucrativos que produzem conteúdos voltados para a educação, a cultura e a cidadania, com liberdade e independência editoriais. Esse conceito estaria afinado com o que observa Nazareno:

Embora não haja definição na legislação brasileira para esse novo sistema, os exemplos de outros países do mundo mostram que os canais públicos são veículos de comunicação com independência administrativa e financeira do Poder Público. Diferencia-se ainda a televisão pública da estatal por aquela representar interesses – plurais – da sociedade, não necessariamente alinhados aos do Governo. (2007, p. 5).

As emissoras públicas seriam, assim, um espaço possível para a veiculação de vozes dissonantes e de uma comunicação polifônica, inicialmente dificultadas pelas leis de mercado e compromissos político-partidários das emissoras comerciais. Essa é uma concepção ideal da comunicação pública que, a despeito de estar desatrelada do vagão mercantilista, enfrenta também obstáculos e interferências das mais variadas ordens, inclusive econômica e política, na produção e manutenção de seus conteúdos. Conduzimos nossa compreensão da mesma, nesta pesquisa, a partir do que acreditamos ser o ideal de uma comunicação pública, como nas palavras de Cardoso e Carvalho (2016):

A TV pública remete a possibilidade de rompimento de uma situação consolidada há décadas e cria possibilidades de, por meio da educação e de fontes alternativas de comunicação, um despertar para interesses de conteúdos alternativos, inovadores e intelectualizados, contribuindo com a formação do cidadão e com sua visão mais crítica diante da sociedade na qual esteja inserido (p. 4).

Fica claro, pelo que a legislação nacional propõe, que a comunicação pública seria, portanto, o instrumento na esfera da comunicação social mais próximo de oferecer à população um conteúdo crítico, voltado para a construção de uma cidadania consciente. A esse respeito, em Marco sobre os Indicadores de Desenvolvimento da Mídia (UNESCO, 2010), aprovado pelo Conselho Intergovernamental do Programa Internacional para o Desenvolvimento da Comunicação (IPDC), a UNESCO avalia o desenvolvimento dos meios de comunicação em diferentes aspectos, inclusive, o do serviço público de radiodifusão.

Como característica definidora de tais serviços está a proteção “contra ingerência, principalmente de natureza comercial ou política, com relação a sua governança, orçamento e processo decisório editorial”. O Marco também afirma que o mandato desses meios implica em obrigações no sentido de assegurar que o público receba informações equilibradas em termos políticos, sobretudo em época de eleições. Além de citar que seja assegurado por esses meios um sistema de transmissão capaz de cobrir todo o território do país, atendendo a todas as regiões, culturas e grupos linguísticos, apontando como requisito para tanto que as pessoas tenham acesso aos meios de comunicação (recepção de transmissões, rede elétrica, acesso a telecomunicações). Mais adiante, também discorre sobre a sustentabilidade desses meios, ponto fulcral para a manutenção de uma rede de comunicação pública:

Em geral, a quantidade de publicidade veiculada pelos SPRs é limitada, ou inexistente. Devem ser gratuitos no ponto de distribuição ou disponíveis a um custo acessível à vasta maioria da população. Sua competência pode incluir, também, exigências para o fornecimento de cobertura jornalística abrangente e equilibrada; um fórum para o debate público; uma quantidade mínima de conteúdo gerado localmente (possivelmente com o uso de cotas) e uma programação criativa, diversa e original. Os SPRs podem ter algumas, porém não todas essas características; por exemplo, as estações comunitárias podem ter um mandato amplo de serviço público sem ter cobertura nacional. (UNESCO, 2010, p. 37).

A complexidade conjuntural, legal e conceitual nas quais esse segmento da comunicação está inserido fica mais óbvia quando comparamos o campo ideal com o campo da atuação e todas as dificuldades de aplicabilidade do proposto, tornando muitas vezes inexecutável sua execução a contento. Um cenário que segue a história das emissoras de TV públicas além dos limites geográficos e culturais. Vejamos, por exemplo, duas televisões públicas tornadas paradigmas nesse campo: a British Broadcasting Corporation (BBC) e a Public Broadcasting Service (PBS) dos Estados Unidos da América – a primeira um modelo de Televisão de Serviço Público e a segunda, um modelo de Televisão de Interesse Público.

O conceito de radiodifusão de serviço público (public service broadcasting) é bastante claro para os britânicos, tanto para a BBC como para as emissoras que têm finalidade comercial e fins lucrativos, pois o que as diferencia fundamentalmente são as formas de financiamentos – fundos públicos x publicidade comercial – e o que chamam de governança. Isso não impede a BBC de ser, em sua essência, estatal. A sua licença de funcionamento, renovada a cada 16 anos, é uma Royal Charter (Carta Real), outorgada pela rainha, a chefe de Estado. O que a publiciza é o fundo público, um tributo – e só o Estado pode cobrar tributos –, cujas receitas advindas das taxas que o público inglês paga vão direto para o caixa da empresa. (DINIZ, 2013, p. 30).

É Diniz (2013) quem nos lembra que nos Estados Unidos o sistema de televisão pública é propriedade de um grande número de organizações que têm como um de seus objetivos “reforçarem a descentralização e o desenvolvimento local”. Entretanto, assim como em outros países, nem todas as emissoras de televisão públicas existentes nos EUA tinham capacidade de produzir e ser autossuficientes em termos de programação, mesmo com a valorização de grades de programação regionalizadas, importantes para guardar e fomentar as características de cada localidade. Isso demandou um sistema de distribuição e interconexão adequado para essas emissoras, quando em 1968 foi proposta a criação de outra corporação privada, não lucrativa, constituída como cooperativa das estações de televisão: a Public Broadcasting Service (PBS).

Seja na Europa, nos EUA ou no Brasil, a sustentabilidade econômica segue como um dos problemas centrais das emissoras de televisão pública, numa confluência de fatores como programações não apelativas e limites em relação a anúncios publicitários, como veremos a seguir.

1.2 A TV pública no Brasil

O Observatório da Radiodifusão Pública da América Latina, em seu site oficial, afirma que as primeiras televisões públicas brasileiras foram definidas pelo Decreto nº 236 de 1967 como serviço de televisão educativa, que poderia ser explorado pela União, estados, territórios, municípios, universidades e fundações, sendo destinado estritamente à divulgação de programas educacionais, mediante a transmissão de aulas, conferências, palestras e debates. Previa, ainda, que a televisão educativa não deveria ter caráter comercial, sendo vedada a transmissão de qualquer propaganda, direta ou indiretamente, bem como o patrocínio dos programas transmitidos. Portanto, o serviço se caracterizaria pela finalidade e não pela titularidade da concessão.

Historicamente, a TV Pública no Brasil surgiu em 1968, em Pernambuco, com a criação da TV Universitária, sendo seguida pela criação da TV Cultura em 1969 – que tornou-se um referencial mundial em termos de televisão pública, tendo sido, em 2017, indicada pela emissora britânica BBC como o segundo canal de TV com melhor qualidade de programação do mundo, entre as 66 principais redes de televisão de 14 países, de acordo com uma pesquisa do Instituto Populus².

Valente (2009) indica o ano de 1967 como “o marco do parto da TV pública no Brasil”. Segundo o autor, embora a TV pública nacional já estivesse em gestação, é apenas neste ano que essa modalidade de comunicação pode ser considerada no país.

Adotamos como ponto de corte para tal afirmação a criação da Fundação Centro Brasileiro de TV Educativa (FCBTVE) e o início das atividades das emissoras educativas com o surgimento da TV Universitária de Pernambuco (TVU-UFPE). A implantação dessa experiência foi possibilitada pela edição do Decreto-Lei 236. (...) A norma estabelece expressamente o caráter não-comercial do serviço, vedando a veiculação de qualquer tipo de propaganda, direta ou indireta, e patrocínio. E restringe a exploração à União; estados, territórios e municípios; universidades brasileiras; e às fundações constituídas no Brasil, desde que em acordo com as limitações constantes no Código Brasileiro de Telecomunicações, exigindo destes dois últimos a comprovação de posse dos recursos necessários para a realização do empreendimento. Por

² Criado em 2003, o citado instituto se propõe a “fornecer conhecimento crítico por meio de expertise em pesquisa política, de reputação, corporativa e de consumidores e um conjunto de produtos e serviços de ponta”, conforme seu site oficial (<https://www.populus.co.uk/about/>).

último, o Artigo 15 determina ao Contel a reserva de canais em todas as capitais e cidades com mais de 100 mil pessoas. (VALENTE, 2009, p 59)

Já a TV Cultura foi criada em 1969, a partir do surgimento da Fundação Padre Anchieta, sua mantenedora, após meses de transmissões experimentais, sendo instituída e mantida pelo poder público, trazendo em seu estatuto a condição de ser uma entidade de direito privado, com seu rumo desvinculado das vontades políticas dos governos estaduais. A emissora surgia como uma alternativa contundente ao sistema de comunicação televisivo comercial já em pleno fôlego no Brasil:

Teleaulas, musicais, esporte, livre imprensa, programas de opinião, documentários, cinema. Desde o princípio de sua atuação, a Fundação Padre Anchieta priorizou temas urgentes e inéditos para contribuir com a formação de uma cidadania brasileira qualificada. Como foi o caso do "Curso de Madureza Ginásial": uma série de teleaulas que concorria com novelas nos outros canais da TV pública da época. Cada aula tinha duração de 20 minutos e sua audiência era recorde. (FUNDAÇÃO PADRE ANCHIETA, 2017, n.p.).

O sucesso da TV Cultura logo deu origem a uma rede que hoje conta com mais de 100 afiliadas em território nacional, sendo a TV Itararé de Campina Grande uma delas. A despeito disto, enfrenta (como quase todas as emissoras de televisão pública no mundo), dificuldades para viabilizar sua sustentabilidade, principalmente porque os investimentos não podem ser oriundos de publicidade e, quando o são, a mesma obedece a uma regulamentação rígida, baseada na legislação vigente sobre a área e nas diretrizes internas do veículo, como nos mostra o manual de Normas da Rede (comerciais, programação e uso de marca) em seu artigo 5.6. Nele são vedadas, entre outras coisas: mensagens que exibam bebidas alcóolicas, agrotóxicos, armas e cigarros; mensagens de qualquer produto que não tenha registro e aprovação nos órgãos públicos municipais, estaduais e federais e remédios que necessitem de receita médica; entre outras.

Mesmo com uma programação infantil reconhecida pela qualidade e premiada internacionalmente, a TV Cultura é rígida quanto a exploração comercial dessa faixa do público, distinguindo-se pela clareza e exigência de suas afiliadas no cumprimento de normas como a que só autoriza exibição de VTs institucionais de possíveis anunciantes/apoiadores de sua programação:

Para todos os programas do gênero infantil, o filme veiculado no intervalo deverá ser institucional, ficando proibida a veiculação de mensagens comerciais destinadas às crianças que se baseiem no apelo explícito de pedidos

aos pais para que comprem o produto. (FUNDAÇÃO PADRE ANCHIETA, 2017, n. p.).

Alguns anos após o surgimento da TV Cultura, em 1975, foi publicada a Lei 6.301, que autorizou a União a criar a Empresa Brasileira de Radiodifusão (Radiobrás), o que ocorreu um ano após por meio do Decreto 77.698/1976. Conforme Valente (2009) “à nova empresa foi estabelecida como missão: (1) a operação e exploração comercial das estações de propriedade do governo federal; (2) a criação, operação e exploração de sua própria rede de estações retransmissoras; (3) a produção e difusão de programas informativos e de recreação; (4) e a radiodifusão de programas educativos produzidos pelo FCBTVE ou por outras produtoras de propriedade estatal”.

Hoje, sob a definição de TV pública, contamos com mais de 40 canais universitários no Brasil, além das estaduais (cerca de 20), as comunitárias (bem mais de uma centena) e os canais dos poderes legislativo e judiciário. Os canais comunitários são administrados por uma organização não-governamental e objetivam dar voz às comunidades, sejam bairros, grupos ou cidades. Os primeiros canais brasileiros com essa característica foram o TV Viva, em Olinda, Pernambuco (1983), e o Maxambomba, na Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro, um ano depois. A programação de ambos era composta por vídeos realizados nos bairros e praças locais.

1.2.1 A TV pública na Paraíba

Considerando as definições anteriormente vistas, a Paraíba conta atualmente com cinco emissoras de televisão não comerciais que atendem as atribuições específicas de emissoras públicas, educativas ou governamentais/estatais, exibindo programação local em sinal aberto e/ou via TV por assinatura: a TV Câmara, a TV Assembleia, a TV UFPB, a TV Cidade e a TV Itararé. Destas, apenas a última é sediada em uma cidade do interior, Campina Grande, sendo que os demais meios de comunicação possuem sede na capital. Temos ainda a TV Miramar, do Sistema Arapuan de Comunicação, que apenas retransmite o sinal da TV Cultura, também em João Pessoa. Detalhamos um pouco da história desses meios a seguir.

1.2.2 TV Câmara

A TV Câmara, inaugurada em 14 de dezembro de 2012, é ligada à Câmara de Vereadores pessoense e tem seu sinal exibido nos canais abertos 52 UHF e 40.3 UHF, além dos canais 4 (digital) e Canal 23 (via NET). Segundo Maior (2017, p. 266), a emissora tem “o objetivo de divulgar as funções institucionais, trabalhos legislativos, atividades parlamentares de seus vereadores, além de difundir valores éticos, morais, sociais, artísticos e culturais”, como também realizar transmissões ao vivo das sessões plenárias. Além da cobertura do plenário da casa, a TV Câmara tem em sua grade diária algumas produções da TV Câmara Federal, graças a um convênio entre ambas, e programas que ela mesma produz como “Nosso Bairro”, “Informe Cidadania”, “Câmara Aberta”, “Câmara Debate”, “Câmara Notícias” e “Você pergunta, o vereador responde”.

1.2.3 TV Assembleia

A TV Assembleia, criada e mantida pela Assembleia Legislativa da Paraíba, foi inaugurada em 6 de maio de 2004, com o objetivo de ser um instrumento de transparência do poder legislativo paraibano. Entre os programas da emissora estão: “Paraíba Feminina”, “Sétima Arte”, “Saúde em Pauta”, “Prata da Casa”, “Agora é Lei”, “Plenário Eletrônico”, “Bola na Rede”, “Testemunhos da História”. Desde dezembro de 2013, o telespectador da TV Assembleia pode acompanhar as atividades da Casa de Eptácio Pessoa e toda a programação da emissora em sinal digital HD e aberto pelo canal 40.2, estando também disponível através do canal 11 (da NET TV), canal 340.2 (VIVO TV) ou pelo portal da ALPB. De acordo com o site oficial da ALPB, a TV Assembleia “precisa dessa aproximação com o povo para que as dúvidas e demandas dos cidadãos possam provocar ações parlamentares”.

1.2.4 TV UFPB

A emissora foi criada em 17 de fevereiro de 2005 e é mantida pela Universidade Federal da Paraíba, tendo funcionado em caráter experimental desde o dia 18 de janeiro de 2005, passando a ser oficialmente transmitida, como afiliada do Canal Futura, através do canal 22 da NET - operadora a cabo. No dia 7 de janeiro de 2009, David Fernandes, diretor do Polo Multimídia da UFPB, confirmou a concessão do canal aberto.

A TV UFPB passou a transmitir de maneira experimental o seu sinal na TV aberta em 18 de maio de 2012 e iniciou oficialmente suas transmissões em TV aberta no dia 11 de novembro, junto da inauguração de seu novo prédio no Campus Universitário. No ar pelo canal 43 UHF em parceria com a TV Brasil, exibiu a partir daí programas como “De Portas Abertas” (único programa de teledramaturgia no ar na televisão paraibana), “Entre Meios” (programa dedicado ao cenário cultural paraibano em suas diversas manifestações), além da série “Olhar” (um programa de entrevistas que em sua primeira temporada abordou a Internet na visão de pensadores da comunicação como Muniz Sodré, Eliseo Verón, Antônio Fidalgo, entre outros), bem como interprogramas de caráter informativo e de utilidade pública como o “Previdência e Você” produzido em parceria com o INSS e o “Controle Cidadão”, em parceria com o Tribunal de Contas do Estado da Paraíba.

Ligada à Superintendência de Comunicação Social da UFPB, a televisão educativa da Universidade Federal da Paraíba hoje transmite sua programação em sinal aberto numa parceria de conteúdo com a TV Brasil, através do canal 43.1. Conforme seu site oficial:

Assim como a TV BRASIL, a TV UFPB pretende atender aspirações da sociedade brasileira por uma televisão pública, independente e democrática, objetivando oferecer uma programação de natureza informativa, educativa, cultural, artística, científica e formadora da cidadania. (TV UFPB, online).

A grade de programação local da emissora contempla atualmente conteúdos informativos, educativos, culturais, artísticos e científicos voltados para o fortalecimento e formação da cidadania, um requisito comum às emissoras públicas. Entre os programas da grade estão: “Jornal Universidade”, “Nordeste, Sim Sinhô”, “UFPB Acontece” e “Paulo Freire Vivo”.

1.2.5 TV Cidade

A TV Cidade João Pessoa é vinculada e subordinada à Secretaria da Comunicação Social e Secretaria de Educação, Cultura e Esportes da Prefeitura de João Pessoa. Sua programação é transmitida através do canal 8 da TV a cabo NET e tem, entre os seus objetivos, descritos em seu site como missão:

Promover o desenvolvimento humano e o respeito a valores éticos e a democratização dos saberes; promover Educação e Cultura enquanto meios

capazes de elevar a qualidade de vida da população; e promover o veículo Televisão enquanto fonte de Educação e Cultura. (Prefeitura Municipal de João Pessoa, online).

Como trata-se de um órgão de comunicação vinculado ao poder público municipal, figura entre seus objetivos “Fortalecer a política pública de comunicação da Administração Municipal”, “Estimular o diálogo e a convergência de ações entre Sociedade Organizada e Poder Público” e “Difundir programas e projetos educacionais realizados no município de João Pessoa”, sendo, portanto, assim como a TV Assembleia, um meio de comunicação com claro conteúdo político.

1.2.6 TV Miramar

A TV Miramar foi a primeira emissora de televisão educativa da Paraíba. Sua história começa em outubro de 1989 quando a Fundação Virgínius da Gama e Melo, ligada na época à Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e aos Institutos Paraibanos de Educação (Ipê), coloca o canal 4 VHF no ar. Inicialmente operando como retransmissora da extinta TVE Brasil, o projeto era transforma-la em emissora. No final de 1997, o canal 4 foi desativado tendo sido reativado em 1998, saindo do ar logo em seguida.

Só em meados de 2003, ainda na qualidade de retransmissora, o canal 4, sob o nome fantasia de TV Miramar, passou a produzir programação local. Em fevereiro de 2005, a Fundação Virgínius da Gama e Melo firmou convênio com a Câmara Municipal da capital paraibana para exibição de programas da TV Câmara de João Pessoa no canal 4 (VHF). Pelo convênio, o canal ganhou um novo transmissor, o que garantiu uma melhor imagem e maior alcance. Em março de 2005, foram ao ar, ao longo da programação, trechos da programação da TV Câmara, algum tempo depois os programas passaram a ser exibidos em horários pré-determinados. Em maio de 2009, o convênio acaba e os programas da TV Câmara deixam de ser exibidos na emissora.

Em 1º de maio de 2010, a emissora passou apenas a retransmitir a programação da TV Brasil integralmente. Em outubro de 2011, a emissora assina contrato com a Rede Mundial para a transmissão integral de seu sinal, substituindo então a TV Brasil. No dia 17 de dezembro de 2012, a TV Miramar deixou de retransmitir a Rede Mundial e passou a retransmitir integralmente o sinal da TV Cultura. No dia 10 de novembro de 2017, a TV Miramar lança seu sinal digital e, atualmente, está sem programação local.

1.2.7 TV Itararé

A TV Itararé foi fundada em 29 de setembro de 2006, tendo como mantenedora a Fundação Pedro Américo, braço da *holding* UNIFACISA, empreendimento da área de educação superior de Campina Grande. A emissora passou a atuar oferecendo uma grade local inaugural de quatro programas diários: “Itararé Notícias” (telejornal em duas edições), “Itararé Esportes” (telejornal esportivo com uma edição diária), “Diversidade” (programa de jornalismo cultural diário em uma única edição) e “Ponto a Ponto” (*talk show* também diário exibido uma vez ao dia). Logo após essa programação de estreia, a emissora ampliou a oferta de conteúdo passando a produzir programas que iam do educativo, como o “Café, Poesia e Filosofia” (com palestras sobre filosofia e artes), passando pelos musicais como “Seis e Meia na TV”, “Trilha Sonora” e “Itararé Especial”, até as coberturas esportivas sazonais como a “Copa de Futebol de Pelada” e, recentemente, a “Liga Ouro de Basquete” e o torneio NBB.

A emissora possui dois departamentos de produção de conteúdo: o jornalístico e o cultural, sendo este denominado de Departamento de Programação. São setores que se diferenciam pela produção jornalística das *soft* e das *hard news* – o Departamento de Jornalismo sendo o responsável pelas últimas. Em ambos trabalham jornalistas com formação acadêmica, alguns com especialização ou mestrado, totalizando hoje 19 profissionais e dois estagiários.

Em levantamento feito pela própria emissora (2015) a cobertura do seu sinal atinge em Campina Grande os bairros: Centro, Prata, São José, Liberdade, Malvinas, Cinza, Verdejante, Alça Sudoeste, Major Veneziano, Bairro das Cidades, Catingueira, Três Irmãs, Cinza, Rocha Cavalcante, Dinamérica, Santa Rosa, Jardim 40, Cruzeiro, Santa Cruz, Presidente Médice, Velame, Novo Cruzeiro, Distrito dos Mecânicos, Itararé, Catolé, Estação Velha, Jardim Paulistano, Rosa Cruz, Mirante, José Pinheiro, Monte Castelo, Santo Antônio, Glória, Castelo Branco, Jardim Tavares, Bairro das Nações, Alto Branco, Conceição, Palmeira, Jeremias, Bodocongó, Santa Barbara, Quarenta, Tambor e Ligeiro.

Também as cidades circunvizinhas: Queimadas, São José da Mata, Puxinanã, Montadas, Areial, Esperança, Lagoa de Roça, Lagoa Seca, Galante. Desde 2018, a TV Itararé também exhibe sua programação nas cidades de Sousa e Patos, nos canais 18.1 e 18, respectivamente.

Liberdade criativa e jornalismo autoral

Embora as diretrizes editoriais da TV Itararé sejam permeadas por uma liberdade temática, com restrições apenas aos conteúdos não recomendados pelo regimento da cabeça de rede (TV Cultura), por sua vez orientada pelos parâmetros da Fundação Padre Anchieta – que prezam pelo estímulo à cidadania através de uma programação voltada para a educação e a cultura – nos deteremos um pouco na relação que o objeto de estudo da pesquisa mantém com essa condição.

Uma das peculiaridades do modo de produção do Diversidade foi a composição da sua equipe de produção. O programa, tão logo foi esboçado e proposto à Direção Geral da TV Itararé e da Fundação Pedro Américo, e aprovado, passou a ser produzido por uma equipe de dois jornalistas (Saulo Queiroz e Sueli de Sá), duas estagiárias (Thaise Carvalho e Pollyane Mendes), um locutor (Alexandre Lima), um cinegrafista (Charles Dias), um motorista/auxiliar técnico (Expedito Júnior) e dois editores de imagem (Genisson Saúva e Márcio Gonzaga). O que poderia ser suficiente para dar conta de um programa diário de meia hora, mostrou-se limitado considerando todas as outras demandas do Depto. de Programação como criação de vinhetas, chamadas e outros programas culturais como os hoje extintos Seis e Meia na TV (musical) e Café, Poesia & Filosofia (educativo).

Essa limitação quantitativa levou a gestão da programação a distribuir as tarefas da equipe de uma forma completamente diferente dos padrões de uma redação usual, onde as tarefas são divididas na linha de produção jornalística de maneira muito delimitada: pauteiro ou produtor, repórter, editor de texto, editor de imagens, editor geral. Numa conjuntura de recursos humanos mais restritos, os limites se dissolveram e as atividades dos jornalistas passaram a ser múltiplas – algo que implicou em acúmulo de funções, mas que, no saldo final histórico do programa, mostrou-se um trunfo, um diferencial no perfil dos seus colaboradores. Nesse sentido, os jornalistas da equipe sentiram-se instigados a atuar em várias frentes, tomando as circunstâncias apresentadas como possibilidades de aquisição e aplicação de conhecimento prático, mesmo com o acréscimo de responsabilidades.

Ao longo desse tempo, portanto, não só os jornalistas formados e efetivos no quadro de contratados do Departamento de Programação atuavam em várias funções, os voluntários e estagiários também. De uma maneira sintética, os jornalistas do Diversidade tinham uma responsabilidade que ia de uma ponta a outra da rotina produtiva, pautando,

indo a campo gravar entrevistas para as matérias e finalizando o processo na edição. Importante registrar que, mesmo orientados e acompanhados pela direção do programa, os colaboradores (efetivos ou não) gozavam de uma liberdade criativa e autoral rara no cenário da comunicação campinense, permitindo abordagens e tratamentos de conteúdo que os levaram a premiações e reconhecimento público na comunidade jornalística e cultural. Com o avanço da produção jornalística online sabemos que esse modo de atuação do profissional de jornalismo assumiu um caráter multitarefas, configurando uma precarização das relações de trabalho, mas em meados de 2007, pelo menos nas redações de emissoras de televisão locais, o trabalho era nitidamente dividido em funções e conduzido pelas editorias e direções de forma menos flexível, criativamente falando.

Outro aspecto importante que ajudou a desenhar o perfil típico dos componentes da equipe de produção do programa foi a afinidade com o setor cultural. Nos processos seletivos, diga-se de passagem, esse elemento era um fator preponderante para que o candidato ou candidata obtivesse aprovação. Com algumas exceções, sempre foi patente a presença na equipe de jornalistas/artistas atuando em carreiras paralelas como cantores, músicos, produtores audiovisuais, atores e escritores. Nayara Brito, Thaise Carvalho e Hermano Júnior atuavam como atores; Carla Batista como cantora; Alexandre Lima regia bandas marciais; Rebeca Zavaski produzia curtas-metragens; Saulo Queiroz escrevia, dirigia e atuava em teatro. Fernanda Lacerda era criadora no artesanato. Além destes ligados ao segmento de cultura, o programa também contou com a expertise de colaboradores voluntários: Vladimir Silva (música clássica), Helton Paulino e Nathan Cirino (cinema), Bruno Gaudêncio e José Mário (literatura), Rodrigo Motta (games), Anderson George e Lydia Soares (moda), Elizabete Veloso (gastronomia). E ainda um time de jovens estagiários dos cursos de Jornalismo (UEPB) e Educomunicação (UFCG) formado por Amanda Falcão, Aline Lima, Claire Muller (estagiária da Alemanha), Emanuely Nogueira, Ênio Marx, Felipe Ramon, João Henrique, Klever Lemos, Larissa Sonally, Leandro Pedrosa³, Marcelo Henrique, Marília Muniz, Paulo Ítalo⁴, Ohara Abrantes, Sandro Manguiera⁵, Thayze Fernandes e Weldeciele Lima.

Considerando que o campo do jornalismo cultural também exige do jornalista, como em qualquer campo temático, um preparo específico, capaz de o deixar apto a cobrir o segmento com a devida propriedade, o staff formado em torno do Diversidade facilitou

^{3/4/5} Estagiários posteriormente contratados para o quadro de jornalistas da emissora.

as dinâmicas produtivas por constar de indivíduos que possuíam relações prévias com o segmento cultural. Para o contato diário com atores, artistas plásticos, músicos e bailarinos, orienta SIQUEIRA (2007), é necessário despertar para linguagens filosóficas, corporais, sonoras, cênicas e literárias. Então, trabalhar com jornalismo cultural é trabalhar também com formas de arte, com a esfera do simbólico e paralelamente se reeducar no convívio com esses universos, o que foi possível dada a configuração da equipe do programa.

O engajamento a uma causa cultural, potencializado pela atuação nas artes ou pela identificação dos colaboradores com o segmento do jornalismo cultural, foi um elemento facilitador para a dinâmica do programa, permitindo uma dose essencial de entusiasmo pelas pautas e um compromisso com uma produção de caráter autoral, onde as vozes dos jornalistas, estagiários e voluntários davam ao conteúdo uma assinatura particular sobre assuntos e personagens públicos. No entendimento de Sousa (2006), encontramos indicadores de que esse caminho da emissora e do programa estão alinhados com um conceito contemporâneo de comunicação regional ou de proximidade:

A compreensão de televisão regional contempla cinco características: empreendedores locais; autonomia em relação a grade de programação da rede a quem se afilia; liberdade de comercialização de espaços mediante uma tabela de preços definida em função das características regionais; investimento permanente na construção e consolidação de uma grade própria de programação; e liberdade de criação e construção de um jeito de fazer próprio, sem compromissos com os padrões técnicos e estratégicos pré-estabelecidos.”
SOUSA (2006, p. 109).

A autonomia da programação, guardadas as restrições normativas da Fundação Padre Anchieta, tem sido respeitada; o investimento para a consolidação de uma programação própria que exprima a cultura regional também, sendo o *Diversidade* um *case* de sucesso nesse sentido; e a liberdade de criação independente de uma padronização técnica e até mesmo de linguagem imposta pela rede da mesma forma. Apenas a “liberdade de comercialização” de espaços tem sido, ao longo da história da TV Itararé, limitada pelas normas que regulam as emissoras de TV pública, restringindo a captação de recursos entre empresas de cunho comercial varejista, notadamente ávidas por uma publicidade mais agressiva de estímulo inequívoco ao consumo, inclusive infantil.

1.3 Jornalismo de Proximidade

No jornalismo, o entendimento de proximidade é levado com frequência a uma dimensão essencialmente estratégica, quer seja como valor-notícia orientador dos critérios noticiosos do jornalista, quer ainda como um produto comercial. Camponez (2002) nos traz reflexões antropológicas sobre a importância da fronteira para a representação das noções de ‘nós’ e de ‘outros’, levando em consideração que o próximo, em jornalismo, é também a representação que o mediador faz do seu território e, conseqüentemente, dos destinatários das suas mensagens. Nesse sentido, a imprensa local e regional é tanto vocação como intencionalidade. Ele também articula ideias em torno da especificidade do jornalismo de proximidade que seria funcionar como centro de dados disponíveis de uma região e de desempenhar um papel de elo comunitário entre seu público.

Estes dois aspectos dialogam eficazmente com nosso objeto de estudo, principalmente quando consideramos que o programa Diversidade tem sido, em seu canal no Youtube e em outras plataformas como o Facebook, um repositório de conteúdos relacionados à cultura regional disponível para consulta e usos os mais variados, como por exemplo, trabalhos voltados a pesquisa no ensino básico e superior. Ademais, por noticiar diariamente as principais ações de cunho artístico e cultural de Campina Grande e circunvizinhança, acaba tornando-se um instrumento de atualização do público quanto ao que é produzido na cidade nas artes cênicas, visuais, literárias, audiovisuais, musicais e nos setores da moda, gastronomia, jogos digitais, memória e comportamento.

Também utilizamos como suporte teórico da pesquisa o entendimento de jornalismo de proximidade proposto por Sousa (2002) que recorre a três conceitos que marcam a identidade da comunicação social regional:

- a territorialização: considerando o território – espaço físico, área geográfica – como um denominador comum dos conteúdos dos media locais;
- a comunidade: entendendo-a como um conjunto de pessoas em contato próximo, que partilham valores, interesses comuns;
- e a vizinhança, conceito que se relaciona com o de proximidade, já que a comunicação social, local ou regional, ocorre próxima, física e mentalmente, das pessoas em interação.

O Diversidade também se enquadraria, de acordo com a compreensão de Camponez (2002, p.), naquilo que ele classifica de “comunicação social identitária, regional e local, enquanto meio privilegiado na afirmação e no fortalecimento de comunidades e/ou de culturas locais”. O caráter de fortalecedor identitário do programa deve-se ao fato do mesmo fomentar através de suas pautas a produção cultural local, ajudando a consolidar o patrimônio simbólico e imaterial regional com seus conteúdos. Isso é reforçado pela variada gama de temáticas pautadas não só pela agenda de eventos, como também pela preocupação em registrar artistas e expressões que estão fora da programação de emissoras de TV comerciais.

É importante salientar, entretanto, que a conceituação de proximidade tem se modificado com o avanço das pesquisas sobre o tema, reconfigurando abordagens e dilatando os limites dessa territorialidade para além das fronteiras geográficas, graças a internet.

Para lá das dimensões geográficas, surge um novo tipo de território, que pode ser de base cultural, ideológica, idiomática, de circulação da informação etc. Dimensões como as de familiaridade no campo das identidades histórico-culturais (língua, tradições, valores, religião etc.) e de proximidade de interesses (ideológicos, políticos, de segurança, crenças etc.) são tão importantes quanto as de base física. São elementos propiciadores de elos culturais e laços comunitários que a simples delimitação geográfica pode não ser capaz de conter. (PERUZZO, 2005, p. 74).

Esse novo estado das relações de comunicação tem sido constatado no *feedback* recebido via *web* dos conteúdos do Diversidade publicados no Youtube. Reportagens que inicialmente eram consideradas de interesse apenas de um público geograficamente mais próximo, receberam números significativos de visualizações de diversas partes do Brasil, comprovando a permeabilidade fronteira antes impraticável pelos limites geográficos. Reportagens⁶ como a história do artesão de gaiolas José Antônio, de Campina Grande, e das crocheteiras de Areial, além de terem alcançado cerca de 314 mil e 185 mil visualizações respectivamente, apresentam dezenas de comentários de várias regiões, atestando que os limites já não são geográficos e que as comunidades também se estabelecem por identificação, interesse e até ideologia.

⁶ Reportagens disponíveis no canal do programa Diversidade no Youtube. Dados das visualizações referentes ao dia 05/02/2021. (www.youtube.com/programadiversidade).

1.4 Jornalismo Cultural

Torna-se mister, antes de refletir sobre os conceitos de jornalismo cultural, entender o que seria cultura e como ela é incorporada ao jornalismo. É Laraia (1986) quem nos lembra que a cultura é um traço da humanidade que se desenvolveu simultaneamente com o próprio equipamento biológico, sendo algo tão típico da nossa espécie quanto o bipedismo, a capacidade criativa e, paralelamente aos nossos avanços desde a pré-história, o próprio avultamento do órgão que nos elevou à categoria de *homo sapiens*: o cérebro. Esse conceito encontra eco na abordagem antropológica de Malinowski ao defender a ideia de que a teoria da cultura deve partir do princípio de que somos seres biológicos e, como tal, subjugados às adversidades e bonanças do nosso ambiente, capaz de moldar nosso comportamento e produzir, com isso, o que chamamos cultura.

Os seres humanos são uma espécie animal. Estão sujeitos a condições elementares que tem de ser atendidas, de modo que os indivíduos possam sobreviver, a raça continuar e os organismos em conjunto ser mantidos em condições de funcionamento. Ademais, com sua bagagem de artefatos e sua capacidade de produzi-los e aprecia-los, o homem cria um ambiente secundário. (MANILOWSKI, 2009, p. 46).

Ainda segundo o autor, o fato essencial da cultura é a organização dos seres humanos em grupos permanentes e, por isso, toda ação humana efetiva conduz ao comportamento organizado. Um jornal, um portal, uma emissora de TV ou de rádio são, portanto, produtos da cultura humana por se constituírem em organizações para a produção da notícia, uma ferramenta essencial às sociedades pelas razões já conhecidas como o monitoramento das instituições políticas e estatais e a propagação de notícias e informações de utilidade pública que ganharam ao longo da evolução da imprensa um caráter funcional imprescindível para a manutenção das democracias contemporâneas. Como também o são um grupo de teatro, uma editora que publica livros, um sindicato de profissionais da dança e tantos outros exemplos dentro e fora do âmbito cultural.

Outros conceitos de cultura também podem ser evocados para que possamos compreender, posteriormente, a definição em voga de jornalismo cultural. Segundo Thompson (2018), há duas famílias de definições que competem pela supremacia. Uma, afirma o autor, vê a cultura como composta de valores, crenças, normas, racionalizações, símbolos, ideologias, ou seja, produtos mentais. Já a outra, define cultura como o modo

de vida total de um povo, suas relações interpessoais, bem como suas atitudes. É corrente, ainda, uma associação do termo cultura ao acúmulo de conhecimento ou erudição, quando nos referimos a alguém afirmando que este ou esta possui cultura, o que não deixa de ser um equívoco conceitual, já que trata-se de um bem inerente a todo ser humano, guardadas as diferenças de nacionalidade, classe social e até mesmo raça, o que implica entender que há uma multiplicidade de culturas e não apenas um modelo determinado pelos padrões estéticos ocidentais baseados em música clássica, cânones literários ou parâmetros das artes reconhecidas crítica e academicamente. Nesse sentido, Teixeira aponta para o fato de que

Na história recente da humanidade o termo cultura tem sido empregado de diversas maneiras, como sinônimo e/ou antônimo do conceito de civilização; como noção limitada precisando de acréscimo para sua compreensão (ex.: “cultura das artes”, “cultura pedagógica”, “cultura das ciências” e etc.); como distintivo de classe (ex.: cultura erudita X cultura popular); como algo que pode ser interpretado, porém, não pode ser explicado. (TEIXEIRA; DIAS, 2010, p. 123).

A própria forma de transmissão de conhecimento, algo cultural, varia e mesmo com os paradigmas que institucionalizam padrões educacionais nas escolas e universidades do mundo, não é possível desvincular do bojo cultural métodos de perpetuação dos saberes não formalizados como a transmissão oral e as manifestações tribais ou de comunidades não inclusas, num contexto contemporâneo, no compartilhamento de informação e conhecimento por meios digitais.

Para fins desta pesquisa, e considerando a variedade conceitual do termo, também entenderemos cultura a partir do que Muniz Sodré nos propõe quando atenta para o fato de que o termo, segundo os antropólogos Kroeber e Kluckhohn, tem catalogadas mais de 150 definições, “que só fazem atestar a natureza movediça e tática do conceito, tornando-a uma dessas palavras metafóricas (como por exemplo, liberdade) que deslizam de um contexto para outro, com significações diversas”.

É justamente esse “passe livre” conceitual que universaliza discursivamente o termo, fazendo de sua significação social a classe de todos os significados. A partir dessa operação, cultura passa a demarcar fronteiras, estabelecer categorias do pensamento, justificar as mais diversas ações e atitudes, a instaurar doutrinariamente o racismo e a se substancializar, ocultando a

arbitrariedade histórica de sua invenção. É preciso não esquecer, assim, que os instáveis significados de cultura atuam concretamente como instrumentos das modernas relações de poder imbricadas na ordem tecno-econômica e nos regimes políticos, e de tal maneira que o domínio dito “cultural” pode ser hoje sociologicamente avaliado como o mais dinâmico da civilização ocidental (SODRÉ, 1983, p. 8).

Admitindo a polissemia do termo, consideramos por fim as reflexões marxistas em torno da cultura, principalmente por a compreendermos também como um instrumento de poder, transposto para o campo das lutas de classe indissociável da própria história humana. É Trotski (1981, p. 52) quem afirma que “a cultura se desenvolveu graças à luta do homem contra a natureza, pela sua existência, pela melhoria de suas condições de vida. Mas partindo desse mesmo princípio também se desenvolvem as classes”, o que nos conduz a não subtrair esse entendimento, ainda mais no contexto do jornalismo cultural tão associado ao campo da indústria cultural e dos produtos midiáticos e artísticos de massa nos veículos e plataformas *mainstream*.

A estrutura classista da sociedade determinou, na medida decisiva, o conteúdo e a forma da história humana, isto é, as relações materiais e seus reflexos ideológicos. Isto significa que a cultura histórica assumiu um caráter de classe [...] Aqui existe efetivamente uma profunda contradição. Tudo aquilo que foi conquistado, criado, construído pelo esforço do homem e que serve para aumentar seu poder, é cultura. Mas como não se trata do homem considerado individualmente, mas o homem considerado socialmente, como a cultura é um fenômeno sócio-histórico pela sua natureza, e como a sociedade histórica tem sido e continua a ser uma sociedade de classes, a cultura acabou se tornando o instrumento fundamental da opressão de classe. Marx dizia: “As ideias dominantes numa época são essencialmente as ideias da classe dominante daquela época”. Isto também vale para a cultura no seu conjunto (Trotski, 1981, p. 52).

Partindo dessas considerações e admitindo a pluralidade de outras abordagens sobre o termo cultura, podemos passar para o conceito de jornalismo cultural com alguma base, mesmo entendendo que o segmento em suas definições usuais também é afetado por certa polissemia. Atentando para o fato de que o jornalismo num sentido mais amplo precederia o jornalismo cultural enquanto segmento de uma macro área.

Desde a invenção da máquina de impressão em tipos móveis, mais conhecida como imprensa, pelo alemão Johannes Gutenberg (1396-1468), no século XV, a

publicação e distribuição de informação escrita tomou uma amplitude que proporcionou a multiplicação e perpetuação dos conhecimentos de uma geração para outra, tornando obsoletos métodos de registro histórico, científico e artístico que envolvessem a escrita em formatos menos viáveis e práticos como os extintos papiros, objetos de argila e tabuletas onde a escrita cuneiforme era gravada.

Para o jornalismo, sem essa evolução tecnológica não seria possível um cenário de comunicação de grande alcance, com centenas e depois milhares e milhões de leitores que passaram a ter acesso às notícias com mais velocidade. Como todas as áreas da atividade humana possibilitam a geração de notícia, as lacunas de conhecimento popular acerca de certos setores, como o artístico, por exemplo, passaram a ser preenchidas, atendendo a uma demanda natural que não seria suprida mediante experiências presenciais. Laraia (1986) mais uma vez esclarece esse ponto ao afirmar que:

A participação do indivíduo em sua cultura é sempre limitada; nenhuma pessoa é capaz de participar de todos os elementos de sua cultura. Este fato é tão verdadeiro nas sociedades complexas com um alto grau de especialização quanto nas simples, onde a especialização refere-se apenas às determinadas pelas diferenças de sexo e de idade. (p.80)

Podemos pensar que a relação do jornalismo com a cultura carrega uma importância até didática, ao proporcionar, mesmo que superficialmente, contato com práticas, expressões e conhecimentos sobre setores desconhecidos da realidade mais imediata de cada um. Como forma de conhecimento, o jornalismo concede a oportunidade de um artesão tomar ciência de uma pesquisa médica sobre diabetes na infância com a mesma facilidade com que um pediatra pode se inteirar do que produz uma cooperativa de artesãs que trabalha com bonecas de pano.

O conhecimento é repartido socialmente, devido ao simples facto do indivíduo não conhecer tudo o que é conhecido pelos seus semelhantes, e vice-versa, processo que culmina em sistemas de perícia extraordinariamente complexos. A distribuição social de conhecimentos, desta forma, não se dá apenas em termos quantitativos (uns conhecem mais do que outros), mas também qualitativos (conhecem coisas diferentes). Cada campo de conhecimento é compartilhado por um auditório específico. A questão dos auditórios, assim como a dos campos lógicos, estabelece diferenças entre o modo de conhecimento das ciências e do Jornalismo. (MEDITSCH, 1997, n.p.).

Além do contato direto com outras realidades de sua cultura, como através do convívio, e mesmo de outros meios que aprofundem essa relação como a educação ou a pesquisa, o caráter alienígena de um elemento, grupo ou atividade diminui seu espectro também através do jornalismo, essa forma de produção de conhecimento mais rápida e superficial – portanto diferente da ciência – que leva às massas conteúdos diversos e intercambiáveis em seus segmentos.

É preciso, contudo, ampliar a compreensão do segmento, sob pena de equívocos recorrentes que diminuem a potência social e até política do jornalismo cultural. O âmbito em que se circunscreve o campo estende-se para além das amenidades propostas na área das *soft news*. Trata-se de um segmento que pode ser exercido nos meios midiáticos como um espaço reflexivo e provocativo. Basso também aponta uma tendência errônea na forma de compreender a área, relacionando-a apenas as temáticas conhecidas como as artes e a cultura erudita. Alinhando-se ao seu entendimento, compreendemos também que jornalismo cultural não abrange apenas a produção artística, do contrário, o segmento deveria chamar-se jornalismo de artes.

A visão desse campo tem-se ajustado ao longo do tempo a uma visão mais integradora, tematizando, além das belas letras e das belas artes, os modos de vida, os sistemas de valores, as tradições e as crenças. Desta forma, tende a superar o prisma da dicotomia entre os campos da produção simbólica, de elite, popular e de massa, evidenciando a difusão (papel do jornalista cultural) e a análise crítica das culturas (papel do crítico de cultura). (BASSO, 2008)

Para Rivera (2003), o Jornalismo Cultural consagrou-se ao longo da história como um termo que abarca uma zona complexa e heterogênea de meios, gêneros e produtos – estes, por sua vez, responsáveis por noticiar com propósitos criativos, críticos, reprodutivos ou de mera divulgação as produções relacionadas com as “belas artes”, as “belas letras”, as ciências sociais e humanas, a cultura popular e tudo que possa se relacionar com a produção, a circulação e o consumo de bens simbólicos. O autor reforça a potência política do jornalismo cultural em sua acepção mais ampla – a que o toma como um instrumento formador da criticidade, capaz de espelhar a contemporaneidade dos fatos pelos vieses do campo simbólico:

(...) o melhor jornalismo cultural é aquele que reflete lealmente as problemáticas globais de uma época, satisfaz demandas sociais concretas e interpreta dinamicamente a criatividade potencial do homem na sociedade (tal

como se expressam em campos tão variados como as artes, as ideias, as letras, as crenças, as técnicas etc.), apelando para ele uma bagagem de informação, um tom, um estilo e um enfoque adequado à matéria tratada e as características do público eleito. (RIVERA, 2003, p. 11).

1.4.1 Um pouco de história

As origens do jornalismo cultural remontam 1771, o ano de fundação da revista *The Spectator*, segundo Piza (2003), através de dois ensaístas ingleses, Richard Ateele (1672-1729) e Joseph Addison (1672-1719). A revista tratava dos mais diversos assuntos – livros, óperas, festivais de música e teatro – num tom, segundo o autor, culto, sem ser formal, reflexivo sem ser inacessível. Por ter seu surgimento ambientado na cidade, podemos afirmar que o jornalismo cultural nasceu, a princípio, voltado para o homem urbano numa época em que a imprensa já tinha sido inventada e a revolução industrial estava tomando fôlego. O autor também cita a revista *New Yorker* como um marco importante na trajetória do jornalismo cultural, já que foi responsável pela propagação do jornalismo literário, oriundo dos séculos XVIII e XIX.

No Brasil, o jornalismo cultural só viria a ganhar força a partir do século XIX, principalmente graças a figuras célebres, a exemplo de Machado de Assis que assinava críticas teatrais, resenhas literárias e ensaios polêmicos. As revistas culturais se multiplicaram a partir dos anos 20 e as seções culturais da grande imprensa diária ou semanal se tornaram obrigatórias algumas décadas depois. Anchieta (2009) nos lembra que a partir dos anos 1950, os jornais impressos brasileiros criaram os cadernos de cultura como seção obrigatória em suas edições diárias, especialmente no fim de semana e quem inaugurou esse posicionamento pioneiro foi o Caderno B do *Jornal do Brasil*, em 1956 – caderno que se tornou um precursor do moderno jornalismo cultural brasileiro.

Embora tivesse origem clara no jornalismo literário e no exercício da crítica de arte, o jornalismo cultural enquanto gênero foi aos poucos sofrendo influências do próprio desenvolvimento humano e industrial. Como lembra Ballerini (2015), com a passagem para o século 20, o jornalismo cultural praticado no ocidente tornou-se menos opinativo e mais focado no entretenimento de consumo e nos bens culturais, reflexo inexorável do desenvolvimento da indústria cultural. Essa interseção de áreas – jornalismo cultural e indústria cultural – proporciona uma influência recíproca, embora nessa relação (também de poder econômico), o objeto noticiável acaba sendo induzido pela força da indústria, em detrimento de setores da produção cultural que não possuem os mesmos recursos

econômicos que estimulam sua elegibilidade, como é o caso da cultura popular ou das manifestações artísticas de pouco público, como a arte performática, por exemplo. Nesse sentido, Coelho (2015) é categórico ao afirmar que:

[...] mergulhado no mercado, o jornalismo vai, pois, ao encontro de hábitos de consumo das audiências, dando-lhes o que, verdadeiramente, as entusiasma. À força de as querer fidelizar, fica refém delas, ou daquilo que os estudos de marketing dizem que lhes interessa” (p. 111).

Para Anchieta (2009), o jornalismo cultural nasce com a função de mediar o conhecimento e aproximá-lo do maior número de pessoas. A intenção era não restringir a uma elite a esfera das artes, da filosofia e da literatura. Havia nisso um entendimento da função social do jornalismo cultural como locus adequado para dar acesso irrestrito a todo saber, fato esse que se torna uma regularidade no segmento. Ainda há que se pensar, segundo De Assis (2008), que os fatores que tornaram a produção jornalística da área muito mais pragmática do que reflexiva não podem ser tomados como um fenômeno isolado: eles acompanham, em larga escala, os acontecimentos que atingiram a própria cultura brasileira. Esse caminho, fortalecido pela internet que obrigou a atividade jornalística a uma demanda nova de produção, muitas vezes sacrificando a profundidade das abordagens, se torna ainda mais complexo no campo cultural, uma vez que dificulta a possibilidade de explorar mais as implicações das obras na sociedade, reduzindo o jornalismo cultural a uma agenda de eventos. A carência de análise e interpretação (no sentido de estabelecer relações múltiplas e complexas), acaba por tornar o campo um tanto quanto redutor (MELO, 2010, online). Nesse sentido, Piza nos alerta:

A imprensa cultural tem o dever do senso crítico, da avaliação de cada obra cultural e das tendências que o mercado valoriza por seus interesses, e o dever de olhar para as induções simbólicas e morais que o cidadão recebe. no momento atual, o jornalismo cultural não tem conseguido realizar essa função com clareza e eficácia. (2003, p. 45)

Para fins desta pesquisa, o conceito utilizado para jornalismo cultural é o de um segmento que noticia os acontecimentos do campo das linguagens artísticas, como também tudo que se relacione com o território das manifestações culturais em seus desdobramentos comportamentais, filosóficos, sociais e políticos, constituindo-se como um campo não apenas para a divulgação de agendas e eventos, mas também de reflexão e crítica.

2. CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE

2.1 Noticiabilidade: um olhar sobre as teorias

O termo “critérios de noticiabilidade” pode ser aplicado sempre que se pensa na insuficiência de espaço nos veículos informativos que permitam publicação ou veiculação da gama infindável de acontecimentos que ocorrem cotidianamente. Para Silva et al. (2014), estratificamos para que seja possível escolher quais desses incontáveis acontecimentos se transformarão em notícia. Ao estudar esse processo seletivo, entende-se que estão implícitos também fatores como o julgamento do seletor sobre o fato, as múltiplas influências do corpo de profissionais de uma redação e as implicações sociais e culturais de cada escolha.

O corpo teórico que envolve o tema noticiabilidade não carrega uma unanimidade dos pesquisadores no sentido de enquadrá-lo numa teoria única e abrangente. SILVA, L. C. (2013) é enfático quando afirma que, a respeito do que é notícia, as teorias que tentam responder esse questionamento “nem sempre concedem explicações passíveis de esgotar as possibilidades interpretativas da questão”, nos levando a múltiplas interpretações e a um problema inicial do ponto de vista epistemológico. Franciscatto (2013) corrobora esse pensamento e aponta para um reduzido poder explicativo sobre noticiabilidade encontrado nos estudos dedicados ao jornalismo. Ele atribui a impossibilidade desses estudos se tornarem teorias à falta de um corpo de princípios integrados e articulados, que possam ser aplicados eficazmente nas pesquisas sobre o tema.

A maior parte dos estudos tem tido uma capacidade analítica limitada, restringindo-se a sugerir algumas qualidades mais perceptíveis e passíveis de certa classificação. Estes estudos facilitam a caracterização da notícia, mas são incapazes de realmente defini-la como um objeto sócio-histórico-cultural, vinculada a modos sociais de experimentar, delimitar, reconhecer, definir e nomear as coisas do mundo. (FRANCISCATO, 2014, p. 107).

Em seu parágrafo XV de *Os Relatos Jornalísticos*⁷ (2000), Tobias Peucer já traçava os caminhos da noticiabilidade ao indicar “a matéria dos periódicos” a partir das “coisas singulares, fatos realizados ou por Deus através da natureza, ou pelos anjos, ou pelos homens na sociedade civil ou na Igreja”. Em suas reflexões é posta a preocupação

⁷ Texto original de 1690, traduzido por Paulo da Rocha Dias e publicado em 2004 no periódico *Estudos em Jornalismo e Mídia*.

basilar do jornalismo na relação espaço/tempo/conteúdo, a partir da qual sabemos que é impossível, com a limitação espacial dos veículos midiáticos, casada ao ritmo acelerado de uma produção que precisa ser renovada diariamente, hoje quase instantaneamente, dar conta da profusão de fatos que, porventura, possam tornar-se notícia. Em suas palavras:

Como estes fatos são quase infinitos, cabe estabelecer uma seleção de modo que seja dado preferência aos *axiomnemóneuta*, ou seja, àqueles que merecem ser recordados ou conhecidos. São desta natureza, em primeiro lugar, os prodígios, as monstruosidades, as obras ou os feitos maravilhosos e insólitos da natureza ou da arte, as inundações ou as tempestades horrendas, os terremotos, os fenômenos descobertos ou detectados ultimamente, fatos que têm sido mais abundantes que nunca neste século. Depois, as diferentes formas dos impérios, as mudanças, os movimentos, os afazeres da guerra e da paz, as causas das guerras, os planos, as batalhas, as derrotas, as estratégias, as novas leis, os julgamentos, os cargos políticos, os dignitários, os nascimentos e mortes dos príncipes, as sucessões em um reino, as inaugurações e cerimônias públicas que parecem se instituir novamente ou que parecem mudar ou que são abolidas, o óbito de varões ilustres, o fim de pessoas ímpias, e outras coisas. (PEUCER, 2000, p. 20).

Por fim, o autor alemão enumera os temas eclesiásticos e literários, estes últimos enquadrados no que conhecemos hoje como jornalismo cultural, “para que a alma do leitor receba o impacto de uma amena variedade”. Peucer (2000) segue com recomendações na produção de notícias que incluem que “aí não se ponha coisas de pouco peso ou as ações diárias dos homens; ou as desgraças humanas, das quais há uma fecunda abundância na vida comum”. Uma segunda precaução se refere à vida dos poderosos, quando o autor sugere que “não se expliquem indiscriminadamente aquelas coisas dos príncipes que não querem que sejam divulgadas”, cabendo aos prudentes aguardar até que os nobres estejam mortos antes de se noticiar algo que os possa levar ao degredo. Essa condução à censura se reforça em outros pontos do texto quando afirma que:

Não se noticie nada que prejudique os bons costumes ou a verdadeira religião, tais como coisas obscenas, crimes cometidos de modo perverso (...) É por isso que em algumas cidades se estabeleceu com uma prudente decisão que não seja permitido imprimir periódicos sem que estes tenham sido aprovados pela censura. (PEUCER, 2000, p. 22)

Entretanto, como ponto de partida para compreensão dessa característica da notícia, muitas vezes difícil de definir pela imprecisão dos conceitos propostos, mas de

extrema importância a compreensão das rotinas jornalísticas e do exercício da profissão num contexto sociológico, recorreremos ao pensamento de Gislene Silva (2005) quando afirma que noticiabilidade (*newsworthiness* conforme a origem inglesa do termo) seria compreendida como:

[...] todo e qualquer fator potencialmente capaz de agir no processo de produção da notícia, desde características do fato, julgamentos pessoais do jornalista, cultura profissional da categoria, condições favorecedoras ou limitadoras da empresa de mídia, qualidade do material (imagem e texto), relação com as fontes e com o público, fatores éticos e ainda circunstâncias históricas, políticas, econômicas e sociais. (SILVA, G., 2005, p. 96).

Notamos que, intrínseco ao seu conceito, residem traços de teorias anteriores, desenvolvidas ao longo da história do jornalismo como campo de pesquisa, a exemplo de Gaye Tuchman, socióloga norte-americana, considerada uma das principais pesquisadoras do *newsmaking*. Entre 1966 a 1976, Tuchman acompanhou a rotina produtiva de um canal de TV, três jornais impressos e a sala de redação da Prefeitura de Nova York para responder à pergunta: "em que medida os media podem contribuir com a construção social da realidade e como as rotinas do trabalho informativo determinam a produção da notícia"? Sua pesquisa rendeu o livro "*Making news: a study in the construction of reality*", em 1978, citado pelos principais autores construcionistas e estudiosos do *newsmaking*. Ela defende a ideia de que as notícias reproduzem as estruturas institucionais e sofrem influências no processo de produção da cultura profissional dos jornalistas, da organização do trabalho e da organização dos processos produtivos, implicando na atribuição de noticiabilidade de um fato a ser transformado em notícia.

É Tuchman (1980) quem nos apresenta um exemplo que ajuda a compreender as sutilezas da abordagem da produção noticiosa de maneira prática. No que tange à divisão da produção de notícias entre *soft* e *hard news*, uma classificação que tem implicações para essa pesquisa e que também diz respeito a valores-notícia e noticiabilidade no jornalismo, a autora relata que em sua pesquisa, ao questionar um editor sobre o que seria *hard news* a resposta veio na forma de uma lista de fatos como assalto a banco, acidente de trem ou assassinato que, mesmo se enquadrando nas tabelas de valores-notícia, não ajudam a conferir clareza quando um jornalista de batente precisa explicar suas escolhas – o que, talvez, seja papel da academia – dando a impressão de que a noticiabilidade é um fator introjetado sem muitas reflexões.

Por exemplo, ao pedir uma definição de *hard news*, um editor de televisão ofereceu o seguinte catálogo de notícias básicas: "*hard news*" é a mensagem do governador ao legislativo, o acidente de trem ou o homicídio, o assalto a banco, a proposta legislativa ... e o incêndio de amanhã. (TUCHMAN, 1980, p. 47. Tradução nossa).

Wolf referencia Tuchman, afirmando que "a noticiabilidade está estreitamente relacionada com os processos de rotinização e de standardização das práticas produtivas". Para ele, a noticiabilidade permite uma prática produtiva estável no terreno variável e de impossível predição que é a produção noticiosa a partir dos fatos que ocorrem no mundo – a matéria-prima do jornalismo. O autor apresenta a ideia de que noticiabilidade é:

[...] constituída pelo conjunto de requisitos que se exigem dos acontecimentos - do ponto de vista da estrutura do trabalho nos órgãos de informação e do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas - para adquirirem a existência pública de notícias. Tudo o que não corresponde a esses requisitos é "excluído", por não ser adequado às rotinas produtivas e aos cânones da cultura profissional. Não adquirindo o estatuto de notícia, permanece simplesmente um acontecimento que se perde entre a "matéria-prima" que o órgão de informação não consegue transformar e que, por conseguinte, não irá fazer parte dos conhecimentos do mundo adquiridos pelo público através das comunicações de massa. (WOLF, 2006, p. 83).

O autor também pondera que a noticiabilidade corresponde ainda a um conjunto de critérios, operações e instrumentos dos quais os veículos de informação dispõem para facilitar a seleção noticiosa em um cenário em que, cotidianamente, apresenta-se um número imprevisível e indefinido de acontecimentos dos quais, para a produção jornalística, é necessário extrair uma quantidade finita de notícias. Para ampliar o entendimento da complexa cadeia produtiva e da busca por esse elemento difícil de definir que é a noticiabilidade, Alsina (1993) a explica a partir das relações de poder envolvidas na indústria noticiosa, hoje ainda mais acirradas com as demandas trazidas pela velocidade informativa e a concorrência entre meios tradicionais de comunicação e jornalismo online.

O sistema de mídia de massa é também o lugar de confronto entre diferentes atores. Os três principais atores que entram no jogo com interesses diferentes são: a) os produtores da comunicação, b) as forças políticas, c) os grupos econômicos internos e externos do setor. Todos eles intervêm tanto na produção quanto na circulação da informação. (ALSINA, 1993, p 27)

Já para Traquina (2005), o conceito de noticiabilidade seria

[...] o conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia. Assim, os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é susceptível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado de ser merecedor de ser transformado em matéria noticiável e, por isso, possuindo valor-notícia (“newsworthiness”). (p. 63).

Hohlfeldt (2010) nos leva a uma reflexão da noticiabilidade a partir da teoria do *newsmaking*: quando a conceitua como “a aptidão potencial de um fato para se tornar notícia ou, dito de outro modo, o conjunto de requisitos que se exige de um acontecimento para que ele adquira existência enquanto notícia (...)”. O caráter seletivo do trabalho do jornalista seria, podemos afirmar, tão importante para definir seu campo de ação quanto outros aspectos basilares da profissão como investigação criteriosa, tratamento ético e competência narrativa. O ato de selecionar, de atribuir ou reconhecer a almejada noticiabilidade dos acontecimentos é, segundo Coelho (2015) o que distingue os jornalistas dos outros produtores de informação.

É o método que o jornalista utiliza na recolha e distribuição dessa informação; é essa capacidade de olhar para a realidade selecionando-a, transformando fatos em notícias, a que se atribui o estatuto de acontecimentos. A distinção reside no método, mas também na forma como ele se aplica, no quadro de valores e compromissos que o jornalista associa ao aparentemente simples processo de recolha e transmissão de notícias. (p. 61).

O jornalista em sua prática diária, ao atribuir noticiabilidade a um acontecimento e, daí, transforma-lo em notícia, sofre obviamente influências objetivas e subjetivas. Na esfera das influências mais objetivas estão os constrangimentos explícitos como espaço, tempo e relações hierárquicas, além, claro, das relações de poder dos departamentos comercial e de marketing sobre o de jornalismo; os ditames do mercado, numa sociedade capitalista, são balizadores da própria noticiabilidade, sendo capazes de subir ou derrubar pautas. Historicamente, “desde os primórdios do jornalismo moderno, no século XIX, que assistimos à associação do jornalismo aos valores de mercado: a necessidade de gerar receitas publicitárias, que alimentassem empresas em ascensão, determinou as primeiras cedências editoriais”, lembra-nos Coelho (2015, p. 123).

Durante a pesquisa também nos deparamos com um estudo realizado em dez países (Austrália, Chile, China, Alemanha, Índia, Israel, Jordânia, Rússia, África do Sul

e Estados Unidos) pelos pesquisadores Pamela J. Shoemaker e Akiba A. Cohen, intitulado *News Around the World*, onde uma abordagem biológica/evolutiva com base na cognição humana é proposta para o entendimento das nossas relações com a notícia e a noticiabilidade. Os autores partem da concepção de que a coleta e divulgação de informações (germe da notícia) possuíram uma importância determinante para a sobrevivência dos grupos sociais nos primórdios da nossa espécie.

Uma função de vigilância, a coleta e disseminação de notícias, teria sido bastante adaptativa para os primeiros humanos, com aqueles que estavam à procura de predadores tendo maior probabilidade de sobreviver e se reproduzir do que outros na mesma população. Os primeiros humanos devem ter apresentado muitas variações, seja por causa da dieta, geografia, desastres naturais ou mutações. Da mesma forma, alguns estavam mais interessados ou mais hábeis em examinar seu ambiente do que outros. Ao longo dos anos, a função de vigilância estaria presente em algum grau em praticamente todos os membros da população [...] (SHOEMAKER; COHEN, 2012, p. 11, tradução nossa).

Conforme os autores, a teoria proposta analisa como a espécie humana pode ter sido condicionada pela evolução biológica e cultural a buscar informações importantes à sobrevivência (posteriormente as notícias seriam a forma sistematizada e mais evoluída desse tipo de informação) e ainda mais especificamente uma classe específica de notícias que os pesquisadores denominam de lívidas e nítidas. Eles defendem a ideia de que a evolução biológica forneceu uma base sobre a qual outros fatores de produção de notícias foram se estabelecendo.

Se aceitarmos que os cérebros humanos são programados para pesquisar seu ambiente e preferir notícias sobre eventos e ideias desviantes e ameaçadores, podemos então entender mais completamente como a seleção de notícias desviantes ou más pelos jornalistas pode refletir uma disposição biológica básica para tais notícias e não uma peculiaridade dos jornalistas.

Uma abordagem até então inédita que lança luz sobre a noticiabilidade a partir de um viés que cruza psicologia, sociologia e neurociência. A partir do conceito de eventos desviantes eles constroem uma explicação bastante plausível para o interesse humano pela produção de notícias e, especificamente nesse estudo, as más notícias. “Uma predisposição genética para vigilância, composta por variáveis culturais e temporais, pode

determinar os tipos de eventos desviantes que recebem a maior cobertura de notícias.” (SHOEMAKER; COHEN, 2012, p. 335, tradução nossa)

De maneira simplificada, buscamos e produzimos notícia por serem importantes à nossa sobrevivência já que a informação passada adiante possui uma utilidade prática para o conjunto social, permitindo alertar sobre ameaças climáticas, disseminar o perfil de um assassino à solta ou mesmo divulgar informações sobre uma crise econômica com consequências sociais em larga escala. Inferimos, portanto, que o entendimento da construção da notícia sugere hoje um imbricamento multidisciplinar de grande complexidade, ainda mais quando consideramos no estudo de critérios de noticiabilidade elementos mutáveis como os que veremos a seguir: os valores-notícia.

2.2 O que são valores-notícia?

Se conceituar noticiabilidade é uma tarefa escorregadia, parte disso se deve a um outro conceito derivado deste: o de valores-notícia. Recorrendo mais uma vez a Traquina (2005), podemos afirmar que “estudos sobre o jornalismo demonstram que os jornalistas têm uma enorme dificuldade em explicar o que é notícia, de explicitar quais são os seus critérios de noticiabilidade, para além de respostas vagas do tipo “o que é importante” e/ou “o que interessa ao público”, o que reforça nossa observação anterior sobre a clareza dos conceitos nessa área de pesquisa e a dificuldade de estabelecer uma metodologia mais objetiva de detecção dos métodos usados na seleção noticiosa.

Na definição de Wolf (2006), valores-notícia são “critérios de seleção dos elementos dignos de serem incluídos no produto final, linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser realçado, o que deve ser omitido, o que deve ser prioritário na preparação das notícias a apresentar ao público”. O autor nos alerta para o fato de que essa tipificação objetiva a repetitividade de certos procedimentos nas rotinas do jornalismo, permitindo que a seleção do material seja executada com rapidez, de um modo quase automático. Valor-notícia seria, então, a qualidade atribuída a um fato que o torna noticiável. Estaria no bojo de diversas outras implicações, oriundas tanto do profissional que seleciona a notícia quanto de outros aspectos influentes como a linha editorial e a influência comercial ou política sobre a rotina jornalística de uma empresa de comunicação. O valor-notícia não age isoladamente, podendo se apresentar em conjunto com outros e estar associado a fatores sob ou fora do controle do jornalista.

Outro aspecto importante é a distinção que nem todos os acadêmicos utilizam em torno de valores-notícia de seleção e os valores-notícia de construção. O italiano Mauro Wolf (2006) estabeleceu essa divisão, apontando os valores-notícia de seleção como “critérios que os jornalistas utilizam na seleção dos acontecimentos, isto é, na decisão de escolher um acontecimento como candidato à sua transformação em notícia e esquecer outro acontecimento”. Por outro lado, os valores-notícia de construção estão associados à etapa posterior a coleta do material que se transformará em notícia. Um valor-notícia de construção diz respeito ao processo de tratamento, da edição de texto e de imagem do que deve ser ou não realçado no produto final. Para esta pesquisa, aplicamos o conceito de valor-notícia de seleção.

Outras abordagens de valor-notícia também foram consideradas, como a do Manual de Comunicação do Senado Federal (BRASIL, online) que define valores-notícia como “critérios para a importância da notícia”, elencando em seguida de maneira bem objetiva e notadamente dirigida para orientar a prática: ineditismo (+ inédito = + importante); probabilidade (- provável); interesse (+ pessoas afetadas); apelo (+ curiosidade); empatia (+ pessoas que se identificam); proximidade (+ proximidade geográfica).

No intuito de sistematizar o conhecimento, vários autores se dedicaram à investigação desse requisito noticioso e até criaram tabelas (como veremos mais adiante) com lista de valores-notícia que incluem desde o negativismo até a proximidade. Este último valor-notícia é pertinente a esta pesquisa, já que a mesma se volta para um produto telejornalístico cultural de proximidade. Sobre esse aspecto, Traquina (2005) posiciona a proximidade, seja geográfica ou cultural, como um dos fatores fundamentais do jornalismo, citando como exemplo o caso de desastres e a Lei McLurg que cria uma relação entre o número de mortos e a distância geográfica para estabelecer a noticiabilidade do acontecimento trágico. Já Wolf (2006) contextualiza a proximidade da seguinte maneira:

Neste factor, existe igualmente complementaridade dos valores/notícia. (...) Um acontecimento - por exemplo, um desastre aéreo ou uma catástrofe natural - que envolve um número limitado de pessoas, mas que ocorre nas proximidades, é mais noticiável do que o mesmo tipo de acontecimento, que envolve mais vítimas, mas que ocorre bastante mais longe. A «lei de McLurg» (do nome de um jornalista) é, exactamente, a codificação prática da complementaridade destes valores/notícia e estabelece uma escala graduada de

noticiabilidade relativa para os desastres: um europeu equivale a 28 chineses, 2 mineiros galeses equivalem a 100 paquistaneses. (WOLF, 2006, p. 89).

Para além da proximidade e de outros critérios mais específicos que tipificam os valores-notícia segundo os estudos nessa área, sempre temos a impressão de que a subjetividade é algo presente na rotina das atividades de produção noticiosa, mesmo que os jornalistas possam defender os pontos de vista para as escolhas de maneira aparentemente objetiva quando questionados.

2.3 A produção de notícias num segmento previsível

Um traço que permeia o jornalismo cultural é a previsibilidade dos fatos, já que acontecimentos que se enquadrariam num espectro onde conceitos como urgência, exclusividade ou extraordinariedade residem, raramente são noticiados nesse segmento. Talvez por isso Sirena (2013, p. 7) afirme que “a previsibilidade faz parte da dinâmica dos cadernos voltados para a cultura, de forma que os critérios de noticiabilidade tornam-se menos claros do que os de outras editorias” – um fato corroborado quando comparamos as pautas culturais às pautas de outras editorias.

Enquanto as *hard news* tem como matéria-prima de sua lida o inesperado da factualidade, nesse fluxo constante de violência, urgência e apelo, características próprias de áreas como policial, climática e política, para dar alguns exemplos, o jornalismo cultural noticia muito pouco com essas características, já que seu alicerce reside nos eventos, exposições, estreias, vernissages e outras manifestações de cunho previsível, agendado, esperado e, por isso mesmo, não atrelado a essa velocidade de acontecimentos urgentes e inusitados. A inutilidade da arte (no sentido pragmático da existência), área de grande volume noticioso para o jornalismo cultural, também desenha esse segmento com linhas de pouco significado, já que os assuntos dessa ordem não possuem, de fato, mais importância do que acidentes, catástrofes ou crimes, fatos que afetam vidas e comunidades de maneira concreta, trazendo consequências imediatas ou a curto prazo. No campo da crítica de arte essa previsibilidade é ainda maior, já que o produto opinativo depende diretamente de algo já ocorrido (e preferencialmente já noticiado) como um livro lançado, uma turnê em andamento ou um filme no circuito de exibição.

É como se o campo simbólico, alicerce da construção cultural, traço humano essencial para o desenvolvimento da espécie como a conhecemos, fosse algo de segunda

importância, de valor descartável ou mesmo supérfluo. Contudo, não há como considerar mais importante, por exemplo, a educação do que a cultura e, nesse mesmo raciocínio, suplantar as notícias culturais pelas notícias práticas porque, afinal, mesmo que a construção social se erga sobre bases mais concretas como o trabalho, a economia e a política, no entremeio de todas as coisas do campo mais pragmático corre a seiva da arte e das manifestações da cultura como a religião ou modos de fazer e ser dos povos, grupos e sociedades. Nas palavras de White (1940): “sem o símbolo não haveria cultura, e o homem seria apenas animal, não um ser humano...o comportamento humano é o comportamento simbólico”.

Como nos alerta Pereira (2007), os conceitos gerados sobre a prática do jornalismo cultural, antes de tudo, evidenciam os caracteres da sociedade industrial: desvalorização dos fatos sociais considerados da ordem do subjetivo, fragmentação das formas narrativas, conexão anacrônica da história. Surge o convite a um jornalismo mais independente, capaz de empreender um cuidado nesse sentido, rompendo com as práticas dos outros campos da atividade, em especial os que lidam com as notícias mais práticas. O autor ainda alerta que “na lógica discursiva do jornalismo cultural, na qual predominam os verbos fazer, promover, realizar, os sujeitos estão subordinados ao tempo da obsolescência planejada da sociedade de consumo”. A noticiabilidade, nesse segmento, seria estabelecida na atualidade pelos investimentos dos grandes estúdios e gravadoras, pelas métricas das redes sociais de artistas e celebridades e pelos resultados em termos de impacto econômico como o ranking de desempenho nas bilheterias, o posicionamento nas *hit parades* e a classificação nas listas de *best sellers*.

Mesmo conhecendo essa lógica imposta pelo mercado cultural, não podemos tomar esses constrangimentos como universais, já que temos exemplos de jornalismo cultural exercido com independência, produzindo conteúdos que noticiam as produções artísticas fora do *mainstream*, mas inseridas numa teia de valores simbólicos de suma importância para a manutenção de uma pluralidade expressiva.

Por outro lado, “o que as editorias de cultura selecionam para publicação consiste consideravelmente na imagem mental que os leitores terão sobre o cenário cultural de sua época, e o que for silenciado fica excluído do (re)conhecimento público” (SIRENA, 2013, p. 05), consideração que impõe uma responsabilidade social aos jornalistas culturais tão ou mais importante do que as atribuídas aos profissionais das áreas mais “quentes” do jornalismo. Se os últimos noticiam os aspectos mais práticos da realidade, os primeiros salvaguardam a memória, propagam o imaterial, registram o artístico e disseminam o

conceitual, o poético e o simbólico, aspectos que definem muito da identidade humana, seja em seus níveis reduzidos, como os de grupos sociais, até os mais amplos, como os de povos inteiros.

Tomando o que afirma Rivera (2003), o jornalismo cultural situa-se numa zona heterogênea de meios, gêneros e produtos que abordam com propósitos criativos, críticos ou apenas de divulgação, os campos das artes, das letras, das ciências humanas e sociais, envolvendo a produção, a circulação e o consumo de bens simbólicos. O espectro de alcance do jornalismo cultural é amplo sob o ponto de vista formal e de conteúdo (GADINI, 2004). A discussão em torno das áreas cobertas pelo jornalismo cultural, então, é de extrema importância até para validar seu status dentro do âmbito do jornalismo regional, nacional e mundial. O diálogo entre a prática e a reflexão que tenha como suporte a pesquisa pode proporcionar a essa discussão soluções e métodos que tragam clareza ao que será noticiável numa editoria cultural. Ademais, Priolli (2007) nos lembra que devido aos enormes compromissos financeiros que as TVs comerciais assumem com anunciantes, a função da TV pública de viabilizar formatos e projetos culturais diferentes é mais viável de acontecer, como é o caso do nosso objeto de estudo. Nesse sentido, Francisco Rui Nunes Cádima (2006), Professor Catedrático da Faculdade de Ciência Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, afirma que:

[...] vejo a televisão de serviço público como um lugar de liberdade irrestrita, como o lugar de uma democracia a vir. Acima de tudo, a televisão de serviço público encarna para mim um princípio de resistência crítica face à mediocridade audiovisual, uma força de dissidência diante de todas as tutelas, políticas, ideológicas e mercantis, e uma chancela de criatividade que assegure as possibilidades de uma (a)ventura humana. (2006, p. 67).

Mesmo nesse cenário de possibilidades ricas em temáticas que o jornalismo cultural abrange, com o pressuposto de uma liberdade editorial em uma TV pública, pairam dúvidas sobre o processo de seleção desse conteúdo. Essa condição não tão comum em nossa região – onde os veículos de comunicação são predominantemente comerciais – de produzir um telejornal cultural diário numa emissora de TV *a priori* livre de pressões comerciais, nos leva a lembrar que as relações são mais complexas do que parecem. Como afirma Guerra (2013):

[...] enquanto os valores-notícia se constituem em parâmetros de validação externos ao produto jornalístico (os pares e a própria audiência) os critérios organizacionais são parâmetros internos, próprios de cada organização, que

visam estruturar o trabalho de produção e obter os resultados planejados (p. 13).

Um ponto fundamental, a seguir, diz respeito aos valores-notícia descritos nas tabelas propostas por diversos autores e reunidas pela autora Gislene Silva. Nessa seleção de valores-notícia, excetuamos os que consideramos repetidos na definição proposta por mais de um autor, assim como os que percebemos terem uma mínima ou nenhuma incidência no conteúdo analisado (como conflito).

2.4 Valores-notícia no jornalismo cultural

Iniciamos a investigação elencando o que poderiam ser possíveis valores-notícia mais adequados ao segmento jornalístico cultural, norteado em sua essência pela previsibilidade. Tomamos como ponto de partida a tabela de autores-elencos de valores-notícia proposta por Gislene Silva (2005), e apresentados abaixo, no Quadro 1.

Quadro 1 - Valores-notícia (geral) segundo vários autores:

<i>Autores</i>	<i>Valores-notícia</i>
<i>Stieler</i>	<i>Novidade, proximidade geográfica, proeminência e negativismo.</i>
<i>Lippman</i>	<i>Clareza, surpresa, proximidade geográfica, impacto e conflito pessoal.</i>
<i>Bond</i>	<i>Referente à pessoa de destaque ou personagem público (proeminência); incomum (raridade); referente ao governo (interesse nacional); que afeta o bolso (interesse pessoal/econômico); injustiça que promove indignação (injustiça); grandes perdas de vida ou bens (catástrofes); consequências universais (interesse universal); que provoca emoção (drama); de interesse de grande número de pessoas (número de pessoas afetadas); grandes somas (grandes quantias de dinheiro); descoberta de qualquer setor (descobertas/invenções) e assassinato (crime/violência).</i>
<i>Galtung e Ruge</i>	<i>Frequência, amplitude, clareza ou falta de ambiguidade, relevância, conformidade, imprevisão, continuidade, referência a pessoas e nações de elite; composição, personificação e negativismo.</i>
<i>Golding-Elliot</i>	<i>Drama, visual atrativo, entretenimento, importância, proximidade, brevidade, negativismo, atualidade, elites, famosos.</i>
<i>Gans</i>	<i>Importância, interesse, novidade, qualidade, equilíbrio.</i>
<i>Warren</i>	<i>Atualidade, proximidade, proeminência, curiosidade, conflito, suspense, emoção e consequências.</i>
<i>Hetherington</i>	<i>Importância, drama, surpresa, famosos, escândalo sexual/crime, número de pessoas envolvidas, proximidade, visual bonito/atrativo.</i>
<i>Shoemaker et al</i>	<i>Oportunidade, proximidade, importância/impacto, consequência, interesse, conflito/polemica, controvérsia, sensacionalismo, proeminência, novidade/curiosidade/raro.</i>
<i>Wolf</i>	<i>Importância do indivíduo (nível hierárquico), influência sobre o interesse nacional, número de pessoas envolvidas, relevância quanto a evolução futura.</i>
<i>Erbolato</i>	<i>Proximidade, marco geográfico, impacto, proeminência, aventura/conflito, consequências, humor, raridade, progresso, sexo e idade, interesse pessoal, interesse humano, importância, rivalidade, utilidade, política editorial, oportunidade, dinheiro, expectativa/suspense, originalidade, culto de heróis, descobertas/invenções, repercussão, confidências.</i>
<i>Chaparro</i>	<i>Atualidade, proximidade, notoriedade, conflito, conhecimento, consequências, curiosidade, dramaticidade, surpresa.</i>
<i>Lage</i>	<i>Proximidade, atualidade, identificação social, intensidade, ineditismo, identificação humana.</i>

Fonte: SILVA (2005).

Ainda partindo da conceituação usual de valores-notícia, esta pesquisa se pauta também em um estudo desenvolvido por Silva et al. (2013) para operacionalizar análises de acontecimentos noticiados ou noticiáveis onde, resumidamente, são elencados elementos como: impacto, proeminência, conflito, tragédia/drama, proximidade, raridade, surpresa, governo, polemica, justiça, entretenimento/curiosidade, conhecimento/cultura (nessa ordem).

Após análise dos critérios presentes nessas tabelas, avaliando repetições de ideias e com vistas no objeto da pesquisa, propomos uma tabela de valores-notícia (Quadro 2) adaptada ao contexto a ser analisado, levando em consideração as suas particularidades. Algumas questões nortearam esse processo de adaptação desse instrumento como: quais valores-notícia orientam a pauta de um telejornal cultural numa cidade do interior da Paraíba? Em quais ponto esses critérios de noticiabilidade se confrontam com constrangimentos organizacionais que impedem, facilitam ou ignoram a transformação de determinados acontecimentos em notícia?

Quadro 2 - Proposta de valores-notícia para o objeto de estudo

Valor-notícia	Descrição
<i>Abrangência</i>	<i>Número de pessoas que tiveram ou terão acesso ao acontecimento</i>
<i>Impacto</i>	<i>Repercussão decorrente do acontecimento (nas mídias sociais e convencionais, nos hábitos sociais, nas leis e em outros aspectos como econômico ou cultural).</i>
<i>Imprevisão</i>	<i>Acidentes, cancelamentos ou adiamentos de eventos, mudanças de programação artística decorrente de doença ou morte, etc.</i>
<i>Notoriedade</i>	<i>Popularidade ou proeminência social dos envolvidos no acontecimento.</i>
<i>Novidade</i>	<i>Ineditismo do acontecimento.</i>
<i>Polêmica</i>	<i>Controvérsias envolvendo atores do universo artístico/cultural.</i>
<i>Proximidade</i>	<i>Acontecimentos que tenham relação com o local do ponto de vista geográfico (cidade ou estado coberto pelo veículo de comunicação).</i>
<i>Raridade</i>	<i>Pouca frequência com a qual o acontecimento surge ou se tem acesso ao artista ou personagem cultural.</i>
<i>Qualidade</i>	<i>Valor estético do personagem ou acontecimento.</i>

Fonte: autor.

Por fim, a investigação sobre os critérios de noticiabilidade empregados no programa Diversidade poderá resultar numa gama de informações práticas que norteiem novas iniciativas nesse segmento do jornalismo, além de ser um estudo para compreensão dos critérios que levam a inserir ou descartar possíveis acontecimentos, como Gislene Silva (2005) afirma:

A necessidade de se pensar sobre critérios e noticiabilidade surge diante da constatação prática de que não há espaço nos veículos informativos para a publicação ou veiculação da infinidade de acontecimentos que ocorrem no dia-a-dia. Frente ao volume tão grande de matéria-prima, é preciso estratificar para escolher qual acontecimento é mais merecedor de adquirir existência pública como notícia (SILVA, G., 2005, p. 97).

3 DELINEANDO A PESQUISA

A presente pesquisa tem como objeto os critérios de noticiabilidade conhecidos como valores-notícia empregados, neste estudo de caso, para a seleção de conteúdo jornalístico cultural em âmbito regional. Como objeto empírico, analisamos o telejornal *Diversidade* – produzido e exibido pela TV Itararé de Campina Grande (PB), afiliada da TV Cultura (SP) – programa voltado à divulgação da cultura regional em diversos segmentos. A investigação se ateve a um recorte temporal de março a dezembro de 2018, período do qual foi analisado o conteúdo do programa através dos seus espelhos diários, relacionando-os com os valores-notícia propostos por vários autores (presentes no Quadro 1 e adaptados à pesquisa no Quadro 2). Os jornalistas que fazem parte da equipe de produção do programa também responderam um questionário individual sobre critérios de noticiabilidade e valores-notícia, com o intuito de ampliar a compreensão da percepção dos mesmos sobre estes conceitos envolvidos na rotina produtiva. Além disso, empregamos a técnica de grupo focal, objetivando identificar os critérios de seleção (valores-notícia) empregados na definição de pautas, assim como a relação entre a prática e os referenciais teóricos usados no escopo da pesquisa.

Trata-se de um estudo de caso, com observação participante, uma vez que o pesquisador mantém uma relação de trabalho com a equipe produtora do programa, tendo estado inserido na cadeia produtiva do mesmo de uma ponta a outra do processo ao longo dos dez meses enfocados; como afirma Yin (2003), “A observação participante é uma modalidade especial de observação na qual você não é apenas um observador passivo. Em vez disso, você pode assumir uma variedade de funções dentro de um estudo de caso e pode, de fato, participar dos eventos que estão sendo estudados”. É o mesmo autor que nos aponta para um caminho de compreensão das amplas possibilidades de coletas de dados que a inserção no lócus da pesquisa, como observador participante, proporciona:

O estudo de caso conta com muitas das técnicas utilizadas pelas pesquisas históricas, mas acrescenta duas fontes de evidências que usualmente não são incluídas no repertório de um historiador: observação direta e série sistemática de entrevistas. Novamente, embora os estudos de casos e as pesquisas históricas possam se sobrepor, o poder diferenciador do estudo é a capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidências - documentos, artefatos, entrevistas e observações. (YIN, 2003, p. 27).

3.1 Percurso Metodológico

A pesquisa compreendeu as seguintes etapas:

ETAPA 1 – Revisão bibliográfica sobre as áreas que constituem o escopo teórico	ETAPA 2 – Análise dos espelhos do programa no período de março a dezembro de 2018
ETAPA 3 – Classificação dos conteúdos do programa por segmento/linguagem	ETAPA 4 – Construção de quadros de frequência de conteúdo por segmento/linguagem
ETAPA 5 – Quantificação de valores-notícia a partir dos conteúdos exibidos no programa	ETAPA 6 – Entrevistas individuais e em grupo focal com os jornalistas da equipe de produção do programa
ETAPA 7 – Análise dos dados obtidos para reflexões e conclusões da pesquisa	ETAPA 8 – Conclusões e reflexões a partir da análise dos dados obtidos na pesquisa

A primeira etapa desta pesquisa foi constituída pela revisão bibliográfica que fundamentou a mesma no campo teórico – como visto anteriormente – no que se refere a Comunicação Pública, Jornalismo Cultural, Jornalismo de Proximidade, Critérios de Noticiabilidade e Valores-notícia.

Para melhor caracterização do objeto, na etapa seguinte, realizamos uma análise documental a partir dos arquivos da TV Itararé que permitiu acesso aos espelhos do Diversidade (Quadro 3).

Quadro 3 – Modelo de espelho do programa Diversidade

TV ITARARÉ – DEPTO. DE PROGRAMAÇÃO ESPELHO DE PROGRAMA – DIVERSIDADE	
BLOCO 1	BLOCO 2
VINHETA DE APOIOS	VINHETA DE PASSAGEM
VINHETA DO PROGRAMA	VT 3 – MATÉRIA
ESCALADA	VT 4 – MATÉRIA
VT 1 – ENTREVISTA	AGENDA CULTURAL
VT 2 – MATÉRIA	
VINHETA DE PASSAGEM	
BREAK 1	

Fonte: arquivos da TV Itararé

O passo seguinte, lançando mão desse levantamento conteudístico presente nos espelhos, foi a classificação dos segmentos/linguagens artísticas noticiados (Quadro 4) no qual utilizamos abreviaturas para classificar cada segmento (ADV para audiovisual, ARI para artes integradas e MUS para música, etc.). Explicamos a seguir como se deu essa classificação por segmentos cobertos pelo Diversidade.

3.2 Classificação dos segmentos/linguagens

Segundo Santaella, são três as matrizes de linguagem e pensamento das quais se originam os demais processos sógnicos e linguagens que os seres humanos produzem. A pesquisadora, após debruçar-se sobre a complexidade do tema, concluiu em sua obra *Matrizes da Linguagem e Pensamento* que:

A grande variedade e a multiplicidade crescente de todas as formas de linguagens (literatura, música, teatro, desenho, pintura, gravura, escultura, arquitetura etc.) estão alicerçadas em não mais do que três matrizes. Não obstante a variedade de suportes, meios, canais (foto, cinema, televisão, vídeo, jornal, rádio etc.) em que as linguagens se materializam e são veiculadas, não obstante as diferenças específicas que elas adquirem em cada um dos diferentes meios, subjacentes a essa variedade e a essas diferenças estão tão-só e apenas três matrizes. (SANTAELLA, 2005, p.)

A autora justifica as matrizes a partir da relação que as mesmas têm com a percepção e os sentidos humanos. Na sua argumentação teórica, a matriz verbal seria mais abstrata enquanto a visual estaria mais ligada ao sentido da visão e a sonora ligada ao sentido auditivo – o que, no caso da música (observação nossa) o caráter abstrato é um traço reconhecido por artistas, teóricos e público, mesmo não estando, em muitas de suas manifestações, no âmbito verbal (caso das músicas sem letras). Esse raciocínio é semelhante ao que se aplica na classificação das linguagens artísticas com agrupamentos de expressões a partir dos meios onde são expressas. Assim, no audiovisual temos cinema, vídeo, holografia, realidade virtual, entre outros; nas artes cênicas tudo que se constitui como artes de caráter presencial ou performático como teatro, dança, ópera, circo e performance; e assim por diante.

Anteriormente a Santaella, encontramos outras referências sobre essa divisão, incluindo a do autor italiano Ricciotto Canudo (1911) que propôs no seu *Manifesto das Sete Artes* a seguinte divisão: Arquitetura, Escultura, Pintura, Música, Poesia, Dança e Cinema. Segundo esse Manifesto, o teatro não aparece na lista como uma forma

independente de arte porque “combina diversas linguagens artísticas existentes”. Como vemos, já de início, é notório que esse tipo de classificação varie a cada autor, implicados nisso aspectos históricos, sociais e até mesmo ideológico, o que nos permitiu, tão logo foi necessário, elaborar a nossa classificação a partir do que nos apresentava em relação aos segmentos artísticos o próprio objeto empírico de estudo.

Classificar obras de arte, estilos, linguagens ou encaixar manifestações artística e culturais sob rótulos ou termos que os limitem em sua abrangência conceitual, estética e criativa é um risco necessário para esquematizar o estudo sob parâmetros que possam ser aceitáveis cientificamente, podendo ser reproduzidos e reaplicados. Como pondera Bourdieu (1996), os conceitos utilizados para pensar as obras de arte e, em particular, para as julgar e classificar caracterizam-se pela mais extrema indeterminação. Segundo o sociólogo, essa confusão não é menor nos conceitos empregados para caracterizar a própria obra de arte, para a perceber e apreciar, como os pares de adjetivos que estruturam a experiência artística. A razão dessa ineficácia decorre, nas palavras do autor, “porque o uso que é feito delas e o sentido que lhes é dado dependem dos pontos de vista particulares, situados social e historicamente e, com muita frequência, perfeitamente irreconciliáveis, de seus usuários”. Decerto, a despeito dessa variabilidade de sentidos e usos, por estarmos sob o domínio da linguagem (falada e escrita) precisamos definir e conceituar as pautas transformadas em conteúdos e, mais ainda, no campo vasto coberto pelo jornalismo cultural, sob pena de sermos imprecisos no tratamento dos dados colhidos em campo. Sem ignorar o fator histórico inerente à tais classificações.

Assim, as categorias empregadas na percepção e na apreciação da obra de arte estão duplamente ligadas ao contexto histórico: associadas a um universo social situado e datado, constituem o objeto de usos eles próprios socialmente marcados pela posição social dos usuários. A maior parte das noções que os artistas e os críticos empregam para se definir ou para definir seus adversários são armas e apostas de lutas, e muitas das categorias que os historiadores da arte aplicam para pensar seu objeto não são mais que esquemas classificatórios oriundos dessas lutas e mais ou menos habilmente mascarados ou transfigurados. (BOURDIEU, 1996, p.331).

Entendendo a dificuldade de encontrar uma única divisão das artes ou linguagens que o programa Diversidade cobre, consideramos também a classificação usual que a economia criativa estabelece – que aborda os segmentos produtivos na cultura sob um

viés econômico, agrupando-os ou separando-os a partir de critérios que não levam em conta linguagens, mas desempenho e relações na cadeia produtiva.

Segundo a página do Plano Nacional de Cultura do Ministério do Turismo/Secretaria de Cultura (BRASIL, 2010), no que diz respeito aos Planos Setoriais Nacionais (com objetivo de garantir que as especificidades próprias de cada setor da cultura sejam observadas e atendidas pelas políticas públicas), os setores ou segmentos da cultura nacional são: Arquivos, Artes visuais, Artesanato, Circo, Culturas populares, Culturas indígenas, Culturas Afro-Brasileiras, Dança, Design, Livro e leitura, Moda, Museus, Música e Teatro. Já no Mapeamento da Indústria Criativa no Brasil (online), que acompanha o desenvolvimento da área criativa no país e nos estados e verifica sua representatividade, evolução, transformações e relevância no decorrer dos tempos, a divisão por setores é feita a partir de quatro núcleos (Consumo, Cultura, Mídias e Tecnologia) que por sua vez se subdividem nas áreas de Publicidade & Marketing, Arquitetura, Design, Moda, Expressões Culturais, Patrimônio & Artes, Música, Artes Cênicas, Editorial, Audiovisual, Pesquisa & Desenvolvimento, Biotecnologia e Tecnologias da Informação e Comunicação.

Para aplicação nesta pesquisa, adaptamos essas divisões por segmentos para: Audiovisual, Artes cênicas, Artes visuais, Literatura, Memória e patrimônio, Games, Moda, Artes integradas, Música, Gastronomia, Cultura popular, Comunicação e Outros.

Quadro 4 – Classificação de segmentos/linguagens noticiados no programa

ABREVIÇÕES	CONTEÚDOS
ADV – AUDIOVISUAL	Cinema, videoarte, videodança, videoclips, vlogs e todas as manifestações que se expressem por meio de recursos audiovisuais.
ARC – ARTES CÊNICAS	Teatro, dança, ópera, circo e performance.
ARV – ARTES VISUAIS	Escultura, pintura, desenho, colagem, artesanato e outras expressões captadas pelo sentido da visão.
LIT – LITERATURA	Livros, blogs, autores e eventos relacionados à produção literária
MEM – MEMÓRIA E PATRIMÔNIO	Museus, depoimentos históricos, reportagens sobre ruas, praças, bairros, cidades e quaisquer conteúdos que colaborarem para a preservação histórica.
GAM – GAMES	Roteiros, programação, eventos, criação de jogos.
MOD – MODA	Vestuário, tendências, criadores, história da moda.
ARI – ARTES INTEGRADAS	Eventos ou criações nos quais estejam presentes várias linguagens artísticas.
MUS – MÚSICA	Shows, lançamentos, festivais e processos criativos ligados à música.
GAS – GASTRONOMIA	Receitas culinárias, história da alimentação, nutrição.
CPO – CULTURA POPULAR	Manifestações de cunho popular como credences, lendas, hábitos e costumes de um povo.
COM – COMUNICAÇÃO	Rádio, televisão, internet e outras formas de comunicação
OUT – OUTROS	Conteúdos culturais que não se enquadram nas categorias anteriores.

Fonte: autor

É importante detalhar, nesse quadro, dois segmentos: “outros” e “artes integradas”. O primeiro diz respeito a manifestações da cultura ainda incipientes ou que não foram enquadradas em definições mais exatas ou classificações que consigam traduzir suas características conteudistas de maneira independente. Essa categoria abarca conteúdos sobre comportamento ou áreas como a da política cultural e da legislação que muitas vezes vêm atreladas a outros aspectos da cultura ou da vida social, como aconteceu com a série “Questão de Gênero”⁸ – cinco matérias de teor didático que trouxeram sonoras de psicólogos, advogados, médicos e pessoas transgênero na tentativa de explicar as terminologias como homem e mulher cis, trans, homossexual, bissexual, entre outros, além de informar sobre os direitos da população LGBTQIA+ e contextualizar essa diversidade em vários âmbitos, proporcionando uma melhor compreensão e conscientização sobre a causa.

Já o segmento “artes integradas” se refere ao hibridismo de determinados eventos ou produções artísticas que envolvem mais de uma linguagem, como os festivais e algumas obras criativas que se utilizam de várias artes para se materializar. A esse respeito, Santaella (2001) salienta que na exata medida em que surgem novos veículos de transmissão também proliferam casamentos entre as linguagens e esses meios.

As combinações e misturas não se dão apenas entre as modalidades no interior de uma mesma matriz, mas também podem se dar entre as modalidades das três matrizes entre si. Isso parece óbvio quando tomamos o exemplo do cinema ou da televisão, linguagens eminentemente híbridas, que processam a mistura do verbal escrito (o roteiro) com o verbal oral (a fala viva das personagens), a imagem, que permite inclusive a tomada da imagem dentro da imagem, e todos os tipos de som, na música e ruídos. (SANTAELLA, 2005, p.).

Em seguida, na quinta etapa, foi possível, a partir dos espelhos e da classificação de segmentos/linguagens, gerar a frequência de conteúdo semanal (Quadro 5), a incidência de conteúdo geral por segmento/linguagem do período estudado (Quadro 6) e, por fim, a incidência de valores-notícia identificados no conteúdo do programa no período do recorte temporal (Tabela 1).

⁸ Disponível no canal do Diversidade no Youtube (www.youtube.com/programadiversidade).

Quadro 5 – Frequência de conteúdo semanal por segmentos/linguagens

SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
BLOCO 1	BLOCO 1	BLOCO 1	BLOCO 1	BLOCO 1
ARTES VISUAIS ENTREVISTA	LITERATURA COLUNA OPINATIVA	OUTROS MATÉRIA	AUDIOVISUAL MATÉRIA	ARTES VISUAIS MATÉRIA
LITERATURA MATÉRIA	ARTES INTEGRADAS MATÉRIA	MÚSICA ENTREVISTA	ARTES INTEGRADAS ENTREVISTA	COMUNICAÇÃO MATÉRIA
BLOCO 2	BLOCO 2	BLOCO 2	BLOCO 2	BLOCO 2
AUDIOVISUAL MATÉRIA	MÚSICA ENTREVISTA	LITERATURA ENTREVISTA	MÚSICA ENTREVISTA	AUDIOVISUAL COLUNA OPINATIVA
GAMES MATÉRIA	MODA EDITORIAL	MÚSICA COLUNA OPINATIVA	GAMES COLUNA OPINATIVA	OUTROS ENTREVISTA
AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL

Fonte: autor

Como já citado, a pesquisa envolvendo a frequência de conteúdos por segmento/linguagem ficou circunscrita ao período de dez meses (março a dezembro de 2018), correspondendo a cobertura feita pelo programa Diversidade num âmbito geográfico que tem como centro a cidade de Campina Grande, mas também algumas cidades circunvizinhas alcançadas pelo sinal da TV Itararé e as cidades de Patos e Sousa no sertão paraibano. Uma visão geral quantitativa dos conteúdos, distribuída mensalmente, está apresentada na Tabela 1.

Tabela 1 – Frequência mensal de conteúdo por segmento/linguagem (março a dezembro de 2018)

SEGMENTO/ LINGUAGEM	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL
ADV	09	09	11	09	12	08	06	11	10	08	93
ARC	12	09	12	02	09	15	09	09	10	03	90
ARV	03	03	04	03	05	06	06	03	04	04	41
LIT	11	04	02	02	01	03	11	05	08	09	56
MEM	00	00	00	00	00	00	00	00	00	03	03
GAM	00	00	00	00	00	00	00	01	01	00	02
MOD	01	02	01	00	00	01	00	00	00	00	05
ARI	08	05	02	02	03	12	02	07	09	02	25
MUS	08	18	00	23	21	16	12	17	19	16	150
GAS	00	00	00	04	00	00	01	00	01	01	07
CPO	01	00	00	05	02	00	02	01	00	02	13
COM	00	02	00	02	00	00	01	01	00	00	06
OUT	07	04	03	05	01	06	07	09	06	03	51

Fonte: autor

A partir do material documental, promovemos uma análise dos dados, os relacionando com os referenciais teóricos e buscando a melhor compreensão dos processos de noticiabilidade empregados no Diversidade. Foi possível, com isso, quantificar a cobertura por segmento cultural, entendendo quais deles tiveram maior incidência no programa. Como resultado obtivemos a Tabela 2 que relaciona as matérias presentes nos espelhos do programa com os valores-notícia do quadro 2. Utilizamos os

títulos das matérias como nossas unidades de contexto e os valores-notícia como unidades de registro (nos apêndices detalhamos essa classificação).

Tabela 2 – Incidência de valores-notícia no conteúdo do programa Diversidade

ABRANGÊNCIA	IMPACTO	IMPREVISÃO	INCLUSÃO ⁹	NOTORIEDADE	NOVIDADE	POLÊMICA	PROXIMIDADE	RARIDADE	RELEVÂNCIA	TOTAL
61	40	1	166	103	532	4	582	22	181	1692
3,61%	2,36%	0,06%	9,81%	6,09%	31,44%	0,24%	34,40%	1,30%	10,70%	100,00%

Fonte: autor

Essa tabela nos dá uma dimensão de como as pautas contemplaram os diferentes valores-notícia e será utilizada no próximo capítulo para a análise comparativa com os resultados da entrevista de grupo focal.

Com os quadros de frequência de conteúdo por segmento/linguagem elaborados, pudemos quantificar os valores-notícia que propusemos a partir do referencial teórico para a partir daí elaborar e executar uma entrevista em grupo focal com os jornalistas da equipe de produção do programa, tornando possível observar a aplicação dos valores notícia na prática dessa equipe, relacionando a incidência dos mesmos com os relatos e observações dos profissionais ouvidos.

A amostra delimitada do objeto selecionado para tratamento empírico, no que tange aos produtores de notícia, foi composta por profissionais responsáveis pela área de produção de pautas do programa – jornalistas com formação superior com idade entre 22 e 32 anos, residentes em Campina Grande e advindos dos cursos de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba e Educomunicação da Universidade Federal de Campina Grande. O demonstrativo dos espelhos do programa correspondente ao período analisado encontra-se no Apêndice A. Nesse demonstrativo é possível acompanhar a dinâmica das pautas durante todo o período e os seus respectivos segmentos/linguagens.

Na sequência, e finalizando a pesquisa, realizamos as derradeiras etapas de acordo com os pressupostos da análise de conteúdo de Bardin (2011), analisando todos os dados obtidos e concluindo com as reflexões a partir do que foi investigado.

⁹ Esse critério não consta no quadro 1, surge como um dos resultados da análise e será discutido a posteriori.

3.3 Aplicação de Questionários Individuais

Baseados no que propõe YIN (2003), utilizamos dos dois tipos de entrevistas trazidos por ele em seu Estudo de Caso, sendo a primeira aplicada via questionário online que permitiu manter os prazos de acesso aos dados respeitando as agendas de horários nem sempre convergentes dos entrevistados.

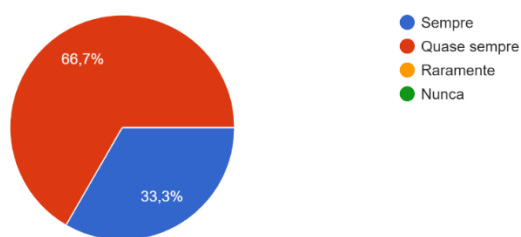
As entrevistas podem assumir formas diversas. É muito comum que as entrevistas, para o estudo de caso, sejam conduzidas de forma espontânea. Essa natureza das entrevistas permite que você tanto indague respondentes-chave sobre os fatos de uma maneira quanto peça a opinião deles sobre determinados eventos. Em algumas situações você pode até mesmo pedir que o respondente apresente suas próprias apresentações dos acontecimentos e pode usar essas proposições como base para uma nova pesquisa. (p.112).

A partir de questionário individual aplicado com a equipe de jornalistas, foram coletados os seguintes resultados:

Em relação a primeira questão, sobre o índice de aceitação de pautas, registramos que dois componentes da equipe de jornalistas consideram que *quase sempre* as sugestões propostas são aceitas, enquanto apenas um membro declarou ter as ideias para conteúdo *sempre* acatadas.

Gráfico 2 – Frequência de sugestões de pautas aceitas

COM QUAL FREQUÊNCIA SUGESTÕES DE PAUTA PROPOSTAS POR VOCÊ SÃO (OU FORAM) ACEITAS?
3 respostas



Fonte: autor.

Na segunda questão enviada aos entrevistados, abordamos um tema que está intrinsecamente relacionado a noticiabilidade que é a viabilização da matéria a partir das relações que possíveis fontes possam com os jornalistas. Atentamos para dois aspectos desse questionamento: 1) até que ponto uma pauta pode cair devido à pouca ou nenhuma colaboração dos atores nela envolvidos, dificultando a coleta de informações ou o acesso

ao evento/fato a ser noticiado; e 2) como manter a conduta ética para evitar o favorecimento de uma pauta em detrimento de outra (às vezes até mais importante para o programa) motivados apenas pelas relações de proximidade entre jornalistas e agentes culturais proponentes das mesmas.

Houve unanimidade nesse segundo aspecto, com todos concordando que conhecer a fonte (seja o artista, o produtor ou mesmo o assessor de comunicação) torna uma pauta mais “viável”.

Gráfico 3 – Relação entre proximidade com as fontes e pautas aceitas

COM QUAL FREQUÊNCIA A PROXIMIDADE COM A FONTE (CONHECER O ARTISTA OU O PRODUTOR) VIABILIZA (OU VIABILIZOU) UMA PAUTA?

3 respostas



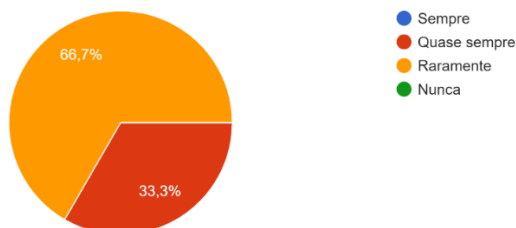
Fonte: autor.

A terceira questão voltou-se para um dos constrangimentos da práxis jornalística que é a influência da direção geral da emissora, situada acima da direção jornalística, mas sem o conhecimento técnico da mesma, nas decisões relacionadas às pautas. O objetivo foi saber até que ponto essa interferência é notada pela equipe; o resultado foi curioso porque como tivemos dois membros afirmando que raramente essa interferência acontece, o terceiro jornalista registrou uma resposta dissonante, respondendo que quase sempre essa interferência ocorre.

Gráfico 4 – Frequência de recomendação de pautas pela Direção Geral

COM QUAL FREQUÊNCIA PAUTAS SÃO (OU FORAM) RECOMENDADAS PELA DIREÇÃO GERAL DA EMISSORA?

3 respostas



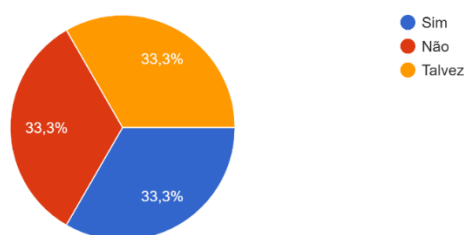
Fonte: autor.

A penúltima pergunta do questionário voltou-se para a aplicabilidade dos critérios de seleção de pauta de outras editorias (política, esportes, cotidiano, etc.) ao segmento do jornalismo cultural. Tivemos três respostas distintas, o que comprovou que, quando aprofundamos a discussão acerca do que é notícia ou de quais critérios usamos para selecionar fatos que se tornaram produtos noticiosos, não existe uma unanimidade ou mesmo clareza por parte dos profissionais envolvidos nas rotinas de produção jornalística, como já fora apontado por outros pesquisadores, a exemplo de Tuchman (1978).

Gráfico 5 – Similaridade entre os critérios de seleção de pautas por editorias

VOCÊ CONSIDERA QUE OS CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DE PAUTAS NO PROGRAMA DIVERSIDADE SEGUEM OS MESMOS CRITÉRIOS DE OUTRAS EDITORIAS?

3 respostas



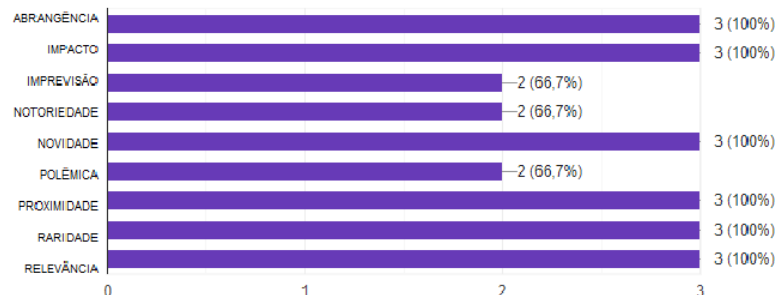
Fonte: autor.

A última etapa do questionário relacionava como opções de resposta os valores-notícia utilizados nesta pesquisa para o campo do jornalismo cultural – a partir de outros autores já citados. Objetivamos saber quais desses critérios eram mais levados em conta quando uma proposta de pauta surgia. As respostas dadas pelos entrevistados em relação aos valores-notícia abrangência, impacto, novidade, proximidade, raridade e relevância foram homogêneas. Imprevisibilidade, notoriedade e polêmica ficaram atrás.

Gráfico 6 – Valores-notícia considerados para sugestão de pautas

QUAIS DESSES VALORES-NOTÍCIA SÃO CONSIDERADOS POR VOCÊ PARA PROPOR UMA PAUTA CULTURAL?

3 respostas



Fonte: autor.

Cruzamos então as informações dessa última questão com a análise dos espelhos do programa ao longo dos dez meses pesquisados para entender até que ponto houve coerência entre a realidade da produção do programa (as pautas aceitas, produzidas e exibidas) e a percepção dos profissionais sobre os valores-notícia.

3.4 Entrevista em Grupo Focal

Analizamos neste capítulo a entrevista realizada na sexta etapa do percurso metodológico, caracterizada como grupo focal e que, conforme Minayo (1992), envolve estabelecer um diálogo com grupos pequenos e homogêneos cujo objetivo é obter informações por meio do aprofundamento de interações entre os participantes. Como técnica na abordagem qualitativa, ainda segundo Bardin (2011), a entrevista com grupo focal contribui para:

- (a) focalizar a pesquisa e formular questões mais precisas; (b) complementar informações sobre conhecimentos peculiares a um grupo em relação a crenças, atitudes e percepções; (c) desenvolver hipóteses para estudos complementares; (d) ou, cada vez mais como técnica exclusiva. (2011, p.).

Dessa forma, buscando compreender melhor os dados apresentados na Tabela 1, achamos necessário buscar na própria fala dos três jornalistas que compõem o quadro de profissionais responsáveis pela produção, reportagem e edição do programa *Diversidade*, indícios da presença de valores-notícia em sua prática jornalística. A entrevista foi realizada no dia dois de dezembro de 2019. Participaram os jornalistas que a partir de agora serão referidos como Jornalista A, Jornalista B e Jornalista C, para manter a confidencialidade de suas identidades. Um segundo tipo de entrevista é focal (Merton et al., 1990), na qual o respondente é entrevistado por um curto período de tempo – uma hora por exemplo. Nas palavras de YIN (2003): “Nesses casos, as entrevistas ainda são espontâneas e assumem o caráter de uma conversa informal, mas você, provavelmente, estará seguindo um certo conjunto de perguntas que se originam do protocolo de estudo de caso”.

O pesquisador, também mediador, estruturou um roteiro para a entrevista de modo a guiar as discussões dentro da temática de interesse. Esse roteiro é composto por uma breve apresentação seguida de questionamentos relacionados à rotina de produção de notícia. Se deu como uma entrevista semiestruturada em que os participantes poderiam falar livremente sobre a temática com pequenas intervenções do mediador. Antes da entrevista os jornalistas receberam uma cópia da tabela com os valores-notícia (entre estes

não constava ainda o valor inclusão, só detectado durante os depoimentos); a mesma foi lida com a descrição de cada item pelo mediador para que fossem tiradas dúvidas relativas aos termos e definições, caso surgissem. A entrevista foi gravada em áudio e os participantes assinaram um termo de consentimento.

Após a sessão de entrevista, realizamos a transcrição e iniciamos a etapa da categorização e análise, buscando termos e expressões na fala dos entrevistados que apontassem para a presença dos valores-notícia. A transcrição completa está no Apêndice B. O resultado dessa etapa, bem como a análise comparativa com os dados da Tabela 1 são apresentados no tópico a seguir.

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

A partir da proposta metodológica para análise de conteúdo de Bardin (2011), no que se refere a aplicação de valores-notícia a partir do Quadro 2 (adaptado do Quadro 1 para esta pesquisa), foi possível constatar que a percepção dos protagonistas da produção noticiosa do programa investigado, relacionada ao uso do critério de noticiabilidade referido no campo teórico como valor-notícia, é feita de maneira subjetiva e sem reflexão metódica sobre seu uso, assim como relatado na literatura especializada e na própria prática, quando jornalistas inseridos em rotinas de produção são abordados acerca de critérios de noticiabilidade.

É perceptível que mesmo os valores-notícia sendo levados em conta, isso é feito de maneira já introjetada na dinâmica da redação, não sendo parte de uma etapa específica do processo. Numa analogia simples, valores-notícia seriam como elementos adicionados a uma solução homogênea: sabemos que estão presentes, diluídos e de maneira indistinta; podemos até distingui-los num exame mais detalhado, mas identifica-los na solução, *prima facie*, é tarefa improvável dado seu caráter difuso. Ademais, valores-notícia permeiam todas as etapas da seleção e produção noticiosa, podendo até derrubar uma matéria que já esteja editada e prestes a ir ao ar, o que os torna elementos presentes até nas etapas mais adiantadas da produção noticiosa.

Considerando esse traço difuso, há como exemplo uma discussão testemunhada durante a pesquisa, sobre um acidente ocorrido em frente a emissora envolvendo um conhecido comunicador da cidade, o qual deveria ser noticiado, mas que, por cerca de meia hora, tornou-se foco de debate pela simples dificuldade dos jornalistas envolvidos em indicar a razão principal pela qual o sinistro se tornaria notícia. Como envolvia uma figura pública da área da comunicação, a questão flutuou durante parte da reunião em torno de se definir se o acidente seria notícia 1.º) pelo simples acidente; 2.º) pela notoriedade do envolvido; 3.º) pelos danos que causou; ou 4.º) por outra razão que o caracterizasse como um acidente diferente de outros acidentes.

A discussão entre a editora do telejornal, repórteres e produtores chegou a um consenso não unânime, se é que isso é possível: o fato seria notícia, mas as razões que o tornariam noticiável não ficariam muito claras. Como a identificação de valores-notícia, ao final das contas, não diz respeito ao público, é compreensível que empregar tempo numa etapa analítica com tal profundidade é impraticável, já que o exercício da profissão requer velocidade na tomada de decisões dado o *deadline* de um telejornal diário.

A produção do objeto de estudo da presente pesquisa também segue esse padrão de rotina em que critérios de noticiabilidade surgem submersos no *modus operandi* da equipe. Por essa razão, um dos objetivos das interações feitas com o grupo de jornalistas do programa Diversidade, via entrevista em grupo focal, foi tentar trazer à tona por meio de suas falas e rotinas indícios de que o uso de valores-notícia está presente em algum nível. Para tanto, utilizamos a entrevista semiestruturada que, nas palavras de Bardin (2011), também podem ser nomeadas de “entrevistas semidiretivas” ou “com plano, com guia, com esquema”. A autora nos orienta a transcrever-las integralmente, incluindo hesitações, risos, silêncios e até os estímulos dos entrevistados durante a conversa. Como método de investigação específico, a entrevista, mesmo incluindo a subjetividade das declarações dos indivíduos, é um recurso rico para compreensão de um contexto.

Lidamos então com uma fala relativamente espontânea, com um discurso falado, que uma pessoa – o entrevistado – orquestra mais ou menos à sua vontade. Encenação livre daquilo que esta pessoa viveu, sentiu e pensou a propósito de alguma coisa. A subjetividade está muito presente: uma pessoa fala. Diz: “Eu”, com os próprios sistemas de pensamentos, os seus processos cognitivos, os seus sistemas de valores e de representações, as suas emoções, a sua afetividade e a afloração do seu inconsciente. (BARDIN, 2011, p. 94).

A entrevista semiestruturada com grupo focal teve duração de 50 minutos e logo após sua aplicação em 2 de dezembro de 2019, realizamos a análise de conteúdo (BARDIN, 2011) da transcrição do encontro gravado. Nessa análise buscamos identificar nos depoimentos e interações do método qualitativo empregado, indícios de aplicação de valores-notícia que pudessem proporcionar uma interpretação da prática da equipe no que diz respeito a esses critérios (conforme valores-notícia do Quadro 2).

Detectamos a incidência de termos recorrentes que remeteram a valores-notícia já conhecidos como “novidade” e “proximidade”, mas também foram identificadas alusões ao termo “inclusão” – que não figura nas classificações que usamos como referência, passando a ser considerado um valor-notícia específico para o estudo de caso.

Os termos identificados nas falas dos jornalistas que remetem aos valores-notícia proximidade e novidade correspondem, respectivamente, a 34,40% (582 ocorrências) e 31,44% (532 ocorrências), sendo os mais frequentes. Esse cruzamento de dados coincidentes nos leva a entender que há uma consciência na aplicação prática de ambos ou, pelo menos, nos sugere algum nível de entendimento das operações de seleção de notícia a partir desse critério de noticiabilidade.

Já os valores-notícia qualidade e inclusão possuem uma incidência menor: o primeiro com 10,7% (181 ocorrências) e o segundo com 9,8% (166 ocorrências). Entretanto, como vimos acima, esses critérios têm uma presença significativa nas falas durante a entrevista. Tendo em vista seu caráter social de proporcionar visibilidade àqueles que, de outra maneira, não seriam considerados noticiáveis, principalmente na grande mídia, o critério inclusão carrega uma significação identitária do próprio programa e uma possível inversão do conceito de valores-notícia.

É interessante notar que os quatro termos ou valores-notícia citados mais explicitamente na entrevista em grupo, também correspondem aos termos de maior ocorrência na tabela de análise de pautas por valores-notícia. Isso sugere que o conhecimento e reconhecimento desses valores-notícia se refletem na proposição de pautas para o programa. Vejamos a seguir de que forma os entrevistados se referiram aos mesmos.

Novidade

É notório que o significado do substantivo feminino novidade inclui a qualidade do que é novo, do que existe há pouco tempo, mas ao aplicar o termo ao campo jornalístico também podemos nos referir a algo extraordinário ou que aparece ou se desenvolve pela primeira vez. No campo artístico, segmento que o jornalismo cultural cobre, também associamos novidade ao que resulta de um processo criativo. Jornalisticamente, novidade se situa nas definições de circunstância recente, boa ou má, e de situação inesperada, imprevista.

Para Eduardo Meditsch (2002), a revelação da novidade é um dado estrutural da retórica do Jornalismo. Comparando o conhecimento construído pela ciência com o conhecimento que o jornalismo proporciona, o autor defende a ideia de que a forma com que a novidade chega também é diferente nas duas áreas.

Enquanto a ciência, abstraindo um aspecto de diferentes factos, procura estabelecer as leis que regem as suas relações, o Jornalismo, como modo de conhecimento, tem a sua força na revelação do próprio facto, na sua singularidade, incluindo os aspectos forçosamente desprezados pelo modo de conhecimento das diversas ciências. (MEDITSCH, 2002, p.)

Embora em alguns momentos seja citado o termo “originalidade”, como quando o Jornalista A afirma: “A originalidade dos personagens com que a gente vai conversar,

vai estabelecer um diálogo e isso traz um diferencial para essa escolha também de pauta”, nos convencemos que o termo aqui surge com um significado de novo ou de novidade. É ainda o mesmo colaborador quem complementa: “Então isso é levado em conta. A eventualidade do acontecimento. Esse é um dos pontos. O outro tem a ver com a novidade, o ineditismo, um lançamento de um novo livro de um autor, por exemplo”.

As palavras “nova” e “diferente” também surgem nesse contexto quando o jornalista B se refere às pautas que elege:

Seja aqui de Campina Grande ou um trabalho que traga uma estética diferente, que prega uma linguagem artística diferente, a gente tenta pautar, ou mesmo espetáculos que venham de fora, em alguns projetos que ficam aqui em Campina Grande, esses espetáculos sempre trazem uma linguagem nova. Uma estética nova. E até dentro dessa estética, dessa linguagem nova, algum tema importante que é debatido. Como por exemplo o espetáculo “Traga-me a cabeça de Lima Barreto” que trouxe uma linguagem diferente e um tema importante que foi o movimento de segregação racial da época”. (JORNALISTA B)

O Jornalista C expõe seu ponto de vista em relação à seleção noticiosa revelando que pauta as matérias “Sempre pensando no público: será que isso daqui vai ser interessante pra alguém ver, alguém saber, ter conhecimento disso aqui? E buscar sempre informações que possam realmente ajudar no dia a dia das pessoas e mostrar realmente coisas que elas não estão habituadas a ver. Isso eu acho bastante importante.” O que é complementado por jornalista B ao afirmar que busca “A identificação, mas não no sentido porque eu gosto, mas, porque é uma coisa bonita, nova, é algo diferente”.

Proximidade

Etimologicamente, proximidade surge do latim *proximitat* sendo um termo usado para descrever o estado daquilo que se encontra próximo. Usamos nesse sentido também para descrever vizinhança ou contiguidade. Curta distância ou curto período de tempo também são sinônimos de proximidade, assim como a iminência de algo. O que atribuímos como familiar ou íntimo também pode ser classificado como algo próximo ou do qual temos proximidade, assim como arredores e vizinhança. No campo jornalístico, proximidade se refere a todos os acontecimentos que tenham relação com o local do ponto de vista geográfico (cidade ou estado coberto pelo veículo de comunicação).

Segundo Sousa (2002) comunicação social regional (ou de proximidade) seria a “que se estabelece numa comunidade de vizinhos, através de meios de comunicação que

lhe são próximos”. Esta noção aproxima-se da definição sociológica, que encara a imprensa regional ou local como aquela que se distribui numa dada área geográfica, abrangendo regiões ou localidades.

Camponez (2002) partilha da mesma linha de pensamento, e destaca que a imprensa regional se refere à informação local, isto porque existe um elo de ligação entre a “localização territorial e territorialização dos conteúdos”. De acordo com o autor de “Jornalismo de Proximidade”, a imprensa regional constrói-se no compromisso entre a região e as pessoas que a habitam, sendo “nesse compromisso que frutifica ou fracassa, se diversifica ou homogeneiza a comunicação”.

Em se tratando do valor-notícia proximidade, o Jornalista A faz alusão ao mesmo utilizando palavras como “regional” e “regionalizar” ou a própria “proximidade”, como vemos a seguir:

Como é que isso acontece em Campina Grande? Será que isso tem impacto? A gente está vendo que essa notícia saiu aqui e ela teve um tom, uma certa proporção, mas aí em Campina Grande...será que isso também tem uma certa relevância? Esse ano houve muita censura, esse bate-papo mais político não que gênero não seja, mas acho que ano passado gênero estava mais forte e a gente trouxe, né? Trabalhou isso. Então... tentar trazer esse tema pra... regionalizar esse tema para mostrar para as pessoas esse aspecto de proximidade. Como é que está acontecendo isso aqui. Para que as pessoas daqui se identifiquem e talvez possam debater mais sobre isso com mais propriedade. Pelo menos trazendo isso pra coisa regional, local. (JORNALISTA A)

É ele quem também sugere que mesmo notícias já veiculadas em outras instituições jornalísticas devem ser contextualizadas regionalmente:

Existe um perfil editorial e dentro desse perfil a gente tem a liberdade de poder trabalhar, a partir daí é que vão se unindo criatividade, questão de tendências, informações que já circulam e estar atento ao que repercute, o que não está repercutindo, trazer isso pra localidade. (JORNALISTA A)

Não encontramos nenhuma passagem das falas dos jornalistas B e C que se relacionassem com o valor-notícia proximidade.

Inclusão

A partir da afirmação de George Gaskell (2017, p. 65), que uma entrevista qualitativa “pode também ser empregada como uma base para construir um referencial para pesquisas futuras e fornecer dados para testar expectativas e hipóteses desenvolvidas fora de uma perspectiva teórica específica”, identificamos na entrevista em grupo uma preocupação com um critério contemporâneo que poderíamos classificar de inclusão, mesmo não constando nas tabelas de valores-notícia.

Inclusão significa ação ou efeito de incluir, sendo também o estado de uma coisa incluída. A etimologia da palavra vem do latim *includere*, "fechar em, inserir, rodear", de IN, "em", + *cludere*, "fechar". Inclusão é, então, o mesmo que colocar dentro alguma coisa que esteja do lado de fora. Socialmente, significa integrar pessoas que possuem necessidades especiais ou específicas numa sociedade, daí o termo políticas de inclusão. Uma outra expressão usual é inclusão digital, que designa o conceito usado na informática que destaca a necessidade de tornar seu uso acessível a todos.

Para compreender inclusão, porém, recorreremos ao seu oposto, a exclusão, partindo desse segundo conceito como elucidador do primeiro. Para Wanderley (2016), a ciência ainda considera a exclusão como um novo paradigma em construção. Talvez por isso, a concepção de exclusão continua fluida como categoria analítica. Em suas palavras, exclusão é uma ideia “difusa, apesar dos estudos existentes, e provocadora de intensos debates”.

Muitas situações são descritas como de exclusão, que representam as mais variadas formas e sentidos advindos da relação inclusão/exclusão. Sob esse rótulo estão contidos inúmeros processos e categorias, uma série de manifestações que aparecem como fraturas e rupturas do vínculo social. (WANDERLEY, 2016, p 17.)

Prosseguindo com sua abordagem sobre o conceito, a autora pondera que mesmo os estudiosos da questão afirmam que, epistemologicamente, trata-se de um fenômeno suficientemente vasto para que se torne quase impossível de ser delimitado. Fazendo um recorte “ocidental”, ela conduz a afirmação de que “excluídos são todos aqueles que são rejeitados de nossos mercados materiais ou simbólicos, de nossos valores” (XIBERRAS, 1993, p. 21). Transpomos o termo para o campo da nossa pesquisa considerando a pertinência principalmente com esta definição. Assim, inclusão seria algo de um movimento oposto, de uma ação, postura ou política que se contrapusesse ao *status quo*,

permitindo, propiciando ou provocando a inserção nos mercados materiais ou simbólicos de todos e/ou de tudo que estiver à margem do que é valorado e reconhecido como parte desse patrimônio reconhecido.

Na verdade, existem valores e representações do mundo que acabam por excluir as pessoas. Os excluídos não são simplesmente rejeitados física, geográfica ou materialmente, não apenas do mercado e de suas trocas, mas, de todas as riquezas espirituais, seus valores não são reconhecidos, ou seja, há também uma exclusão cultural. (WANDERLEY, ano, pg)

Essa dualidade inclusão/exclusão também é considerada como de importância para esta pesquisa por estar associada às questões identitárias. Swaia nos traz uma reflexão nesse sentido ao abordar a identidade como algo que esconde negociações de sentido, choques de interesse, processos de diferenciação e hierarquização das diferenças, “configurando-se como estratégia sutil de regulação das relações de poder, quer como resistência à dominação, quer como seu reforço” (SWAIA, 2001).

Inclusão seria, portanto, um critério de seleção ou valor-notícia que implicaria proporcionar visibilidade a artistas, linguagens e eventos que não encontram espaço nos programas das emissoras de TV comerciais. Pelo que a equipe entrevistada expressou, esse elemento deriva menos de uma preocupação de posicionamento mercadológico que de uma consciência do papel social deles enquanto comunicadores. O jornalista B é quem primeiro cita essa preocupação, afirmando:

Eu que acho que, por exemplo, a gente marcou uma matéria com Helloysa do Pandeiro, como Sarinho¹⁰ (...) são histórias que às vezes a grande mídia não toca, não conta, é uma história que às vezes está lá escondida, e alguém vem com uma sugestão, olha Fulano... Tem um senhor que é agricultor e é poeta, mas não se sabe disso, né? E tenta se mostrar da melhor forma possível. (JORNALISTA B)

Jornalista A estende essa abordagem de exclusão versus inclusão não apenas para artistas e eventos, mas para temas, conteúdos considerados tabu, pode-se dizer:

Eu acho que é assim, o grande papel do programa é justamente trazer à tona certos debates... Artistas e produções que estão à margem de uma indústria cultural e que podem encontrar ali uma via de divulgação, difusão ou discussão sobre a cultura, sua obra e tal. Então, de alguma forma a gente como

¹⁰ Reportagens sobre a cantora Helloysa do Pandeiro e o poeta popular Antônio Travassos Sarinho (disponíveis em <https://www.youtube.com/user/ProgramaDiversidade>).

mediadores desse debate entre esse mundo, a margem e o espectador talvez. A gente tem esse papel de poder captar, trazer essas informações desse mundo que está à margem para poder mostrar para as pessoas e discutir com elas quanto importante que essas questões também sejam debatidas, né? Sejam colocadas na sociedade porque o mundo não é uma coisa estagnada, o mundo é plural, é diverso, é tudo isso, então eu acho que é um papel que a gente tem dentro do programa como comunicadores. (JORNALISTA A)

Num trecho da entrevista, o jornalista B recorre a Beltrão (1980), quando se refere ao fenômeno da Folkcomunicação, para exemplificar essa noção de mídia excludente e reforçar o intuito inclusivo de certas pautas:

Eu acho que, por exemplo, quando pauta algo que não é da cultura popular, a gente tá fazendo o que: é a expressão artística cultural popular que está lá, mas que a grande mídia não mostra porque não vende, porque não é do interesse do setor comercial mostrar por exemplo uma menina que toca pandeiro. Sim... A menina toca pandeiro...e? (JORNALISTA B)

Um ponto de vista que o jornalista C corrobora ao dizer que “o grande diferencial do programa Diversidade é justamente esse, é dar espaço pra pessoas simples, humildes, menos famosas, porque pode ver em outras emissoras que geralmente nem sempre abrem espaço para pessoas menos famosas e mais simples”. Nesse mesmo sentido, jornalista A relata: “Ah, como é que vocês chegam nesse personagem? – eu acho que um aspecto importante é a vivência, é viver nos ambientes culturais da cidade, outros lugares porque eu acho que só assim você tem de fato contato e a possibilidade de conhecer não só novos artistas, mas também artistas que vem trabalhando há muito tempo, mas que ainda não tiveram esse espaço na mídia”.

É ele quem também afirma:

Eu acho que quando a gente traz essas coisas, a gente evita produtos da indústria cultural que já tem um certo espaço na mídia. (...) Tendo essa janela de diálogo e fazendo com que ele tenha essa oportunidade de falar sobre o seu evento, sobre o seu show, sua banda e tal. Mas, é como a gente já falou, a prioridade são outras manifestações dentro da cultura popular outros tipos de manifestações que correm fora da indústria cultural”. (JORNALISTA A)

Ainda relacionado ao sentido inclusivo das pautas detectado nos depoimentos dos jornalistas entrevistados, algo que, segundo Gaskell (2017), faz parte dessa compreensão em maior profundidade oferecida pela entrevista qualitativa, podendo esta fornecer informação contextual valiosa para ajudar a explicar achados específicos, Jornalista B

revela que “o que eu não pauto, é justamente o que a grande mídia já mostra, por exemplo, esse forró mais estilizado, esse forró mais novo a gente evita, não é que não possa pautar, a gente evita porque já tem o espaço em outros veículos, acho que a gente mostra é a cultura fora do padrão da mídia tradicional, a cultura vista pela sua Diversidade de expressões artísticas”.

Qualidade

A palavra qualidade também foi citada em alguns momentos, indicando que também pode ser algo significativo para um telejornal cultural, ou seja, a relevância estética, o valor artístico de uma personagem ou fato. Para usar um termo em voga, seriam pautas que são elegidas a partir de um tipo de curadoria, mesmo que incipiente ou não sistematizada, já que para efetivar a pauta e tê-la aprovada é considerada a dimensão criativa/qualitativa do artista, evento ou obra a partir de parâmetros como sua contribuição para o segmento onde atua e sua trajetória. Na falta de um valor-notícia com esse significado específico, e a partir da interpretação do sentido apresentado nas falas dos jornalistas, convertemos o termo estética no valor-notícia qualidade.

É o Jornalista B quem faz a primeira referência nesse sentido: “Alguém manda um álbum para gente ouvir, e a gente vê que a pessoa não canta legal ou que a música ofende um determinado gênero ou então que a música não tem qualidade estética nenhuma. A gente tenta não pautar”. Esclarecendo em seguida que essa exigência não implica em preconceito de gênero, já que: “Até o sertanejo universitário se tiver qualidade, se for um artista daqui e tiver qualidade, a gente pauta”. Indagados sobre a possível subjetividade ou pessoalidade desse tipo de abordagem na hora da seleção, o Jornalista A é enfático: “Se fosse só pessoal, estética não seria uma disciplina acadêmica, não seria estudado. Então, existem maneiras da gente conseguir pensar e saber que alguns tipos de características estéticas são passíveis de serem consideradas”.

Como vimos acima, foram identificados, nas falas dos jornalistas, apenas quatro valores-notícia do Quadro 1. Mesmo tendo acesso prévio ao quadro, no momento de refletir sobre sua prática em relação às pautas do programa, há pouca consciência do conjunto do trabalho desenvolvido no âmbito de uma classificação teórica.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os caminhos de uma pesquisa são sempre inesperados. Iniciamos um traçado para o percurso e, após atalhos, bifurcações, labirintos e vielas, imaginando-se no destino final do itinerário, eis que caímos num *cul-de-sac*¹¹. Meia-volta dada, refazemos os caminhos e acabamos nos reencontrando com questões que julgávamos resolvidas. É quando precisamos exercer a sensatez de admitir que o limite é o tempo e que, por mais que queiramos dilatá-lo com o propósito de buscar as respostas que nos propomos encontrar, é necessário findar o garimpo e apresentar o que achamos, a despeito do resultado ainda exigir uma lapidação que outra abordagem ou mesmo outros pesquisadores porventura tenham tempo e vontade de empreender.

Nesta pesquisa buscamos entender como a equipe de jornalistas do programa Diversidade seleciona o que será levado ao ar, exercendo o que os teóricos definem como critérios de noticiabilidade – neste caso especificamente os valores-notícia usados para atribuir o status de noticiável ao que se tornará pauta e posteriormente conteúdo jornalístico cultural. Definidos o objeto da pesquisa e a metodologia a ser aplicada, passamos, na condição de sujeito integrante da equipe, a exercer um papel de autovigilância crítica que nos permitisse o distanciamento necessário tanto a coleta quanto ao tratamento dos dados. Após a análise destes, chegamos a duas conclusões: a inclusão como um valor-notícia inaudito e a aplicação não sistemática dos valores-notícia na produção do programa. Começemos pelo último.

5.1 A aplicação não sistemática dos valores-notícia na produção do programa

A dificuldade em definir os valores-notícia durante o processo de produção jornalística deve-se a fatores como a distância entre o que se aprendeu nos bancos da academia e a práxis, a subjetividade de alguns conceitos e definições ao serem aplicados no campo prático e a impossibilidade de reflexões acuradas e que demandem mais tempo do que o disponível numa redação. Acerca do primeiro fator, segundo Kolb e Fry (1975) e Kolb (1976, 1984), o aprendizado é um processo que se desenvolve através da experiência concreta, da observação reflexiva, da conceituação abstrata e da experimentação ativa. É a partir da experiência concreta que o estudante refletirá sobre a

¹¹ Termo de origem francesa que se refere a uma via sem saída. Zona terminal de uma estrada ou arruamento. (Dicionário Online de Engenharia Civil e Construção Civil)

vivência, sob diferentes perspectivas, criando generalizações ou princípios que integrem sua observação e, claro, conceitualizando o problema. Se o aprendizado nos bancos dos cursos de jornalismo não permitirem, como acontece em várias instituições, experiências práticas que possibilitem a apreensão do conhecimento através desse percurso, ainda mais no caso de conceitos tão escorregadios como o de valores-notícia, é possível que essa distância entre teoria e prática dissipe o conhecimento, impossibilitando ao jornalista a aplicação sistemática desse aprendizado pelo simples fato de não o ter apreendido solidamente. Daí a importância dos estágios em empresas de comunicação onde o estudante pode aplicar o que aprendeu, confrontando as rotinas práticas com o que foi absorvido teoricamente.

O cruzamento entre a impossibilidade de reflexões acuradas que demandem um tempo indisponível na redação e a ciência de que a identificação de critérios de noticiabilidade como os valores-notícia não fazem diferença para o resultado final do trabalho jornalístico – que é produzir notícias – leva os jornalistas do Diversidade a fazerem uso não sistemático dos valores-notícia, aplicando-os sem análise, discussão ou registro dos mesmos. Na revisão teórica para nossa investigação, a propósito, não encontramos referências a nenhuma experiência em redações pelo mundo que tenham sistematizado tal aplicação. Ela ocorre, pelo menos nas práticas institucionalizadas da profissão, de forma latente e pouco discutida na amplitude da complexidade inerente ao conceito desse critério.

Por outro lado, em relação a subjetividade de alguns conceitos e definições ao serem aplicados no campo prático, é importante lembrar que eles existem com o propósito de facilitar o entendimento do mundo e, por isso mesmo, precisam possuir o máximo de exatidão e objetividade, o que nem sempre acontece pelas próprias características do campo em que são aplicadas. O contínuo desenvolvimento do conhecimento revela a importância das definições corretas dos conceitos, cujo domínio nem sempre é fácil manter, pois é esse recurso da linguagem que conduz a um entendimento dos objetos, fenômenos, processos, propriedades e relações. Definir é tão complexo que dentro do que chamamos definição existem dois tipos diferentes. Recorremos ao que Dahlberg (1978) nos diz sobre o assunto:

A primeira distinção que se costuma fazer é a separação entre definições nominais e definições reais. Mas existem outros tipos de definições. A definição nominal tem por fim a fixação do sentido de uma palavra, enquanto

que a definição real procura delimitar a intensão de determinado conceito distinguindo-o de outros com idênticas características. (1978, p.)

Podemos inferir que no caso da definição de valor-notícia, e do conceito que esse critério de noticiabilidade carrega, a exatidão esbarra na dificuldade que Dahlberg (1978) aponta de saber se estamos fazendo uma definição real ou uma definição nominal. É possível estabelecer essa tão necessária distinção afirmando que a definição nominal busca fixar o uso de determinada palavra enquanto que a definição real objetiva apresentar o conhecimento contido em determinado conceito. Ora, sabendo que os termos critérios de noticiabilidade e valores-notícia costumam ser aplicados como sinônimos ou mesmo confundidos em seu entendimento, apreender essas definições e conceitos claramente e aplica-los no dia-a-dia do jornalismo nos parece uma tarefa bastante difícil de se propor ou executar em uma redação.

Por fim, no que se refere ao fator descrito como impossibilidade de reflexões acuradas e que demandem mais tempo do que o disponível numa redação, no presente estudo de caso, notou-se que, mesmo que houvesse uma disponibilidade temporal para tais investigações do que torna noticiável determinada pauta, a identificação dos valores-notícia implicados no trabalho diário da equipe do *Diversidade* é, como supomos ser em parte significativa das redações mundo afora, totalmente prescindível para o resultado final: a produção jornalística.

Essas circunstâncias somadas impelem os jornalistas a trabalharem num modo automático no sentido da aplicação de valores-notícia, não permitindo uma sistematização do processo. No caso do *Diversidade*, inferimos que a despeito de haver uma noção de alguns valores-notícia implícitos na rotina produtiva, não há uma etapa em que a aplicação desses critérios seja verbalizada, debatida ou registrada. Temos num processo de produção de pauta e edição de uma matéria, por exemplo, levantamento de fontes, pesquisa iconográfica, produção do roteiro, gravação de *offs* – mas não há nada que se aproxime de uma etapa específica para identificação ou registro dos valores-notícia envolvidos no processo produtivo.

4.2 A inclusão como um valor-notícia inaudito

Na seara do jornalismo cultural, onde mesclam-se aspectos artísticos, simbólicos e lúdicos, tantas vezes associado ao prescindível, ao fútil e ao não prioritário, é difícil lançar mão de argumentos que possam convencer o público e os pares da produção de

hard news da importância econômica, social e política desse segmento. Partindo dessa pesquisa, através da identificação de um valor-notícia ou critério de noticiabilidade que ora denominamos de inclusão, talvez o *Diversidade* tenha sido construído sob uma preocupação inicialmente não explicitada: a inclusão midiática dos atores culturais regionais. Pautar notícias que tiram da margem da grande mídia manifestações culturais, expressões estéticas e artistas que nunca ou raramente são foco de uma cobertura jornalística é um trabalho de comunicação social inclusivo. Ao admitirmos isso, podemos considerar a produção de conteúdo do programa como significativa o suficiente para gerar algum tipo de efeito nas instâncias acima citadas, já que na cultura lidamos com economia criativa, representação social e desdobramentos de uma cidadania que reverberam no contexto também político.

Nas falas dos jornalistas envolvidos, corroboradas pelos documentos e acervo digital do programa, a inclusão midiática, especificamente num espaço destinado ao jornalismo cultural de proximidade, exerce um papel que se alinha com parâmetros os mais diversos, passando pela Constituição Federal, os códigos deontológicos da profissão e a própria Declaração dos Direitos Humanos, possibilitando a artesãos, grupos folclóricos, cordelistas, músicos de raiz e tantas outras pessoas e manifestações culturais serem conhecidos pelo grande público que usufrui do serviço de *broadcast* que uma emissora pública de TV em canal aberto proporciona. O direito de ser informado desdobra-se num direito de também tornar-se a informação.

Inserir inclusão como critério de noticiabilidade no presente estudo de caso tem base no traço mutável dos valores-notícia, proporcionando um entendimento de que a ação contemporânea adapta conceitos e instrumentos a partir de condições e demandas históricas. Nas palavras de Traquina (2005), “valores-notícia não são imutáveis, com mudanças de uma época histórica para outra, com sensibilidades diversas de uma localidade para outra, com destaques diversos de uma empresa jornalística para outra, tendo em conta as políticas editoriais”.

A chegada de uma emissora de TV pública em Campina Grande, sob uma gestão empresarial que permitiu a existência de um programa com as características e a longevidade do *Diversidade*, nos impõe reconhecer que o tempo reuniu condições atípicas num contexto tão competitivo e comercial como o das telecomunicações, dando condições para uma execução quase totalmente livre de constrangimentos de ordem empresarial, comercial ou mesmo política. Lembramos que os três principais atores que entram em jogo no processo de produção da notícia com interesses diferentes são: a) os

produtores da comunicação, b) as forças políticas, c) os grupos econômicos internos e externos do setor. Todos eles intervêm tanto na produção quanto na circulação da informação, como afirma Alsina (1993).

Mesmo se tratando de emissoras públicas, a ingerência sobre conteúdo é algo usual e afeta a manutenção e até mesmo a criação de produtos midiáticos com as características do Diversidade. “A direção da organização jornalística (ou os seus donos) pode influenciar o peso dos valores-notícia com a sua política editorial, às vezes por razões pessoais, dando prioridade a certos assuntos ou temas”. (Traquina, 2005, p.). Contrariamente a isso, mesmo com acertos e falhas, o programa aplica critérios de noticiabilidade correndo riscos de audiência que podem até redundar em sua extinção. As razões dessa liberdade podem se tornar objeto de estudo de uma nova pesquisa, incitar a curiosidade e o senso investigativo no caminho de romper as barreiras organizacionais da instituição para compreender essa dinâmica pouco usual.

Concluimos também que a aplicação de critérios de noticiabilidade tão específicos como os valores-notícia surge implicitamente. A referência feita aos mesmos pelos entrevistados demonstrou isso: foram citados sem uma precisão de termos, utilizando sinônimos ou palavras que remetem ao sentido de algum valor-notícia, mas sem a exatidão de outros recursos aplicados na construção da notícia. Como nas palavras de Wolf (2006), “valores/notícia são, portanto, regras práticas que abrangem um corpus de conhecimentos profissionais que, implicitamente, e, muitas vezes, explicitamente, explicam e guiam os procedimentos operativos redatoriais”.

É importante ressaltar, ainda, que ao confrontar no percurso da pesquisa os dados extraídos da tabela de incidência de valores-notícia com os depoimentos dos protagonistas do processo produtivo, ficou evidente que há uma correspondência entre prática jornalística e compreensão/apreensão teórica dos mesmos, com o registro de pelo menos dois dos mais utilizados valores-notícia propostos para aplicação neste estudo: proximidade e novidade. Encerrando as considerações finais, é válido ressaltar que com 65, 6 mil inscritos, mais de 19 milhões de visualizações e 7.568 vídeos disponíveis em seu canal no Youtube, sendo parte numericamente maior destes voltados aos temas, artistas e eventos que não recebem espaço semelhante em outras emissoras de TV, o Diversidade atua em consonância com uma linha editorial inclusiva. O valor social e midiático dessa realidade ainda não foi mensurado, sugerindo novas pesquisas.

5.3 Uma bifurcação convergente

Nos idos de 1990, época em que estreava o meu segundo espetáculo teatral paralelamente à graduação de jornalismo na Universidade Estadual da Paraíba, havia um incômodo na minha condição dicotômica e dialógica em relação a essas duas áreas afins (comunicação e arte) que me perseguia sempre que observava o cenário da produção artística de Campina Grande (PB). Esse incômodo partia de algumas percepções relativas ao tratamento que a imprensa local dava à produção artística da cidade – preterida na seleção noticiosa por pautas relacionadas a produção de espetáculos, shows, exibições cinematográficas ou lançamentos literários que envolvessem nomes nacionais e mesmo estrangeiros.

No campo da divulgação artística e cultural, grandes nomes do teatro nacional, da música popular ou da literatura (com espaços já consolidados nos meios de comunicação de massa), que passassem por Campina Grande, teriam total cobertura em rádio, TV e jornal, enquanto as produções locais, salvo exceções, não encontravam o mesmo espaço na mídia, principalmente nos canais de televisão (TV Paraíba, afiliada da Rede Globo e TV Borborema, afiliada do SBT). Ao testemunhar esse tratamento na condição de espectador e produtor, me perguntava por que a cultura, ao contrário de outros segmentos locais da atividade humana (como o esporte, que obtinha considerável espaço espontaneamente, merecendo uma cobertura diária nos veículos de comunicação locais), recebia uma divulgação tão minguada?

O incômodo gerado por essa discrepância deve ter sido a semente da ação criativa do *Diversidade*, o primeiro programa de jornalismo cultural diário em TV aberta da cidade e um dos poucos do estado, que propus como Diretor de Programação à Direção Geral da TV Itararé em 2007. Acredito, hoje, que se tratava de um desejo de suprir essa lacuna na divulgação da cultura local num veículo de massa que, como sabemos, sempre foi de restrito acesso a quem não tivesse potencial como anunciante.

O *Diversidade* surgiu, então, com o propósito de divulgar a produção cultural de Campina Grande e região circunvizinha, mas tomou um rumo para além desse objetivo com a descentralização dos serviços de *broadcast* via internet – como o fortalecimento do Youtube – se consagrando também como um repositório da memória cultural regional em plataforma audiovisual de acesso livre e atualizada diariamente. Na data em que

finalizamos esta pesquisa, o canal do programa na plataforma (online desde 11 de março de 2008) registrava 7.644 vídeos, mais de 67 mil inscritos e 19.847.409 visualizações.¹²

Nas palavras de Eduardo Meditsch (2002, p.11), “o jornalismo não apenas reproduz o conhecimento que ele próprio produz, reproduz também o conhecimento produzido por outras instituições sociais” o que torna o conteúdo do Diversidade afinado com a responsabilidade da atividade jornalística como área importante no processo de cognição social. O que havia sido uma ambição jornalística (produzir conteúdo voltado para o segmento cultural) derivada de um anseio como artista (ver a produção local obtendo espaço na nossa mídia), portanto, tornou-se um compromisso cotidiano de não só registrar para as próximas gerações o que é produzido em termos de arte, comportamento, pensamento e políticas culturais, mas, principalmente, fomentar o caráter identitário do nosso povo – que passou a se enxergar na televisão e na internet de maneira constante através de um aspecto de sua existência até então desprestigiado.

Ao longo dos treze anos de existência do programa, atuei como criador, diretor e repórter, em parcerias colaborativas que envolveram voluntários (através da Fundação Pedro Américo), estagiários e, principalmente, jornalistas contratados pela emissora que compuseram uma equipe identificada com os propósitos de conteúdo e filosofia do veículo. O modo de fazer do Diversidade sempre teve, desde seu início, uma preocupação disruptiva de conteúdo e forma, permitindo aos jovens talentos que foram fazendo parte da equipe possibilidades de produzir conteúdo autoral e de notável originalidade, desenvolvendo pautas e enfocando personagens ignorados pelas demais emissoras de televisão aberta.

Quando surgiu a possibilidade de realizar uma pesquisa de mestrado envolvendo um objeto de estudo no qual estou inserido, razão pela qual acabei optando pela categoria de observação participante (OP), algumas dúvidas pairaram sobre a capacidade de, enquanto pesquisador, conseguir distanciar-me do programa para exercer uma visão imparcial durante a execução do trabalho. Como bem observa Martins (2008), o papel do observador participante requer desprendimento de valores e vieses ideológicos, assim como cautela quanto ao envolvimento pessoal.

Fatores de contaminação podem provocar distorções sobre as interpretações dos fenômenos sob estudo pelo viés sociocultural do observador, ou seja, o

¹² Dados relativos ao canal do programa Diversidade na plataforma Youtube.

viés de partilhar seus valores e perspectivas da sua cultura, bem como o viés profissional-ideológico, que induz à seletividade da observação, além dos vieses decorrentes do relacionamento interpessoal, viés emocional e também viés normativo acerca da natureza do comportamento humano (MARTINS, 2008, p. 27).

Essa recomendação é utilíssima, mas exige do pesquisador uma vigilância constante que não garante a execução de uma investigação completamente isenta de equívocos oriundos de uma conduta autorreferente. Como é requisito da Observação Participante que o pesquisador observador se torne parte integrante de uma estrutura social e na relação face a face com os sujeitos da pesquisa realize a coleta de dados e informações, o desafio foi manter essa abordagem metodológica já que, ainda segundo Martins (2008), a OP é uma modalidade especial de observação na qual o pesquisador não é apenas um observador passivo. Adentrar no ambiente de trabalho (*locus* da pesquisa), revisar pautas, entrevistar colegas de trabalho e consultar arquivos foi uma vivência paradoxal, onde a cada momento um esforço era reiterado no sentido de manter uma visão científica e minimamente despida dos afetos naturais típicos das relações de trabalho. Isso viabilizou a pesquisa dentro desse método, considerando que ainda participo ativamente da produção do programa, supervisionando seu conteúdo e dirigindo seu formato. A condição de possibilitar assumir uma variedade de funções dentro de um Estudo de Caso e poder participar dos eventos que estão sendo pesquisados, ao mesmo tempo em que me fez atentar para uma postura ainda mais cuidadosa na coleta e tratamento de dados, também me deixou mais à vontade para seguir o trajeto traçado inicialmente.

Como os objetivos desta pesquisa sempre foram, como o próprio Diversidade, motivados por um senso de prestação de serviço e estímulo à reflexão em torno da cultura e da comunicação, acredito que o caminho forjado nos critérios científicos exigidos não se desvirtuou, permitindo que os dados coletados, as análises realizadas e as hipóteses aqui levantadas, contribuam de alguma forma para o entendimento da prática jornalística temática no segmento cultural.

Além disso, me parece estimulante enquanto jornalista inserido num contexto de produção de notícias, atingir uma outra dimensão da atividade profissional através de uma pesquisa acadêmica, analisando os processos em uma jornada que segue em busca de respostas para uma compreensão mais ampla e holística do que foi feito em 13 anos da minha atividade profissional.

REFERÊNCIAS

ALSINA, Miquel Rodrigo. La Construcción de la Noticia. 2. ed. Barcelona-Buenos Aires-México: Ediciones Paidós Ibérica, S.A., 1993. 167 p.

ANCHIETA, Fundação Padre (ed.). Fundação Padre Anchieta: site oficial. Site Oficial. 2017. Disponível em: <https://fpa.com.br/sobre/>. Acesso em: 1 out. 2020

ANCHIETA, Isabelle. Desafios para a prática e o ensino do jornalismo cultural. In:

AZZOLINO, Adriana Pessatte. (Org.) 7 Propostas para o Jornalismo Cultural: reflexões e experiências. São Paulo: Miró Editorial, 2009.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA PARAÍBA – site oficial <http://www.al.pb.leg.br/tv-assembleia>

BALLERINI, Frantjesco. Jornalismo cultural no século 21: A história, as novas plataformas, o ensino e as tendências na prática. São Paulo: Summus Editorial, 2015. 223

BARDIN, L. 2011 [1977]. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70.

BASSO, Eliane Fátima Corti. Para entender o jornalismo cultural. In: Comunicação e Inovação. São Caetano do Sul, 2008, v.9, n.16, p. 69-72.

BELTRÃO, Luiz. Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados. Cortez Editora, 1980.

BRASIL, Constituição Federal. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Recuperado de <http://www.ritmodeestudos.com.br>, 2010.

CANUDO, Ricciotto. "THE BIRTH OF THE SIXTH ART (France, 1911)". Film Manifestos and Global Cinema Cultures: A Critical Anthology, edited by Scott MacKenzie, Berkeley: University of California Press, 2014, pp. 593-603. <https://doi.org/10.1525/9780520957411-169>

CAMPONEZ, Carlos. Jornalismo de proximidade: rituais de comunicação na imprensa regional. MinervaCoimbra, 2002.

CARDOSO, Vivianne Lindsay; CARVALHO, Juliano Maurício de. O DESENVOLVIMENTO DA REGULAMENTAÇÃO DAS TELEVISÕES PÚBLICA E EDUCATIVA NO BRASIL. Revista Latinoamericana de Ciencias de La Comunicación: Dossier: Comunicación, Economía, Ética, Derechos y Política, Bogotá, v. 13, n. 24, p.24-35, 01 jan. 2016. Semestral. Disponível em: <<https://www.alaic.org/revista/index.php/alaic/issue/view/26>>. Acesso em: 15 maio 2019.

COELHO, Pedro – Jornalismo e Mercado: os novos desafios colocados à formação Livros LabCom. Covilhã, UBI www.livroslabcom.ubi.pt 2015.

CRESWELL, John W. Projeto de pesquisa métodos qualitativo, quantitativo e misto. In: Projeto de pesquisa métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2010. p. 296-296.

DAHLBERG, I. Teoria do conceito. Tradução Astério Tavares Campos. Ci. Inf., Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 101-107, 1978a.

DE ASSIS, Francisco. Jornalismo cultural brasileiro: aspectos e tendências. Revista de Estudos da Comunicação, v. 9, n. 20, 2008.

DECRETO-LEI Nº 237, DE 28 DE FEVEREIRO DE 1967
<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1960-1969/decreto-lei-237-28-fevereiro-1967-355750-norma-pe.html>

DINIZ, Ângela Maria Carrato. Uma história da TV Pública brasileira. Brasília: Universidade de Brasília, 2013. 286 p. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/15462>

ENGENHARIACIVIL.COM. Engenharia Civil na Internet: dicionário online de engenharia civil e construção civil. DICIONÁRIO ONLINE DE ENGENHARIA CIVIL E CONSTRUÇÃO CIVIL. 2001. Dicionário de Engenharia Civil. Disponível em: <https://www.engenhariacivil.com/dicionario/>. Acesso em: 25 jan. 2020.

FARO, J. S. Jornalismo Cultural: Nem tudo que reluz é ouro: contribuição para uma reflexão teórica sobre o jornalismo cultural. Revista Comunicação e Sociedade, São Bernardo do Campo, n. 46, 2006.

SISTEMA FIRJAN; “A Cadeia da Indústria Criativa no Brasil”, 2008.
_____, Nota Técnica “A Cadeia da Indústria Criativa no Brasil”, 2011.
_____, “Mapeamento da Indústria Criativa no Brasil”, 2012.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. Limites teóricos e metodológicos nos estudos sobre a noticiabilidade. Critérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações. Florianópolis: Insular, p. 85-113, 2014.

GADINI, Sérgio. Interesses cruzados: a produção da cultura no jornalismo brasileiro. 2004. 2 v. Tese de Doutorado. 2004.

GOLIN, Cida. Jornalismo cultural: reflexão e prática. AZZOLINO, Adriana Pessatte (org.). Sete propostas para o jornalismo cultural: reflexões e experiências. São Paulo: Miró Editorial, 2009. p. 23-38.

FEDERAL, Senado. Manual de Comunicação do Senado. 2012. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao>. Acesso em: 15 nov. 2020.

HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (Org.). Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Editora Vozes Limitada, 2017.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 1986.

LÍBERO. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, v. 1, n. 19, 1 jun. 2007. Semestral. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/issue/view/38>. Acesso em: 15 out. 2019.

KOLB, David A; FRY, R. Toward an applied theory of experiential learning. In: C. COOPER (ed) *Theories of Group Process*. London: John Wiley, 1975

KOLB, David A. *Experiential learning: experience as the source of learning and development*. Englewood Cliffs, NJ (USA): Prentice-Hall, 1984.

MAIOR, Gilson Souto. *História na Televisão da Paraíba*. João Pessoa: A União, 2017.

MALINOWSKI, Bronislaw. *UMA TEORIA CIENTIFICA DE CULTURA*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2009.

MARTINS, Gilberto de Andrade. *Estudo de Caso: uma estratégia de pesquisa*. 2. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2008. 101 p.

MELO, Isabelle Anchieta de. *Jornalismo Cultural: pelo encontro da clareza do jornalismo com a densidade e complexidade da cultura*. 2010. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/melo-isabelle-jornalismo-cultural.pdf>. Acesso em: 31 dez. 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 1992. 409 p.

MURTINHO, Rodrigo et al. *Televisão pública no Brasil: estudo preliminar sobre suas múltiplas configurações*. 2009.

MEDITSCH, Eduardo. *Jornalismo como forma de conhecimento*. 1998. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/956/859>. Acesso em: 15 jun. 2020.

MELO, Isabelle Anchieta de. *Jornalismo Cultural: Pelo encontro da clareza do jornalismo com a densidade e complexidade da cultura*. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/melo-isabelle-jornalismo-cultural.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

NAZARENO, Claudio. *A implantação da TV pública no Brasil*. Consultoria Legislativa da Câmara dos Deputados. Brasília (DF), 2007.

OBSERVATÓRIO da radiodifusão pública da América Latina. Disponível em <http://www.observatorioradiodifusao.net.br/> Acesso em 18 ago. 2019.

PEREIRA, Wellington. *Jornalismo cultural: procedimentos pedagógicos*. 2005. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/270112928/Jornalismo-Cultural-Procedimentos-Pedagogicos>>. Acesso em: 18 ago. 2019.

PERUZZO, Cicilia N. Krohling. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. *Comunicação & Sociedade*, v. 26, n. 43, p. 67-84, 2005.

PEUCER, Tobias. Os Relatos jornalísticos. *Comunicação & Sociedade: Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo*, São Paulo, n. 33, p. 199-2016, 2000. Semestral.

PIZA, Daniel. *Jornalismo cultural*. Editora Contexto, 2007.

PESSOA, Prefeitura Municipal de João. PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA. 2019. Disponível em: <https://www.joaopessoa.pb.gov.br>. Acesso em: 15 nov. 2019.

Acesso em 03 de janeiro de 2020.

PRIOLLI, Gabriel. *TV é cultura. Rumos do jornalismo cultural*. São Paulo: Summus, 2007.

RAMOS, Murilo César; SANTOS, Susy (orgs.). *Políticas de comunicação: buscas teóricas e práticas*. São Paulo: Paulus, 2007.

RIVERA, Jorge B. *El periodismo cultural*. 3. ed. Buenos Aires: Paidós, 2003.

RODRIGO ALSINA, Miguel. *A construção da notícia*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2009.

ROCHA, Jeferson Luís Pires. *Processos de produção em radiojornalismo: um estudo sobre a construção da notícia local nas rádios CBN Natal e CBN João Pessoa*. 201 f. 2015. 2015. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Comunicação) –Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

SAWAIA, BADER (ORG.), *As Artimanhas da Exclusão: Análise Psicossocial e Ética da Desigualdade Social*. Petrópolis: Vozes, 3TM Ed, 2001.

SANTAELLA, L. *Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal: aplicações na hipermídia*. São Paulo: Iluminuras e FAPESP, 2005.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. *Estudos em jornalismo e mídia*, v. 2, n. 1, p. 95-107, 2005.

SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo da; FERNANDES, Mario Luiz. *Críticos de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações*. Florianópolis: Insular, 2014.

SILVA, Luiz Custódio da. *Desafios e caminhos possíveis para uma nova concepção de imprensa do interior*. *Imprensa do interior: conceitos e contextos*. Chapecó: Argos, p. 87-102, 2013.

SILVA, Marcos Paulo da. Cotidiano e noticiabilidade na imprensa sul-mato-grossense: interfaces entre jornalistas, assessores e público. Florianópolis. 2014..

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. A cultura no jornalismo cultural. Líbero: LÍBERO, [s. l], v. 19, n. 10, p. 107-116, 15 jun. 2007. Quadrimestral. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/issue/view/38/showToc>. Acesso em: 15 out. 2019.

SIRENA, Mariana Silva. Agenda-setting e contra-agendamento: possíveis abordagens para o estudo do jornalismo cultural. São Paulo: Revista Eletrônica do Programa de Pós Graduação da Faculdade Cásper Líbero, v. 5, n. 02, 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comtempo/article/viewFile/8550/7968>>. Acesso em: 13 dez. 2019.

SODRÉ, Muniz. A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil. Rio de Janeiro: CODECRI, 1983.

SHOEMAKER, Pamela J.; COHEN, Akiba A.. News Around the World . Taylor and Francis. Edição do Kindle. 2012.

SOUSA, J. P. Comunicação Regional e Local na Europa Ocidental. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2002, Novembro. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-comunicacao-regional-na-europa-occidental.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2019

TEIXEIRA, Nísio. Desafios para a prática e o ensino do jornalismo cultural. AZZOLINO, Adriana (org.), v. 7, 2007.

THOMPSON, Michael; ELLIS, Richard; WILDAVSKY, Aaron. CULTURAL THEORY. Nova York: Routledge, 2018. (Political Culture Series).

TRAQUINA, Nelson. Teorias do Jornalismo I: porque as notícias são como são? Florianópolis, Insular, 2005. _ Teorias do Jornalismo II: a tribo jornalística—uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis, Insular, 2005.

TROTSKI, Leon. Cultura e socialismo. In: MIRANDA, Orlando (Org). Leon Trotski: política. São Paulo: Ática, 1981.

TUCHMAN, Gaye. Making news: A study in the construction of reality. 1978.

TV Cidade de João Pessoa Site oficial: <http://www.joaopessoa.pb.gov.br/tvcidade/>

TV UFPB Site oficial <http://www.ufpb.br/tvufpb>

TV Itararé. Levantamento de Cobertura TV Itararé – Sinais Analógico e Digital (2015).

UNESCO. Indicadores de Desenvolvimento da Mídia: marco para a avaliação do desenvolvimento dos meios de comunicação. Brasília: Unesco, 2010. 76 p. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000163102_por Acesso em: 1 out. 2020.

VALENTE, Jonas Chagas Lúcio. A TV Pública no Brasil: a criação da tv brasil e sua inserção no modo de regulação setorial da televisão brasileira. 2009. 208 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, 2009. Cap. 2.

WANDERLEY, Mariangela Belfiore. Refletindo sobre a noção de exclusão. In: SAWAIA, Bader. As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social. São Paulo: Vozes, 2016. Cap. 1, p. 17. (Psicologia Social).

WHITE, Leslie A. The symbol: The origin and basis of human behavior. *Philosophy of Science*, v. 7, n. 4, p. 451-463, 1940.

WOLF, Mauro. Teorias da comunicação. Tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Porto: Presença, 2006.

YIN, R. K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A: QUADRO DE CONTEÚDOS POR SEGMENTO DO PROGRAMA
(PERÍODO DE MARÇO A DEZEMBRO DE 2018)

PROGRAMA DIVERSIDADE
SEMANA DE 31 DE DEZEMBRO A 04 DE JANEIRO 2019

SEGUNDA 31	TERÇA 01	QUARTA 02	QUINTA 03	SEXTA 04
1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO
ARI ANO DE JACKSON DO PANDEIRO	DIVERSIDADE RETRÔ	DIVERSIDADE RETRÔ	DIVERSIDADE RETRÔ	DIVERSIDADE RETRÔ
MUS WALTER LAJES				
2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO
AGENDA CULTURAL	DIVERSIDADE RETRÔ	DIVERSIDADE RETRÔ	DIVERSIDADE RETRÔ	DIVERSIDADE RETRÔ

PROGRAMA DIVERSIDADE
SEMANA DE 24 A 28 DE DEZEMBRO DE 2018

SEGUNDA 24	TERÇA 25	QUARTA 26	QUINTA 27	SEXTA 28
1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO
FACTUAL (LIT) POSSE DE EFIGENIO MOURA NA ACADEMIA DE LETRAS CG	MUS DEMETRIUS LULO	SÉRIE QUAL O SEU NOME? VOCÊ GOSTA DO SEU NOME?	SÉRIE QUAL O SEU NOME? A ESCOLHA DO NOME	SÉRIE QUAL O SEU NOME? A MUDANÇA DO NOME
MATÉRIA TERRÁRIO NATALINO (PASSO A PASSO)	MATÉRIA DECORAÇÃO NATALINA	MUS SARAH EVELIN	MUS NIELY LIMEIRA	MUS PROJETO BATUQUE AYAN
2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO
TEATRO ESPETÁCULO FELIZ NATAL MEU NORDESTE		CHAMADA PROGRAMAÇÃO DA PARÓQUIA DA SAGRADA FAMÍLIA		CHAMADA SHOW WALTER LAJES
ADV O RETORNO DE MARY POPPINS				
AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL

PROGRAMA DIVERSIDADE
SEMANA DE 17 A 21 DE DEZEMBRO DE 2018

SEGUNDA 17	TERÇA 18	QUARTA 19	QUINTA 20	SEXTA 21
1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO
OUT CHEGADA DE PAPAI NOEL NO NACIONAL CENTER PARQUE	MUS RHAISSA BITTAR	ARC BALLET O JARDIM ENCANTADO DAS FADAS	MUS APRESENTAÇÃO DO CORAL UNIFACISA	ARV EXPOSIÇÕES NO AR BELEZA NEGRA E EXPOSIÇÃO CEREAL LEITE
LIT LANÇAMENTO LIVRO GALOS DE CAMPINA	LIT ESCRITOR E JORNALISTA JOTABE MEDEIROS	ARV RECITANDA EM QUADROS DE UM COTIDIANO POÉTICO	CPO CONCERTO DE BRINQUEDOS	OUT DECORAÇÃO E RECHEIO DE PANETONES
2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO
ADV DETECTIVES DO PRÉDIO AZUL 2		STAND UP EDITAIS TEATRO MUNICIPAL	CHAMADA PROGRAMAÇÃO DE NATAL SHOPPING LUIZA MOTTA	
AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL

**PROGRAMA DIVERSIDADE
SEMANA DE 10 A 14 DE DEZEMBRO DE 2018**

SEGUNDA 10	TERÇA 11	QUARTA 12	QUINTA 13	SEXTA 14
1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO
LIT LANÇAMENTO DO LIVRO "BELCHIOR - APENAS UM RAPAZ LATINO-AMERICANO"	ARI SÉRIE SEGURANÇA E PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE CG <u>TEATROS</u>	ARI SÉRIE SEGURANÇA E PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE CG <u>MUSEUS</u>	ARI SÉRIE SEGURANÇA E PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE CG <u>BIBLIOTECAS</u>	ADV EXPOSIÇÃO MINHA HISTÓRIA
ARC DIA DO PALHAÇO	ARV EXPOSIÇÃO ALVORECER DE CLÁUDIO CESAR VICTRAL	MUS X RECITAL DE MUS DO SESC	LIT ESCRITORA JADNA ALANA	GAS JOÃO BARRETO PRÊMIO DOLMA
2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO
LIT BONIFÁCIO O FUNDADOR DO BRASIL	MUS CANTATA O NATAL DOS SONHOS	OUT II SEMANA DA DIVERSIDADE HUMANA	MUS SHOW THAIS SOARES	MUS SHOW BAIÃO DE MARTE EM PROL DO PROJETO ENTRELAÇOS
ADV ROBIN HOOD - A ORIGEM		MUS COMUNICA SOM		
		ARI NATAL COM OS TAMANQUINHOS		
AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL

**PROGRAMA DIVERSIDADE
SEMANA DE 03 A 07 DE DEZEMBRO DE 2018**

SEGUNDA 03	TERÇA 04	QUARTA 05	QUINTA 06	SEXTA 07
1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO
CPO 1ª FEIRA DE ARTESANATO DE ESPERANÇA	MUS LUIZ KIARI	LIT PROJETO LITERÁRIO SILAS SILVA DA PARAIBA	MUS RECITAL DOS ALUNOS DE MUS DO CENTRO CULTURAL LOURDES RAMALHO	ADV LANÇAMENTO DO FILME "INCURSÃO"
LIT POSSE DO ESCRITOR JOSÉ MÁRIO NA ACADEMIA DE LETRAS DE CAMPINA GRANDE	ARV EXPOSIÇÃO LIBERDADE	ARC ESPETÁCULO UMA NOITE MÁGICA NA BROADWAY E DISNEY	LIT LIVRO O PISTOLEIRO DE SERRA TALHADA	MUS ENTREVISTA EP E SINGLE "FEITIÇO" DO CANTOR HELRISSON
2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO
ADV LANÇAMENTO DO FILME INCURSÃO EM REMÍGIO	MUS SHOW DE KÁTIA VIRGINIA NO PAULO PONTES		ADV 13º FEST ARUANDA	
ADV ADV - AS VIÚVAS			STAND-UP FESTIVAL VEGANO CAMPINA	
AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL

**PROGRAMA DIVERSIDADE
SEMANA DE 26 A 30 DE NOVEMBRO DE 2018**

SEGUNDA 26	TERÇA 27	QUARTA 28	QUINTA 29	SEXTA 30
1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO
MUS ENSAIO SHOW BENEFICENTE CHICO CÉSAR	ARV EXPOSIÇÃO JORGE NASCIMENTO	ADV ABERTURA COMUNICURTAS	MUS RECITAL CORO EM CANTO	ARC ESPETÁCULO COISA DO DOISDO
ARI CASA PAISÁ	MUS TRIO DIMÉTRIO	ARC ESPETÁCULO OS CAVALEIROS DA TRISTE FIGURA	ARC ESPETÁCULO COMÉDIA COM FARINHA	ARC ESPETÁCULO TERREIRO ENVERGADO
2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO
ARV EXPOSIÇÃO JORGE NASCIMENTO	ARI PROGRAMAÇÃO 55 ANOS DO TEATRO SEVERINO CABRAL	LIT FEIRA LITERÁRIA DE CAMPINA GRANDE	CPO I ENCONTRO DE CORDELISTAS PARAIBANOS	ARC ESPETÁCULO CHICO EU & BUARQUE
ADV ADV: MILLENNIUM: A GAROTA NA TEIA DE ARANHA			MUSC II SANFONA FEST	LIT LANÇAMENTO LIVRO O PISTOLEIRO DE SERRA TALHADA
AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	CHAMADA SARAU AS MINA TUDO	ARC BAILE DO PRADO
			AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL

**PROGRAMA DIVERSIDADE
SEMANA DE 19 A 23 DE NOVEMBRO DE 2018**

SEGUNDA 19	TERÇA 20	QUARTA 21	QUINTA 22	SEXTA 23
1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO
ARI ABERTURA DA SEMANA DA CONSCIÊNCIA NEGRA MUS INSCRIÇÕES AULA DE SÂNFONA	ARI 2º DIA DA SEMANA DA CONSCIÊNCIA NEGRA LIT ESCRITORA VITÓRIA MARIA	ARC FESTIVAL ATOS ADV FILME ENTOADO NEGRO	OUT VOCÊ SOFRE PRECONCEITO RACIAL POR SER NEGRO? MUS 120 ANOS DA FILARMÔNICA EPITÁCIO PESSOA	MUS ALEXANDRA NICOLAS MUS SHOW BENEFICENTE CHICO CÉSAR
2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO
ARC FESTIVAL ATOS ADV - ADV ANIMAIS FANTÁSTICOS E ONDE HABITAM - OS CRIMES DE GRINDELWALD AGENDA CULTURAL	GAS JOÃO BARRETO - FINALISTA PRÊMIO DÓLMÁ AGENDA CULTURAL	MUS CANTORIA NO MUSEU AGENDA CULTURAL	LIT DIA MUNDIAL DA PALAVRA AGENDA CULTURAL	LIT DIA DA PALAVRA ARI TRANS FEST MUS LANÇAMENTO DO CD DE DENTRO (LUIS KIARI) AGENDA CULTURAL

**PROGRAMA DIVERSIDADE
SEMANA DE 12 A 16 DE NOVEMBRO DE 2018**

SEGUNDA 12	TERÇA 13	QUARTA 14	QUINTA 15	SEXTA 16
1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO
ARC NAS VOLTAS QUE O MUNDO DÁ GAM GAME HOMELET	ARV STAN LEE VIDA, OBRA E MORTE ARI ABERTURA XV FOLKCOM ARV EXPOSIÇÕES METRÓPOLIS PONTO INDEFINIDO E STICKERS ARTE URBANA	ADV EXIBIÇÃO DOCUMENTÁRIO "QUEM MORA LÁ" MUS SIBÉLIUS DONATO	ARC ESPETÁCULO "A MULHER DISTANTE" COM INTERPROGRAMA LUGAR DE MULHER	MUS QUARTAS ACÚSTICAS EINSTEIN FELINTO MUS EVENTO MUSICOM DO CURSO DE MUS DA UFCG
2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO
ADV O QUEBRA NOZES E OS QUATRO REINOS ARI ABERTURA FOLKCOM UEPB AGENDA CULTURAL	OUT EVENTO SOBRE CONSCIÊNCIA NEGRA E AÇÃO ANTI- RACISMO AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	MUS NIELY LIMEIRA CANTA TOM JOBIM AGENDA CULTURAL

**PROGRAMA DIVERSIDADE
SEMANA DE 05 A 09 DE NOVEMBRO DE 2018**

SEGUNDA 05	TERÇA 06	QUARTA 07	QUINTA 08	SEXTA 09
1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO
MUS XII DESAFIO ESTADO CONTRA ESTADO OUT HALLOWEEN CCAA	OUT ABERTURA 1ª SEMANA MUNICIPAL DE CAPOEIRA OUT 30 ANOS DO PET ANTROPOLOGIA	ADV I MOSTRA ADV MARIELLE FRANCO ARI SARAU NÃO VOU MAIS LAVAR OS PRATOS	CPO CD DE EMBOLADA DE CONDOR E ROUXINOL MUS NOSTALGIA: MUS PARA DOIS VIOLÕES - PAULO RO E EDUARDO BRITO	MUS OFICINA DE RABECA CPO TON OLIVEIRA - MEU NORDESTE É BRASILEIRO
2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO
ADV O DOCTRINADOR AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	LIT FLIPOCINHOS AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	ARI FEST PAISÁ AGENDA CULTURAL

**PROGRAMA DIVERSIDADE
SEMANA DE 29 A 02 DE NOVEMBRO DE 2018**

SEGUNDA 29	TERÇA 30	QUARTA 31	QUINTA 01	SEXTA 02
1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO
MUS PALCO DO CHORO ADV BALANÇO INSCRIÇÕES COMUNICURTAS 2018	MUS MOVIMENTO BEBA DO SAMBA ADV JULIAN, SEM A, SEM O	ARV EXPOSIÇÃO ITINERANTE CAMPINA EM CENA CPO HOMENAGEM A MANOEL MONTEIRO E LEANDRO GOMES DE BARROS	MUS QUARTAS ACÚSTICAS JESSICA MELO LIT LITERATURA NA WEB	MUS DICAS DE MUSICA COM TEMÁTICA DA MORTE LIT DICAS DE LITERATURA COM TEMÁTICA DA MORTE
2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO
ADV FÚRIA EM ALTO MAR AGENDA CULTURAL	ARV EXPOSIÇÃO ITINERANTE CAMPINA EM CENA AGENDA CULTURAL	 AGENDA CULTURAL	OUT SEMINÁRIO SOBRE O DIA DE FINADOS AGENDA CULTURAL	ADV DICAS DE FILMES COM TEMÁTICA DA MORTE CPO DESAFIO DE REPENTE ESTADO X ESTADO AGENDA CULTURAL

**PROGRAMA DIVERSIDADE
SEMANA DE 22 A 26 DE OUTUBRO DE 2018**

SEGUNDA 22	TERÇA 23	QUARTA 24	QUINTA 25	SEXTA 26
1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO
ARI FINAL DO UNIFACISA STAR ARC JACK, O JACARÉ DO AÇUDE VELHO NA UNIFACISA WEEK	OUT KOMBIHOME (IRMÃOS KOMBI) MUS MICAELLY (A ESTRELINHA DO FORRÓ)	ARC "A SALTO ALTO - ENTRE GENTILEZAS E EXTERMINIOS"	ARV EXPOSIÇÃO NOSSA NATUREZA MUS DEL FELIZ CANTOR E COMPOSITOR	ARC ESPETÁCULO ENCALHADAS DO ALÉM ARI SARAU O IMAGINÁRIO DE SHAKESPEARE
2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO
ADV O PRIMEIRO HOMEM AGENDA CULTURAL	 AGENDA CULTURAL	MUS TRIBUTU SEVERINO MEDEIROS AGENDA CULTURAL	ARC AS ENCALHADAS DO ALÉM AGENDA CULTURAL	MUS SHOW DE SIBELIUS DONATO ARI II SARAU MULHERES DE PEITO AGENDA CULTURAL

**PROGRAMA DIVERSIDADE
SEMANA DE 15 A 19 DE OUTUBRO DE 2018**

SEGUNDA 15	TERÇA 16	QUARTA 17	QUINTA 18	SEXTA 19
1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO
LIT REVISTA TERTÚLIA FINALISTA PRÊMIO JABUTI ADV AS VERSÕES DE NASCE UMA ESTRELA NO ADV	ADV CINECLUBE LIVIO WANDERLEY FILME: CHUVAS DE VERÃO OUT AQUARISMO	MUS UNIFACISA STAR (AUDIÇÕES MUS 1) OUT OUTUBRO ROSA TICIANA SOARES	ARC UNIFACISA STAR (AUDIÇÕES DANÇA) LIT LIVRO RECEITAS PARA GORETE	ARI UNIFACISA STAR (AUDIÇÕES TEATRO E MUS 2) ARI AÇÕES DA UNIFACISA STAR PÁRA CRIANÇAS DOMINGO)
2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO
ADV NASCE UMA ESTRELA AGENDA CULTURAL	ARI UNIFACISA STAR ADRIANA GOULART AGENDA CULTURAL	ARC ELISSON CUSTÓDIO SHOW GALA BENEFICENTE AGENDA CULTURAL	 AGENDA CULTURAL	OUT FEIRA DE ADOÇÃO MUS MOVIMENTO BEBA DO SAMBA ADV FESTCINE BORBOREMA AGENDA CULTURAL

**PROGRAMA DIVERSIDADE
SEMANA DE 08 A 12 DE OUTUBRO DE 2018**

SEGUNDA 08	TERÇA 09	QUARTA 10	QUINTA 11	SEXTA 12
1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO
LIT LIVRO RELATOS DE UMA VIDA AFRISIONADA	ADV CINECLUBE LIVIO WANDERLEY "CANDELABRO ITALIANO"	MUS TRIBUTO A DOMINGUINHOS COM LUCAS BARRETO	OUT PRAÇAS	GAM JOGO PARANAUE
MUS BANDA MELIM NO TEATRO FACISA		MUS MÚSICA NO DIA DAS CRIANÇAS NO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO	OUT PONTOS CULTURAIS DE CAMPINA GRANDE	OUT DIREITOS AUTORAIS NA INTERNET
2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO
ADV VENOM				
AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL

**PROGRAMA DIVERSIDADE
SEMANA DE 01 A 05 DE OUTUBRO DE 2018**

SEGUNDA 01	TERÇA 02	QUARTA 03	QUINTA 04	SEXTA 05
1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO
MUS PALCO DO CHORO COM GLAUBER SILVA	ARC OFICINA DE DANÇA COM O GRUPO "ATELIÉ DO GESTO	MUS BANDA DULINE	COM LANÇAMENTO OBJORC (OBSERVATORIO DE JORNALISMO CULTURAL)	ARI CIRCUITO PAISÁ
MUS CLIFE SANTO FORTE LUCY ALVES	OUT EXPERIÊNCIA NA FRONTEIRA ENTRE COMPUTAÇÃO, POLÍTICA E ARTE	LIT LIVRO A CICATRIZ QUE CANTA O INCÊNDIO DA RAIZ	LIT PROJETO ARTE DA PALAVRA - OFICINA DE ESCRITA LITERÁRIA	MUS SHOW ROBERTO POR ELAS 2
2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO
ADV O QUE DE VERDADE IMPORTA	ARC ESPETÁCULO METAL NO PALCO GIRATÓRIO		ARC ESPETÁCULO "O CRIVO" PALCO GIRATÓRIO	OUT UNIFACISA WEEK
AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL

**PROGRAMA DIVERSIDADE
SEMANA DE 24 A 28 DE SETEMBRO DE 2018**

SEGUNDA 24	TERÇA 25	QUARTA 26	QUINTA 27	SEXTA 28
1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO
ARC ESPETÁCULO "A BELA E A FERA" - TEATRO FACISA	OUT ENTREVISTAS CANDIDATOS JOÃO AZEVEDO	OUT ENTREVISTAS CANDIDATOS JOSE MARANHÃO	OUT ENTREVISTAS CANDIDATOS LUCÉLIO CARTAXO	OUT ENTREVISTAS CANDIDATOS TÁRCIO TEIXEIRA
MUS DIDO CRUZ	LIT EDITORA MONDRONGO	OUT DEBATE CULTURA E DIÁLOGOS MARXISTAS	ADV LANÇAMENTO XIII COMUNICURTAS	CPO ANIVERSÁRIO DO REGISTRO DA FEIRA CENTRAL COMO PATRIMÔNIO CULTURAL E IMATERIAL DO BRASIL
	ARC PREPARAÇÃO 2/4 ROMÉU E JULIETA	ARC ENTREVISTA ADREN ALVES (REPRISE DIA 07/09)	MUS QUARTAS ACÚSTICAS RANULFO BARBOSA	MUS 2º FÓRUM ROTA DO FORRÓ
2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO
ADV O MISTÉRIO DO RELÓGIO NA PAREDE			ARI SEMANA GEEK'S	ARV EXPOTATTOO CAMPINA GRANDE
AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL

**PROGRAMA DIVERSIDADE
SEMANA DE 17 A 21 DE SETEMBRO DE 2018**

SEGUNDA 17	TERÇA 18	QUARTA 19	QUINTA 20	SEXTA 21
1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO
ARV GRÃO FINO: SEMANA DE FOTOGRAFIA ARC OFICINA DE MARACATU DE BAQUE VIRADO	LIT LIVRO JOSÉ LINS DO REGO EM QUADRINHOS ARV EXPOSIÇÃO DE MAQUETES DE PRÉDIOS HISTÓRICOS DE CAMPINA GRANDE	ARC OFICINA DRAMATURGIA DA LUZ LIT PRECONCEITO SEXUAL NO BRASIL E EM PORTUGAL	ARC SHOW DE STAND UP COMEDY JONATHA NEMER MUS FELIPE MELLO	CPO CANARINHO (POETA E REPENTISTA) MUS SHOW DE DIDO CRUZ
2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO
LIT FLIC - FEIRA LITERÁRIA DE CAMPINA GRANDE ADV O PREDADOR AGENDA CULTURAL	LIT 9ª FESTA LITERÁRIA DE BOQUEIRÃO (FLIBO) AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	MUS SHOW BENEFICENTE ADV IV CINE MOVE AGENDA CULTURAL

**PROGRAMA DIVERSIDADE
SEMANA DE 10 A 14 DE SETEMBRO DE 2018**

SEGUNDA 10	TERÇA 11	QUARTA 12	QUINTA 13	SEXTA 14
1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO
GAS REVISTA GASTRONÔMICA CAÇAROLA LIT LIVRO IARANDARA	LIT LIVRO GILBERTO FREYRE E JOSÉ LINS DO REGO MUS CD BIPLANO TONINHO BORBO	LIT LIVRO PARA ALÉM DA PEDRA E CAL LIT LIVRO A SOLIDÃO DOS OLHOS E AS VERTIGENS DO TEMPO	MUS QUARTAS ACÚSTICAS COM JORGE RIBBAS ARC ESPETÁCULO CORRUPTORES	OUT PROJETO RELIX COM I SIMPÓSIO NORDESTINO DE EDUCOMUNICAÇÃO
2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO
ADV ALFA AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	MUS SHOW AFLORARTE AGENDA CULTURAL

**PROGRAMA DIVERSIDADE
SEMANA DE 03 A 07 DE SETEMBRO DE 2018**

SEGUNDA 03	TERÇA 04	QUARTA 05	QUINTA 06	SEXTA 07
1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO
MUS 2ª JACKSONPANDEIREAR (SHOW COLETIVO) ARI INCÊNDIO MUSEU NACIONAL ARV LIVRO JOGO SUJO SE LAVA JATO	ARC ESPETÁCULO BAILE MUDERNO ARV SALÃO SESC DE ARV	MUS QUINTETO DE METAIS DA UFBA LIT LIVRO OS ANCIOS DO CAOS	ARV EXPOSIÇÃO METÁFORAS DA CRIAÇÃO LIT LANÇAMENTO DO LIVRO GLITTER	MUS CORP. MUSICAL CEMADIPE ARC ENTREVISTA ADREN ALVES CANTOR, ATOR, DIRETOR
2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO
ADV O CANDIDATO HONESTO 2 AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL

**PROGRAMA DIVERSIDADE
SEMANA DE 27 A 31 DE AGOSTO DE 2018**

SEGUNDA 27	TERÇA 28	QUARTA 29	QUINTA 30	SEXTA 31
1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO
<p align="center">ARC ESPETÁCULO GUARA MANO</p> <p align="center">ARV INAUGURAÇÃO DA GALERIA GEOVÁ AMORIM</p>	<p align="center">LI LANÇAMENTO COLETÂNEA DE LIVROS O LADO BOM DA VIDA</p> <p align="center">MUS CÍCERO (CANTOR E COMPOSITOR)</p>	<p align="center">MUS OFICINA DE HISTÓRIA DA MUS BRASILEIRA</p> <p align="center">ARI OFICINA A CRÍTICA DE ARTE (AINDA) E POSSÍVEL?</p>	<p align="center">OUT SEMINÁRIO DE ARTE E EDUCAÇÃO</p> <p align="center">MUS QUARTAS ACÚSTICAS BANDA HOZEN</p>	<p align="center">ARC OFICINA DE DIREÇÃO CÊNICA</p> <p align="center">MUS LUTHIER WAGUINHO DUDUTA</p>
2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO
<p align="center">ADV SLENDER MAN PESADELO SEM ROSTO</p> <p align="center">OUT PROGRAMA FUNARTE DE CAPACITAÇÃO TÉCNICA 2018</p> <p align="center">AGENDA CULTURAL</p>	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	<p align="center">MUS PROJETO SONORA</p> <p align="center">AGENDA CULTURAL</p>

**PROGRAMA DIVERSIDADE
SEMANA DE 20 A 24 DE AGOSTO DE 2018**

SEGUNDA 20	TERÇA 21	QUARTA 22	QUINTA 23	SEXTA 24
1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO
<p align="center">ARI 43º FESTIVAL DE INVERNO DE CAMPINA GRANDE</p> <p align="center">ARI OFICINAS OFERECIDAS PELA SEMANA DE ARTE E MÍDIA</p>	<p align="center">ARC ESPETÁCULO MUSICAL ELIZETH, A DIVINA - FIGG 2018</p> <p align="center">ADV EXIBIÇÃO DO FILME A COMPÁDECIDA NO FIGG</p>	<p align="center">ARC BALLET O CORSÁRIO NO FIGG 2018</p> <p align="center">ARI SARAU CECÍLIA MEIRELES FIGG 2018</p>	<p align="center">ARC OFICINA FIGG O ATOR QUE CANTA EM CENA</p> <p align="center">ARC NOITE DE DANÇA NO FIGG - 2018</p>	<p align="center">ARI ÚLTIMA NOITE FIGG 2018</p> <p align="center">MOD FLAWLESS DESFILE DE MODA</p>
2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO
<p align="center">ARC ELIZETH A DIVINA - FIGG</p> <p align="center">ADV O PROTETOR 2</p> <p align="center">AGENDA CULTURAL</p>	<p align="center">ARC PARAÍBA EM CENA DO SESC</p> <p align="center">ARI ABERTURA SEMANA DE ARTE E MÍDIA</p> <p align="center">AGENDA CULTURAL</p>	<p align="center">ARC ENSAIO ABERTO PLUFT O FANTASMINHA</p> <p align="center">AGENDA CULTURAL</p>	<p align="center">ARI SEMANA DE ARTE E MÍDIA (CINE TEATRO SÃO JOSÉ)</p> <p align="center">AGENDA CULTURAL</p>	<p align="center">OUT ELEIÇÃO DO CONSELHO ESTADUAL DE POLÍTICA CULTURAL</p> <p align="center">MUS RODA DE CHORO</p> <p align="center">LIT LANÇAMENTO LIVRO IARANDARA</p> <p align="center">AGENDA CULTURAL</p>

**PROGRAMA DIVERSIDADE
SEMANA DE 13 A 17 DE AGOSTO DE 2018**

SEGUNDA 13	TERÇA 14	QUARTA 15	QUINTA 16	SEXTA 17
1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO
<p align="center">MUS SHOW DE FIDELIA CASSANDRA NO TEATRO MUNICIPAL</p> <p align="center">ARC ATRAÇÕES FESTIVAL DE INVERNO 2018</p>	<p align="center">ADV WEB-SÉRIE ERRO E TENTATIVA</p>	<p align="center">ARC ARLY ARNAUD</p> <p align="center">MUS GRUPO JELUVI</p>	<p align="center">ARV OBRA DE ANTÔNIO DIAS DO MAAC</p> <p align="center">LIT LIVRO O VAZIO DOS TEUS OLHOS DE FABIANA ARAÚJO</p>	<p align="center">ARI ABERTURA 43º FESTIVAL DE INVERNO DE CAMPINA GRANDE</p> <p align="center">ARV EXPOSIÇÃO "A FEIRA: SABERES E SABORES"</p>
2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO
<p align="center">ADV MEGATUBARÃO</p> <p align="center">AGENDA CULTURAL</p>	<p align="center">ARI OFICINAS DO FESTIVAL DE INVERNO 2018</p> <p align="center">LIT LIVRO VARIAÇÕES SOBRE O MESMO ERRO</p> <p align="center">AGENDA CULTURAL</p>	<p align="center">OUT PRIMEIRA SEMANA DE INTEGRAÇÃO DE ARQUITETURA E URBANISMO UNIFACISA</p> <p align="center">AGENDA CULTURAL</p>	<p align="center">ARV EXPOSIÇÃO FEIRA NO MERCADO CENTRAL</p> <p align="center">AGENDA CULTURAL</p>	<p align="center">MUS SHOW BENEFICENTE ELBA, FLÁVIO E GITANA (IFCCAN) (6 DE SETEMBRO)</p> <p align="center">OUT OFICINAS DA FUNARTE</p> <p align="center">AGENDA CULTURAL</p>

**PROGRAMA DIVERSIDADE
SEMANA DE 06 A 10 DE AGOSTO DE 2018**

SEGUNDA 06	TERÇA 07	QUARTA 08	QUINTA 09	SEXTA 10
1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO
MUS) ACROSS THE BEATLES NO TMSO ARV ARTISTA VISUAL LUIZ CARLOS	ADV CINE RT REMIGIO OUT MUSEU VIVO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE CG	ARI LANÇAMENTO 43ª EDIÇÃO DO FESTIVAL DE INVERNO 2018 MATERIA PREMIAÇÃO PARA O MUSEU SESI DIGITAL	MUS MUS CORDAS E SOPROS ARC ENSAIO DO ESPETÁCULO PLUFT O FANTASMINHA	ARI ASSINATURA CONVÊNIO MAAC/ UEPB/ UNIFACISA COM INTERPROGRAMA LUGAR DE MULHER
2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO
ADV MAMMA MIA 2 AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	MUS QUARTAS ACUSTICAS COM ROMERO COELHO AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	MUS BANDA MADAME GARAGEM AGENDA CULTURAL

**PROGRAMA DIVERSIDADE
SEMANA DE 30 DE JULHO A 03 DE AGOSTO DE 2018**

SEGUNDA 30	TERÇA 31	QUARTA 01	QUINTA 02	SEXTA 03
1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO
ARV EXPOSIÇÃO HISTÓRIA ARQUITETURA DE CAMPINA MUS CAMPEÁ DO FESTIVAL SESI DE MUS	ARV VAL MARGARIDA (PINTORA NAIFF) ADV CURTA-METRAGEM A HOSPEDE	ARC ENTREVISTA COM ANTONIO CADENGUE ADV DOCUMENTÁRIO UM PÉ DE COAÇU PRÊMIO CNBB	ARV ARTISTA VISUAL JULIO LEITE ARI PROJETO TAMANQUINHO DAS ARTES	ARC ESPETÁCULO THE MAC SHOW MUS FESTIVAL GAMA
2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO
ADV MISSÃO IMPOSSÍVEL EFEITO FALLOUT AGENDA CULTURAL	OUT VII AGOSTO PARA IGUALDADE RACIAL AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	ARC OFICINA DE DANÇA MUS MESTRE DUDUTA AGENDA CULTURAL

**PROGRAMA DIVERSIDADE
SEMANA DE 23 A 27 DE JULHO DE 2018**

SEGUNDA 23	TERÇA 24	QUARTA 25	QUINTA 26	SEXTA 27
1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO
ARC ESPETÁCULO ENTRE PARTIDAS ADV EXIBIÇÃO O NÓ DO DIABO	ARC DANCING CAMPINA MUS DILSINHO MEDEIROS	MUS AUDIÇÕES CORO EM CANTO ARC DANCING CAMPINA	MUS DUDUTA MUS CHORO PRA MAIS DE ANO V	MUS FORRÓ SOLIDÁRIO ARC RAINHA DA DIVERSIDADE
2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO
ADV UMA QUASE DUPLA AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	MUS DUDUTA AGENDA CULTURAL	ARI SABADINHO CULTURAL AGENDA CULTURAL

**PROGRAMA DIVERSIDADE
SEMANA DE 16 A 20 DE JULHO DE 2018**

SEGUNDA 16	TERÇA 17	QUARTA 18	QUINTA 19	SEXTA 20
1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO
MUS SANDRO HAICK	ADV CURTA METRAGEM 4	ARV ARENA CONTA TEATRO E RESISTENCIA NO BRASIL	MUS BATERISTA GUSTAVO	ADV CINECLUBE LUCI PEREIRA
MUS PARTICIPANTES DO DOM	ARV DISMORFIA: ENSAIOS DA DOR	ARC GRUPO DE DANÇA FOLCLÓRICA SISAIS	ARC BAILARINOS INTERCÂMBIO NA EUROPA	ARC ESPETÁCULO AS ENCALHADAS DO ALÉM
2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO
ADV HOTEL TRANSYLVANIA 3		ARI CONVOCATÓRIA DO FESTIVAL DE INVERNO		ARC STAND UP COMEDY ERICKSON CANUTO
AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL

**PROGRAMA DIVERSIDADE
SEMANA DE 09 A 13 DE JULHO DE 2018**

SEGUNDA 09	TERÇA 10	QUARTA 11	QUINTA 12	SEXTA 13
1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO
ADV DOCUMENTARIO "PELOS OLHOS DO POVO"	MUS JEAN MARCIO SOUZA, ZAQUEU VIEIRA, RUDSON RICELLI, REGIANE YAMAGUCCI	LIT OFICINA "ESCRITA ATIVA" COM FELIPE VIDAL (SESC)	ARV PROJETO FAÇA MEU GOL	MUS AÇÃO ARTÍSTICO-SOLIDÁRIA NÓ HOSPITAL UNIVERSITÁRIO
ADV FILME O NÓ DO DIABO	MUS OFICINAS DO FIMUS 2018	MUS HEBER JAMIM E GRACIO ZAQUEU	MUS CONCERTO DA BIG BAND UFCG NO IFPB	MUS FLAUTA DE BLOCO
2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO
ADV HOMEM-FORMIGA E A VESPA				
AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL

**PROGRAMA DIVERSIDADE
SEMANA DE 02 A 06 DE JULHO DE 2018**

SEGUNDA 02	TERÇA 03	QUARTA 04	QUINTA 05	SEXTA 06
1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO
MUS ARRAIAL ITARARÉ (5º DIA)	ARI CONCURSO UNIFACISA STAR	MUS TRIOS DE FORRÓ	MUS FIMUS 2018	CPO SÃO JOÃO 2018
ARC DANÇA COMIGO DA UNIFACISA	ADV CULTURA E COPA	CPO PROGRAMAÇÃO QUADRILHAS JUNINAS	MUS CAMILA HOLANDA	MUS FINAL DO CONCURSO ARRETADO STAR
2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO
ADV OS INCRÍVEIS 2				
AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL

**PROGRAMA DIVERSIDADE
SEMANA DE 25 A 29 DE JUNHO DE 2018**

SEGUNDA 25	TERÇA 26	QUARTA 27	QUINTA 28	SEXTA 29
1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO
MUS ARRAJAL ITARARÉ (4º DIA) LIT LIT NA COPA	ADV CINE SESI DIGITAL CPO SEMANA DO ARTESANATO	MUS EMBOLADORES MUS ÔNIBUS DO FORRÓ	ADV LANÇAMENTO INDIE CINE GAS BASTIDORES DA AÇÃO GASTRONOMIA UNIFACISA	GAS FESTIVAL COMIDA COM SOTAQUE ARI PROJETO SOCIOCULTURAL DE FAGUNDES
2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO
ADV HEREDITÁRIO AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL

**PROGRAMA DIVERSIDADE
SEMANA DE 18 A 22 DE JUNHO DE 2018**

SEGUNDA 18	TERÇA 19	QUARTA 20	QUINTA 21	SEXTA 22
1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO
MUS ARRAJAL ITARARÉ (3º DIA) OUT AUDIÊNCIA PÚBLICA PROJETO DE LEI GÊNERO	MUS HINO DO 13 EM RITMO DE SAMBA MUS SEMANA DA MUS	COM IDEIA LIVRE TON OLIVEIRA OUT ATIVIDADES JUNINAS STAND DA UNIFACISA	MUS JODEMAR DO ACORDEON ARV EXPOSIÇÃO "O FOTOJORNALISMO E O MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO"	MUS TÁXI DO FORRÓ ARC FITDANCE JUNINO
2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO
ADV JURASSIC WORLD: REINO AMEAÇADO AGENDA CULTURAL	MUS LUAN ESTILIZADO E FAGNER AGENDA CULTURAL	STAND-UP AMIGO É COISA PRA SE FALAR AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL

**PROGRAMA DIVERSIDADE
SEMANA DE 11 A 15 DE JUNHO DE 2018**

SEGUNDA 11	TERÇA 12	QUARTA 13	QUINTA 14	SEXTA 15
1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO
MUS GEOVANE JR.	MUS ARRAJAL ITARARÉ (2º SÁBADO) MUS SANDRA BELÉ	ARI PREPARATIVOS E EXPECTATIVAS PARA O 28º SALÃO DO ARTESANATO OUT PROMOÇÃO NOITE DOS NAMORADOS FACISA	GAS TEMPERARTES NO 28º SALÃO DO ARTESANATO ARV SANTOS DA DEVOÇÃO POPULAR	ARV AQUELE SÃO JOÃO COM PODCASTS
2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO
ADV 8 MULHERES E UM SEGREDO AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL

**PROGRAMA DIVERSIDADE
SEMANA DE 04 A 08 DE JUNHO DE 2018**

SEGUNDA 04	TERÇA 05	QUARTA 06	QUINTA 07	SEXTA 08
1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO
OUT SUSPENSÃO DO SÃO JOÃO PELO ECAD MUS ARRAIAL ITARARÉ CPO OFICINA PRÊMIO CULTURAS POPULARES	MUS MELHOR INTERPRETE JÚRI POPULAR E FORRÓ CONTEMPORÂNEO DOM FORRÓ MUS BANDA LUZES	CPO SÃO JOÃO DO CARNEIRINHO GASTRONOMIA CARLOS HONORATO - CHEF DE COZINHA PARAIBANO	CPO ABERTURA VILA SÃO JOÃO FACTUAL OFICINA PRÊMIO CULTURAS POPULARES	MUS ARRAIAL SESC MUS EP ESQUENTA SÃO JOÃO LUAN ESTILIZADO
2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO
CPO CHAMADA SÃO JOÃO DO CARNEIRINHO ADV NÃO SE ACEITAM DEVOLUÇÕES AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	MUS A CANTORIA DA VOLTA ARC LUZEMBERG SANTANA - GALA BALE JOVEM. AGENDA CULTURAL

**PROGRAMA DIVERSIDADE
SEMANA DE 28 DE MAIO A 01 DE JUNHO DE 2018**

SEGUNDA 28	TERÇA 29	QUARTA 30	QUINTA 31	SEXTA 01/06
1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO
MUS MESTRINHO	ADV NOVOS FÁS STAR WARS LIT A BULA - COMPRIMIDOS LITERÁRIOS (JOSAFÁ DE ORÓS)	MUS MELHOR INTERPRETE DOM FORRÓ - EDRA VERAS OUT "E AÍ, CAPITÓLIO"	MUS MELHOR COMPOSITOR FORRÓ TRADICIONAL - SEVERO RAMOS ADV CURTA NÃO MAIS	MUS MARCELO JENECI MUS BASTIDORES DO ARRAIAL ITARARÉ
2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO
ADV HAN SOLO STAR WARS AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL

**PROGRAMA DIVERSIDADE
SEMANA DE 21 A 25 DE MAIO DE 2018**

SEGUNDA 21	TERÇA 22	QUARTA 23	QUINTA 24	SEXTA 25
1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO
MUS FINAL DOM FORRÓ ARC ESPETÁCULO PLUGE	ARC ESPETÁCULO O PEQUENO PRINCEPE NEGRO MODA MISS PARAIBA 2018	CPO TCC SOBRE O SÃO JOÃO ARI REPRESENTATIVIDADE ARTÍSTICAS NOS NOMES DAS RUAS	ADV FILME JUREMA, SUA MATA É LINDA COM REVISTA DIGITAL GRAMPARAIBA	ARC ESPETÁCULO POWERFLIX ARV TATUADOR VICTOR ANDRADE
2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO
AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	MUS QUARTAS ACÚSTICAS AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	MUS 93 ANOS CORAL ROBERT KALLEY ARC ESPETÁCULO E FORAM FELIZES PARA SEMPRE AGENDA CULTURAL

**PROGRAMA DIVERSIDADE
SEMANA DE 14 A 18 DE MAIO DE 2018**

SEGUNDA 14	TERÇA 15	QUARTA 16	QUINTA 17	SEXTA 18
1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO
ARC ESPETÁCULO MACHOS	ARC MOSTRA SESC CURUMIM DE TEATRO INFANTIL	MUS VIII TRIBUTOS À MARINÉS	ADV CINEMA DE BAIRRO	ARV EXPOSIÇÃO A FEIRA: SABERES E SABORES
MUS CHUCK MC	ARC PERFORMANCE DESCEGURADOS	ARC ESPETÁCULO A LUTA DAS GALINHAS	ARV EXPOSIÇÃO SEMANA DA INDÚSTRIA	ADV CINECLUBE LEVANTE
2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO
ADV		MUS SHOW QUARTAS ACÚSTICAS - ADILIA UCHOA	ARC ESPETÁCULO DONA MARIA DO DOCE	ARC PASTORIL PROFANO
AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL

**PROGRAMA DIVERSIDADE
SEMANA DE 07 A 11 DE MAIO DE 2018**

SEGUNDA 07	TERÇA 08	QUARTA 09	QUINTA 10	SEXTA 11
1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO
ADV RETOMADA DOS CINECLUBES	ARV EXPOSIÇÃO ESPERA	OUT 13 DE MAIO	MUS SHOW BENEFICENTE REGINA E JONAS SAMPAIO	MUS SHOW VOLTA AOS PALCOS TON OLIVEIRA
MUS VANESSA GARCIA	MUS JHONNY PORTO	MUS CD FORRÓ, FESTA E SÃO JOÃO	CPO REABERTURA MUSEU FONOGRAFICO LUIZ GONZAGA	OUT AUDIÊNCIA PÚBLICA CINE CAPITOLIO
2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO
ADV PAULO, O APOSTOLO				MUS 5ª SAMBA DAS VADIAS
AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	ARC ESPETÁCULO MACHOS AGENDA CULTURAL

**PROGRAMA DIVERSIDADE
SEMANA DE 30 DE ABRIL A 04 DE MAIO**

SEGUNDA 30/04	TERÇA 01/05	QUARTA 02	QUINTA 03	SEXTA 04
1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO
MUS SEMIFINAL DOM MUS	ADV FILME OS VINGADORES GUERRA INFINITA	ARC ENSAIO QUADRILHA JUNINA	MUS ELBA RAMALHO NO SÃO JOÃO 2018	MUS ENTREVISTAS COM ARTISTAS DO FORRÓ SOBRE O SÃO JOÃO DESTE ANO
MUS FINALISTAS DOM FORRÓ	MUS HELDER TAVARES	ARI DIRETO DA REDAÇÃO PAULO ÍTALO	MUS QUARTAS ACÚSTICAS DUO PERAZZO E RIBBAS	MUS YANKA
			LIT LANÇAMENTO DO LIVRO ENSAIOS, PERFIS E (QUASE) MEMÓRIAS	
2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO
ADV VINGADORES, GUERRA INFINITA	MUS ELOISA OLINTO E LUIZINHO CALIXTO	MUS CLIP DE AMAZAN MEU ESPORTE É VAQUEJADA	DIRETO DA REDAÇÃO PAULO ÍTALO	DIRETO DA REDAÇÃO PAULO ÍTALO
AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL

**PROGRAMA DIVERSIDADE
SEMANA DE 23 A 27 DE ABRIL DE 2018**

SEGUNDA 23	TERÇA 24	QUARTA 25	QUINTA 26	SEXTA 27
1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO
MODA CABIDE ESSENCIAL COM MAHAYANA NAVA MUS CHORINHO PRA MAIS DE ANO	ARC VILA DA GALINHA PINTADINHA MUS RONALDO MAMEDE	MUS PALESTRA A MUS DA LETÔNIA ARV EXPOSIÇÃO FANÁTICOS	ARC IV MOSTRA CAMPINENSE DE DANÇA - BALE DA UEPB MUS LAY LUZ	MUS PALCO DO CHORO LIT LIVRO RELIGIÃO E POLÍTICA FESTEJAM O SAGRADO CORÇÃO DE JESUS NA PARAIBA
2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO
ADV EXORCISMOS E DEMÔNIOS AGENDA CULTURAL	ARC SEMANA DA DANÇA AGENDA CULTURAL	ARC BALE DA UEPB NA SEMANA DA DANÇA AGENDA CULTURAL	ARC SESC PARAIBA EM CENA AGENDA CULTURAL	MOD DAY FASHION REVOLUTION AGENDA CULTURAL

**PROGRAMA DIVERSIDADE
SEMANA DE 16 A 20 DE ABRIL DE 2018**

SEGUNDA 16	TERÇA 17	QUARTA 18	QUINTA 19	SEXTA 20
1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO
OUT DIA DA VOZ A VOZ NA CULTURA MUS II FENOGER - FESTIVAL DA NOVA GERAÇÃO DO REPENTE AVD GRAVAÇÃO DVD DESMISTIFICANDO	MUS RAÍ BEZERRA DIRETO DA REDAÇÃO LEANDRO	MUS PROJETO ROBERTO POR ELAS DIRETO DA REDAÇÃO LEANDRO	MUS ENSAIO DOM FORRÔ MUS LANÇAMENTO DO TROFÉU GONZAGÃO	ARC ESPETÁCULO ELES NÃO USAM TENIS NAIQUE MUS LANÇAMENTO NOVO CD DA BANDA DONAS DA FARRA
2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO
ADV RAMPAGE AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	DIRETO DA REDAÇÃO PAULO ÍTALO AGENDA CULTURAL	ARC COMEDIA MINHA SOGRA E UMA COBRA AGENDA CULTURAL

**PROGRAMA DIVERSIDADE
SEMANA DE 09 A 13 DE ABRIL DE 2018**

SEGUNDA 09	TERÇA 10	QUARTA 11	QUINTA 12	SEXTA 13
1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO
OUT MOBILIZAÇÃO CONTRA ADPF 293 ADV PROFISSÃO: ARTISTA	LIT ARTE DE DESCREVER - ALFREDO PINTO JÚNIOR ARV PINTORA LARISSA CARVALHO	ADV ENSAIO GRAVAÇÃO DVD JUNIOR CORDEIRO ADV DOC DAMAS DA NOITE	ARV QUADRINISTAS JOÃO PAULO E JOSE EUDES MUS LUANA ALVES	MUS SESC PARTITURAS COM REUNIÃO DOM FORRÔ
2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO
ADV UM LUGAR SILENCIOSO AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	AGENDA CULTURAL	MUS BAILE SOLIDÁRIO - INSTITUTO DOS CEGOS OUT II FENOGER AGENDA CULTURAL

**PROGRAMA DIVERSIDADE
SEMANA DE 02 A 06 DE ABRIL DE 2018**

SEGUNDA 02	TERÇA 03	QUARTA 04	QUINTA 05	SEXTA 06
1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO
ARI APRESENTAÇÃO DA SÉRIE LIT CRONISTA JURANI CLEMENTINO	ARC ESPETÁCULO A ONÇA E O BODE ARI SÉRIE MESTRE DAS ARTES MESTRES CAMPINENSES	LIT POETA POPULAR JOELSON MIRANDA FERREIRA ARI SÉRIE MESTRE DAS ARTES MESTRES PARAIBANOS	MUS SHOW SOCRATES GONÇALVES QUARTAS ACÚSTICAS ARI LANÇAMENTO DO MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO	COM DIA DO JORNALISTA ADV PROJETO LAB RUA ARI SÉRIE MESTRE DAS ARTES MESTRES PARAIBANOS
2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO
ADV JOGADOR N° 1 AGENDA CULTURAL	 AGENDA CULTURAL	MUS SÓCRATES GONÇALVES QUARTAS ACÚSTICAS AGENDA CULTURAL	 AGENDA CULTURAL	OUT DOMINGO DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS ARC ESPETÁCULO TEATRO MUNICIPAL AGENDA CULTURAL

**PROGRAMA DIVERSIDADE
SEMANA DE 26 A 30 DE MARÇO DE 2018**

SEGUNDA 26	TERÇA 27	QUARTA 28	QUINTA 29	SEXTA 30
1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO
ARC ESPETÁCULO DOM JUAN OUT CULTURA DO BASQUETE	ADV CINECLUBE LIVRO WANDERLEY LIT USO DO CORDEL PIEDUCAÇÃO NO TRÂNSITO	ADV VIDA DE YOUTUBER MUS MÚSICO E LUTHIER JOSÉ ITHAMAR	LIT LIVRO POR UMA EDUCAÇÃO PARA NOVOS TEMPOS LIT POESIA DE LOMBADA	MOD MODA E BASQUETE ARC 40 ANOS PAIXÃO DE CRISTO RIACHO DE SANTO ANTÔNIO
2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO
ADV CÍRCULO DE FOGO AGENDA CULTURAL	 AGENDA CULTURAL	 AGENDA CULTURAL	ARC PAIXÃO DE CRISTO DE ESPERANÇA AGENDA CULTURAL	ARC PAIXÃO DE CRISTO ARC CONTAÇÕES DE PÁSCOA AGENDA CULTURAL

**PROGRAMA DIVERSIDADE
SEMANA DE 19 A 23 DE MARÇO DE 2018**

SEGUNDA 19	TERÇA 20	QUARTA 21	QUINTA 22	SEXTA 23
1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO
LIT PROJETO IARAS ARV MARCÍLIO BORBA	ADV DOC LEMBRANÇAS DE UM CAMARIM LIT LIVRO A MEMÓRIA É UMA ESPECIE DE CRAVO FERRANDO A ESTRANHEZA DAS COISAS	ARI COLECIONADOR MUS MÚSICO E LUTHIER JOSÉ ITHAMAR	CPO LANÇAMENTO CORDEL "VIVER SEM VIOLÊNCIA É UM DIREITO: CONQUISTA-LO FOI UM GRANDE FEITO" ARI COLECIONADOR	ADV PROJETO ADV, COCADA E TAPIOCA - CINECLUBE QUILOMBOS DA PARAIBA ARC UMA HOMENAGEM AO DIA MUNDIAL DO TEATRO E DIA NACIONAL DO CIRCO
2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO
ADV MARIA MADALENA AGENDA CULTURAL	ARI PROGRAMAÇÃO SESC 2018 AGENDA CULTURAL	OBS: NÃO FOI AO AR DEVIDO AO APAGÃO/ AS MATÉRIA FORAM REALOCADAS PARA OUTROS DIAS	ADV CINECLUBE LUCI PEREIRA AGENDA CULTURAL	MUS CONCERTO GERALDO VANDRÉ ARC OFICINA DE TEATRO RECREIO DRAMÁTICO LIT LANÇAMENTO LIVRO POR UMA EDUCAÇÃO PARA OS NOVOS TEMPOS AGENDA CULTURAL

**PROGRAMA DIVERSIDADE
SEMANA DE 12 A 16 DE MARÇO DE 2018**

SEGUNDA 12	TERÇA 13	QUARTA 14	QUINTA 15	SEXTA 16
1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO
ARC ESPETÁCULO O CASAMENTO DE TRUPIZUPE COM A FILHA DO REI LIT LIVRO O CASO CARLOTA	ARV PARA ONDE VÃO SUAS FLORES MUS CD CENA ABERTA (TAN)	ARI SÉRIE INICIAÇÃO ÀS ARTES O INÍCIO LIT LANÇAMENTO DO LIVRO: "UM OLHAR INTERPRETATIVO DAS CANÇÕES DE CHICO"	ARI SÉRIE INICIAÇÃO ÀS ARTES A PROFISSÃO LIT Sesi SARAU LITERÁRIO	ARI SÉRIE INICIAÇÃO ÀS ARTES A FORMAÇÃO MUS GABRIELLA GRISI
2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO
ADV OS FAROFEIROS AGENDA CULTURAL	OUT GÊNERO AGENDA CULTURAL	ARC PREMIAÇÃO O AUTO DO REINO DO SOL AGENDA CULTURAL	ARC CAMPANHA DE POPULARIZAÇÃO DO TEATRO 2018 AGENDA CULTURAL	ARC III GALA BENEFICENTE DE DANÇA AGENDA CULTURAL

**PROGRAMA DIVERSIDADE
SEMANA DE 05 A 09 DE MARÇO DE 2018**

SEGUNDA 05	TERÇA 06	QUARTA 07	QUINTA 08	SEXTA 09
1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO	1 BLOCO
OUT SÉRIE QUESTÕES DE GÊNERO O QUE É GÊNERO? ADV A FORMA DA ÁGUA	OUT SÉRIE QUESTÕES DE GÊNERO GÊNERO E TRABALHO ARI CURSO DE INTRODUÇÃO ÀS ARTES	OUT SÉRIE QUESTÕES DE GÊNERO GÊNERO E TRANSIÇÃO ARC BALE FIT	OUT SÉRIE QUESTÕES DE GÊNERO GÊNERO E RESPEITO MUS SANDRA BELÉ O ROMANCE DO SENHOR FADO	OUT SÉRIE QUESTÕES DE GÊNERO GÊNERO E CIDADANIA MUS SHOW ALEX COHEN
2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO	2 BLOCO
ARV EXPOSIÇÃO MULHERES DE FERRO AGENDA CULTURAL	LIT LIVRO PEDRO JEREMIAS AGENDA CULTURAL	MUS BIG BAND UFCG - QUARTAS ACÚSTICAS AGENDA CULTURAL	LIT TCC "CANTE LÁ QUE EU CANTO MARX" AGENDA CULTURAL	ARI FESTIVAL VIVA MULHERES AGENDA CULTURAL

APÊNDICE B – Transcrição da entrevista do grupo focal.**ENTREVISTA EM GRUPO FOCAL PARA O PROJETO DE PESQUISA****VALORES-NOTÍCIA NO JORNALISMO CULTURAL REGIONAL:
O CASO DO PROGRAMA DIVERSIDADE**

Entrevistados: Jornalista A, Jornalista B e Jornalista C

MEDIADOR – Entrevista em grupo focal relacionada ao projeto de pesquisa *Critérios de Noticiabilidade no Jornalismo Cultural Regional, o caso do programa Diversidade*. Esta entrevista está sendo realizada hoje, dia dois de dezembro de 2019, às três horas da tarde, na sede da TV Itararé, com os seguintes colaboradores: Jornalista C Junior, repórter e apresentador, Jornalista A Pedrosa, produtor e repórter e Jornalista B Ítalo, produtor e repórter. O procedimento da entrevista é basicamente de um bate-papo focado no caso do Diversidade, nas rotinas de trabalho que a gente desempenha aqui dentro – a gente porque eu também faço parte do programa, mas hoje tô posicionado como pesquisador, não vou opinar, vou mais ouvir vocês.

Vou começar pedindo pra cada um de vocês se apresentar. Aí vocês dizem o nome e... a função eu já disse qual é a função aqui. Só que, na sequência, já emendam falando da relação de vocês com o jornalismo. Porque optaram pelo jornalismo e já podem emendar também, nessa própria apresentação, em porque estão atuando no jornalismo cultural, tá bom? Então vamos começar por Jornalista A.

JORNALISTA A – Meu nome é Jornalista A Pedrosa de Andrade, tenho vinte e oito anos, comecei a estudar jornalismo por uma questão de afinidade com a prática da escrita, eu já tinha feito um curso superior de letras, não cheguei a concluir, mas aí por já ter uma prática de leitura já muito grande e já ter um hábito de escrita muito forte há um tempo, eu optei fazer jornalismo como uma forma de colocar em prática, exercitar esse meu lado, essa aptidão ou habilidade, mas ao mesmo tempo somando com o lado da utilidade pública. Fazer com que

aquela mensagem ou alguma informação ou conteúdo chegasse a alguém através dessa habilidade ou aptidão ou talento ou seja lá o que fosse que eu poderia estimular e aprender mais dentro do curso, no caso Jornalismo, Comunicação Social que eu fiz na UEPB. Ainda estou concluindo o curso, devo concluir no primeiro semestre de 2020 e pretendo desenvolver também pesquisa na área acadêmica voltada para comunicação pública, talvez trazendo aspectos do jornalismo cultural, ainda não sei, ainda estou desenvolvendo isso. E por que o jornalismo cultural? O jornalismo cultural foi quase como uma consequência de certos hábitos e práticas que eu já tinha no meu dia a dia, porque eu cresci lendo muito, ouvindo muita música, a partir disso cabei tendo curiosidade de assistir filmes e ir ao cinema, também cresci muito assistindo filmes, estímulo dos meus pais, a educação veio a partir dos meus pais, esse estímulo e essa vontade de procurar e pesquisar produtos artísticos e culturais, e aí quando cresci, essa curiosidade só aguçou e se aprofundou, e foi se aprofundando e eu tive a oportunidade de buscar mais abrir esse leque do cultural e buscar mais ações e atividades voltadas para a área cultural. E aí, quando eu vi a possibilidade de que eu podia unir esses dois lados que eram tão afeitos assim, um lado afetivo muito forte, mas ao mesmo tempo tinha um lado muito útil, no sentido de servir a alguém, eu pude exercer, praticar, e aí teve o contato, o estímulo e o contato de...enfim chegar aqui na tv. A TV Cultura, que eu já conhecia, porque cresci assistindo, mas também de poder trabalhar porque tinha esse conjunto de afinidades que vieram de uma construção pessoal e social de certos hábitos e coisas pessoais da minha vida também.

JORNALISTA B – Bem, eu sou Jornalista B Ítalo Silva Araújo, tenho 25 anos. É... estudei na Universidade Federal de Campina Grande, fiz o curso de Comunicação Social, comecei em 2012, finalizei em 2016 e durante o curso tive a oportunidade de estagiar dois anos na TV Itararé, um ano pelo estágio obrigatório da universidade, e mais um ano porque a TV gostou do meu trabalho e fiquei, terminei o curso e comecei a trabalhar na área de assessoria, depois de um tempo retornei à TV e agora já faz três anos que trabalho aqui, abril do ano que vem vai fazer quatro ao todo, dois de estágio e dois como funcionário efetivo. É, sobre a escolha do curso, é o curso com o qual sempre me identifiquei desde pequeno, assistia muita televisão, gostava de ver as reportagens, de ver as

peessoas, ver o dia a dia, conhecer novas culturas, enfim. Sempre admirei muito esse quadro jornalístico, sempre tive referências também, meu padrinho que é Juarez Amaral, radialista aqui de Campina Grande, sempre acompanhei o trabalho dele, sempre ia nas rádios desde pequeno. **S**empre tive referencias no jornalismo e sempre me identifiquei, sempre me via, enxergava um futuro trabalhando com isso e hoje em dia realmente eu sou muito feliz em poder trabalhar com jornalismo cultural, no início gostava muito de esporte, na verdade, ainda gosto, mas depois que eu entrei na equipe de programação aqui da TV Itararé, depois que comecei a trabalhar com cultura, comecei a olhar as coisas com outros olhos e aprendi muito, ainda estou aprendendo, hoje eu realmente sou muito feliz em trabalhar com cultura, não sairia hoje para trabalhar em outra área porque realmente sou muito feliz, gosto demais de trabalhar com cultura, de ajudar as pessoas também de alguma forma.

JORNALISTA C – Me chamo Jornalista C Ribeiro da Silva Junior, sou formado em Comunicação Social pela UEPB e atualmente faço Mestrado em Comunicação em João Pessoa, na Universidade Federal da Paraíba. Bem, eu na adolescência descobri o teatro para poder partir do teatro vieram as outras expressões artísticas e o interesse em me aprofundar e ser também atuante nessa área da cultura. Em 2006 entrei no curso de Comunicação Social e dentro da faculdade já tinha uma afinidade com jornalismo cultural, quando se passava alguma atividade de alguma disciplina, eu já direcionava para o jornalismo cultural, já tentava fazer alguma reportagem ou conteúdo lá da faculdade como trabalho já dentro desse segmento, trazendo como pauta sempre as expressões artísticas ou culturais. Em 2008, eu estagiei no Festival de Artes de areia como assessor e a partir daí foi que eu disse: “Isso é o que eu quero pra mim, é Jornalismo Cultural”. Estagiei em 2009 no SESC dentro da área de cultura, assessoria também lá no SESC nos projetos culturais e em 2010 vim para TV Itararé como estagiário, onde estou até hoje, contribuindo para o programa Diversidade. Jornalismo Cultural é o que eu sei fazer, o que eu gosto de fazer e ter contribuído para o fortalecimento da cultura na Paraíba, em Campina Grande.

MEDIADOR – Como cada um de vocês escolhe as pautas que sugerem na rotina do Diversidade?

JORNALISTA A – Depende. Por exemplo, quando a gente vai marcar dentro da categoria factual, eu acho que o que prevalece muitas vezes é o evento, a eventualidade do fato, se vai ser um lançamento, se vai ser uma exposição, a abertura de uma exposição ou alguma coisa do gênero. Então isso é levado em conta. A eventualidade do acontecimento. Esse é um dos pontos. O outro tem a ver com a novidade, o ineditismo, como por exemplo, um lançamento de um novo livro de um autor, por exemplo.

MEDIADOR – A biografia de Belchior sendo lançada aqui, por exemplo?

JORNALISTA A – A biografia de Belchior...isso.

JORNALISTA C – Eu acho que também a questão da notoriedade que esse espetáculo, essa expressão artística tem. Seja aqui de Campina Grande ou um trabalho que traga uma estética diferente, que prega uma linguagem artística diferente, a gente tenta pautar, ou mesmo espetáculos que venham de fora, em alguns projetos que ficam aqui em Campina Grande, esses espetáculos sempre trazem uma linguagem nova. Uma estética nova. E até dentro dessa estética, dessa linguagem nova, algum tema importante que é debatido. Como por exemplo o espetáculo “Traga-me a cabeça de Lima Barreto” que trouxe uma linguagem diferente e um tema importante que foi o movimento de segregação racial da época.

JORNALISTA A – É, eu acho que outro ponto também que contribui pra escolha das pautas é a liberdade que a gente tem de poder, além de ficar de olho nessas pautas mais eventuais, ter a liberdade de poder pensar, de construir uma narrativa na qual muitas vezes a gente pode trazer traços de comportamento, traços sociais, que acontecem, estão acontecendo na cultura. Nas práticas diárias das pessoas, que a gente tem a oportunidade de poder falar isso. Isso pode acontecer a partir de um fato, de um acontecimento que repercutiu. Ao longo da semana, ou do dia, e a gente traz isso e muitas vezes regionaliza também.

MEDIADOR – Sim...

JORNALISTA A – Como é que isso acontece em Campina Grande? Será que isso tem impacto? A gente está vendo que essa notícia saiu aqui e ela teve um

tom, uma certa proporção, mas aí em Campina Grande...será que isso também tem uma certa relevância? Esse ano houve muita censura, esse bate-papo mais político não que gênero não seja, mas acho que ano passado gênero estava mais forte e a gente trouxe, né? Trabalhou isso. Então... tentar trazer esse tema pra... regionalizar esse tema para mostrar para as pessoas esse aspecto de proximidade. Como é que está acontecendo isso aqui. Para que as pessoas daqui se identifiquem e talvez possam debater mais sobre isso com mais propriedade. Pelo menos trazendo isso pra coisa regional, local.

JORNALISTA B – Eu acho que um dos critérios que eu utilizo quando vou marcar alguma pauta, quando tem alguma sugestão é pensar logo no público também. Se realmente aquilo ali é interessante, se vai poder contribuir de alguma forma, de alguma maneira pra quem vai estar assistindo. Que são os telespectadores que acompanham o programa, então, assim... sempre que eu recebo alguma sugestão eu procuro logo avaliar pra ver primeiro seguindo os critérios da TV pra não marcar qualquer sugestão que venha aparecer. Ter cuidado com esse lado comercial, ter cuidado com o que é que vai ser gravado, qual imagem vai ser gravada, quem vai ser entrevistado. Sempre pensando no público: será que isso daqui vai ser interessante pra alguém ver, alguém saber, ter conhecimento disso aqui? E buscar sempre informações que possam realmente ajudar no dia a dia das pessoas e mostrar realmente coisas que elas não estão habituadas a ver. Isso eu acho bastante importante.

JORNALISTA C – Eu acho que é interessante também, pelo menos, quando eu penso em uma pauta, que ela seja, como Jornalista B falou, de interesse público, que ela tenha essa questão de caráter de prestação de serviço. Por exemplo, é um curso de arte que é gratuito? É uma programação artística que é gratuita? Ou é uma programação artística que reafirme ou afirme a cultura popular, a cultura nordestina? O que é interessante perceber, nessa rotina de marcação de pauta do Diversidade é o seguinte: enquanto comparado com o jornalismo mais convencional, mais factual, por exemplo, o departamento de jornalismo daqui da TV Itararé...

JORNALISTA A – As outras editorias...

JORNALISTA C – É, editorias de modo geral. Eles vão pelo calendário anual de diferentes atividades como Páscoa, Paixão de Cristo, São João, dia dos Pais, dia das Mães. Como Campina Grande começou a produzir muito a gente segue um calendário cultural da cidade, por exemplo, o Encontro da Nova Consciência, né? Encontros ecumênicos em fevereiro, aí abril tem a mostra Curumim, junho tem o São João, tem o Comunicurtas em novembro. É um calendário que parte daí, não só do factual, mas também alguma atração que esteja dentro desses eventos.

JORNALISTA A - Eu acho que muitas vezes vai além do calendário.

MEDIADOR – Vou ser um pouco advogado do diabo: isso não mantém uma similaridade de factualidade com outros calendários, não? Por exemplo, o calendário esportivo é um calendário também, que a editoria de esporte segue. O que vocês fazem que foge a factualidade dos calendários culturais do ano? Como é que vocês pensam nessas pautas? Por exemplo, o poeta Sarinho, Helloysa do Pandeiro, o legado de Jackson do Pandeiro, isso não estava exatamente no calendário. Tudo bem que o centenário de Jackson, sim. Mas como essas pautas surgem?

JORNALISTA A – Eu acho que tem uma coisa de perfil editorial, assim... Quando a gente chega já existe mais ou menos uma pré-moldagem, talvez, do que a gente pode trabalhar, do que é mais interessante na verdade de se trabalhar e do que não é tão interessante. Então, a partir daí talvez a gente comece já a seguir, já saiba mais ou menos criar e pensar conteúdo a partir daquilo que é interessante a partir desse perfil.

MEDIADOR – No caso você está falando de constrangimentos?

JORNALISTA A – Não....

MEDIADOR – Porque o termo constrangimento é utilizado em pesquisa jornalística de uma maneira mais *light*, são as limitações que a gente enfrenta, então por exemplo, são constrangimentos editoriais, empresariais ou de outro cunho, como por exemplo, as diretrizes da fundação Padre Anchieta e por vez da Fundação Pedro Américo que não pode noticiar bebida nem estimular o

consumo infantil, nem nada que estimule sensualidade precoce. Seria isso? Essa moldagem?

JORNALISTA A – Eu acho que de alguma forma isso molda, é claro, mas o mais importante, assim ... Você não faria uma matéria... Assim... colocar uma bebida em um bar, uma coisa assim precisaria conter toda essas relevância que os meninos já discutiram, essa relevância social, essa dinâmica de prestação de serviço, mas eu acho que quando você já tem, por exemplo, como o perfil da TV Cultura já tem predeterminado uma série de posições, isso não chega a constranger no sentido de olha: “a gente tem esse perfil mas você tem a liberdade de trabalhar dentro desse perfil...” Não exatamente assim: “ah, olha tá aqui, tem isso aqui e a gente vai proibir você disso, isso e isso...” Não. Existe um perfil editorial e dentro desse perfil a gente tem a liberdade de poder trabalhar, a partir daí é que vão se unindo criatividade, questão de tendências, informações que já circulam e estar atento ao que repercute, o que não está repercutindo, trazer isso pra localidade.

MEDIADOR – Às vezes também a viabilidade interfere, por exemplo, não tem equipe no final de semana... (Parte inaudível)

JORNALISTA C – Quando isso acontece a gente tenta antecipar essa notícia, né? Trazer algum aspecto dela em outro formato, por exemplo, antecipação.

JORNALISTA A – Também essa multiplicidade, esse pluralismo, a gente não fica só restrito apenas a reportagens, a gente pode trazer isso em um outro formato, uma entrevista breve, na agenda cultural, etc. Então também existe essa liberdade de formato de como se trabalhar esse assunto.

JORNALISTA C - Eu que acho que, por exemplo, a gente marcou uma matéria com Helloysa do Pandeiro, como Sarinho, ou como traz ao debate a censura, a gente pensa muito na questão do tema que é importante. Censura, discutir gênero, trazer o centenário de Jackson, também a questão no ineditismo. São histórias que às vezes a grande mídia não toca, não conta, é uma história que às vezes está lá escondida, e alguém vem com uma sugestão, olha Jornalista C... Tem um senhor que é agricultor e é poeta, mas não se sabe disso, né? E tenta se mostrar da melhor forma possível.

MEDIADOR – Vocês recebem muitas sugestões de coisas que estão obscuras?

JORNALISTA A – À margem... Eu acho que é assim, o grande papel do programa é justamente trazer à tona certos debates... Artistas e produções que estão à margem de uma indústria cultural e que podem encontrar ali uma via de divulgação, difusão ou discussão sobre a cultura, sua obra e tal. Então, de alguma forma a gente como mediadores desse debate entre esse mundo, a margem e o espectador talvez. A gente tem esse papel de poder captar, trazer essas informações desse mundo que está à margem para poder mostrar para as pessoas e discutir com elas quão importante que essas questões também sejam debatidas, né? Sejam colocadas na sociedade porque o mundo não é uma coisa estagnada, o mundo é plural, é diverso, é tudo isso, então eu acho que é um papel que a gente tem dentro do programa como comunicadores.

JORNALISTA C – Eu acho que, por exemplo, quando pauta algo que não é da cultura popular, a gente tá fazendo o que Beltrão falou na Folk Comunicação: é a expressão artística cultural popular que está lá, mas que a grande mídia não mostra porque não vende, porque não é do interesse do setor comercial mostrar por exemplo uma menina que toca pandeiro. Sim... A menina toca pandeiro...E?

JORNALISTA A – Eu acho que isso também tem a ver com essa questão do perfil que a gente conversou no início, eu acho que a TV tem uma abertura, ela tem um posicionamento que permite que a gente trabalhe esse assunto dentro da liberdade desse posicionamento.

MEDIADOR – Entendo, essa liberdade, é a segunda ou terceira vez que vocês citam, essa liberdade, ela é suficiente pra vocês atenderem as demandas de pautas culturais? Ou é pouca liberdade, é média, como vocês classificaram?

JORNALISTA B – Eu acredito que é grande porque eu mesmo recebo muitas sugestões de pauta e tenho essa oportunidade de avaliar, de ver se é possível gravar, muitas vezes eu passo pra você, converso com o pessoal do departamento pra ver se é interessante e aí eu marco porque eu sei que realmente vale a pena, então assim a liberdade que eu tenho é de média pra grande, mas...assim, eu sempre busco perguntar pra ver se realmente... Quando eu fico em dúvida se é interessante mesmo, é só pra confirmar e quando eu vejo que realmente vale a pena, que é uma coisa interessante eu mesmo marco, eu

mesmo pauto, e só pra complementar o que a gente estava conversando antes... Eu acho que o grande diferencial do programa Diversidade é justamente esse, é dar espaço pra pessoas simples, humildes, menos famosas, porque pode ver em outras emissoras que geralmente nem sempre abrem espaço para pessoas menos famosas e mais simples, mas geralmente são pessoas famosas que já tem um certo nome, algum certo tipo de fama, e o Diversidade não, o Diversidade é o artista, Helloysa do Pandeiro e Glorinha do Coco, a mesma abertura, a mesma importância, o tratamento igual pra justamente divulgar, ajudar.

JORNALISTA A – “Ah, como é que vocês chegam nesse personagem?” Eu acho que um aspecto importante é a vivência, é viver nos ambientes culturais da cidade, outros lugares porque eu acho que só assim você tem de fato contato e a possibilidade de conhecer não só novos artistas, mas também artistas que vem trabalhando há muito tempo, mas que ainda não tiveram esse espaço na mídia.

MEDIADOR – É um trabalho de pesquisa de certa forma.

JORNALISTA A – E não só de corpo, mas também a internet facilita bastante, muita gente tem divulgado na internet, aí com a facilidade das redes a gente consegue na maioria das vezes ter acesso a essas produções e poder marcar algumas coisas e conversar conhecer melhor quem é esse artista e tal, então tem tudo isso.

JORNALISTA C – Eu acho importante a questão da liberdade, eu acho que liberdade tem sido fundamental para que se traga pautas diferenciadas para o Diversidade porque como a gente não está preso nesse padrão de uma emissora comercial, eu acho que a liberdade de pensar, a liberdade de produzir, a liberdade de mostrar um artista fora dessa indústria cultural faz com que seja um diferencial no jornalismo cultural, como as pessoas tem reconhecido que é um programa que é diferente nessa produção do jornalismo cultural. E tem se tornado referência na própria academia, na própria faculdade, na UEPB, ah, jornalismo cultural, qual a referência, no que se pensa? Se pensa logo no Diversidade justamente pelas pautas diferenciadas que a gente consegue trazer, consegue produzir.

JORNALISTA A – Acho que nas ruas também, no próprio *metier* cultural artístico da cidade, não só no meio acadêmico, existe um certo reconhecido.

JORNALISTA C – No meio artístico também.

JORNALISTA A – É, no meio artístico também, pelo tempo que o programa já vem trabalhando essas questões, conversando com essas pessoas, mostrando e tal, eu acho que já tem uma base de artistas e público que reconhece.

MEDIADOR – Vocês acham que o programa de alguma forma é elitista? Ele é feito para uma camada muito...

JORNALISTA A – Elitizada da sociedade? Eu acredito que não.

MEDIADOR – Vocês podem ser bem sinceros.

JORNALISTA C – No início... Eu entrei aqui em 2010 como estagiário e estou desde 2011 como jornalista contratado. Se pensava que o Diversidade era, sim, um programa para elite, pra classe A que teve maior acesso à informação, ao conhecimento, mas eu estou há quase dois anos como apresentador e eu vejo que pessoas comuns me reconhecem na rua, pessoas que eu vejo que são, entre aspas, humildes, com traço popular, como Jornalista A falou... Que elas reconhecem: “ah, vejo você no Diversidade”. Acho que também outros apresentadores e repórteres são reconhecidos em pontos de ônibus ou até mesmo em feiras livres, já foram reconhecidos, eu acho que tem esse caráter, se pensava assim, mas acho que não. Acho que não é elitista, não. Até porque pela diversidade de temas que apresenta, né? Que traz.

MEDIADOR – Você acha o que, Ítalo?

JORNALISTA B– Eu acho que não é elitista de forma nenhuma. Essa semana passada mesmo eu fui gravar na feira central de Campina Grande, que é o berço da cultura, coração da cidade, fui gravar um espetáculo lá e várias pessoas assistindo, prestigiando, se divertindo, passavam lá em alguns locais, quando eu fui fazer também a enquete do dia do samba, o pessoal sempre falando: “Ah, o programa Diversidade, que bom que vocês estão aqui cobrindo esse espetáculo, só vocês mesmo pra vir cobrir isso aqui porque realmente o pessoal das outras emissoras só vem aqui quando é um evento maior, quando é alguma coisa de renome, alguma coisa assim, algum artista grande que vem ou quando tem algum programa aqui na feira.” Então, assim... Eu acredito que não é elitista de

forma nenhuma, muito pelo contrário. É das pessoas mesmo. Desde as pessoas mais simples até as pessoas como Jornalista C comentou, classe A.

JORNALISTA A – Na minha opinião as pessoas precisam acompanhar mais o conteúdo do programa. Sabe? Porque é um conteúdo muito pluralizado. A gente tanto pode falar de música clássica que talvez seja uma manifestação mais consumida pela elite, como pode ter embolada de coco (parte inaudível). Você tem o primeiro festival de cultura quilombola...

JORNALISTA C – (parte inaudível) de São Jornalista B, que é o balé clássico, mais elitizado, até um tocador de coco, da feira...

JORNALISTA A – É, você tem programas regionais que procuram valorizar... (parte inaudível).

JORNALISTA C – Eu ia falar do Metrópolis. O Metrópolis, programa da TV Cultura, deu origem ao Diversidade, foi um pouco inspirado lá, estou certo ou estou errado?

MEDIADOR – Está certíssimo!

JORNALISTA C – Então, se a gente for comparar com o Metrópolis, eu acho que a gente (palavra inaudível) é muito mais diverso porque abrange cultura, expressões artísticas de forma mais ampla. Porque, se você for assim... O Metrópolis é focado na indústria cultural de massa e a cultura de São Jornalista B.

MEDIADOR – É muito agenda. Hoje em dia, eu vejo o Metrópolis muito pautado para agenda cultural paulistana.

JORNALISTA A – Uma exposição...

JORNALISTA C – Filme...

(Jornalista C, Mediador e Jornalista A falam junto. Parte inaudível)

MEDIADOR – Que é ótimo, mas, cadê a periferia? Cadê os artistas?

(Jornalista C, Mediador e Jornalista A falam junto. Parte inaudível)

JORNALISTA C – Tem um programa que é as Minas ou os Manos... (parte inaudível) Desde a cultura de massa... Pra folkcomunicação mesmo.

(parte inaudível)

JORNALISTA A – É até uma proposta do programa... Todo dia ter o conteúdo diversificado, dentro da proposta do Diversidade...

MEDIADOR – Vocês acham que isso pode não contribuir para uma audiência maior?

JORNALISTA C – O fato de que?

(Mediador, Jornalista C e Jornalista A falam juntos. Parte inaudível)

MEDIADOR – Da gente ser tão múltiplo... Por exemplo... Se ao invés disso, a gente tivesse mais agenda cultural, os grandes nomes aqui, mas... A gente bota tudo né?

JORNALISTA A – É...

JORNALISTA C – Eu acho que não...

MEDIADOR – Isso não importa? Para seleção de pautas que vocês fazem?

JORNALISTA C – A gente não pensa muito em quantas pessoas vão assistir, mas sim na qualidade que elas vão assistir. No conteúdo que elas vão assistir.

MEDIADOR – Na pluralidade...

JORNALISTA C – Nessa Diversidade de vozes, que são ouvidas...

MEDIADOR – Ítalo quer acrescentar outra coisa.

JORNALISTA B – Eu acho que não interfere, não. (parte inaudível) Pelo menos o pessoal que eu conheço que comenta comigo, eles até elogiam essa pluralidade de coisas, porque... É... Existem em outros programas que se você for assistir um, dois dias, é um assunto só, um debate só... E o Diversidade, não, é ao contrário. Um dia é música, um dia é artes visuais, um dia é um poeta, um dia é um livro que está sendo lançado... Então... Assim... O pessoal que conversa comigo que eu tenho algum contato, eles gostam justamente por isso. Por conta da Diversidade de matérias de conteúdo...

(Mediador e Jornalista C interrompem, parte inaudível)

JORNALISTA C – Você falou em audiência, agora, audiência em que? Na TV ou no canal do Youtube? Porque a audiência é fragmentada.

MEDIADOR – É, exatamente.

JORNALISTA C – Se a gente for comparar, o canal do Diversidade tem mais de 50 mil inscritos no Youtube. É um número maior que o programa que deu origem que é o Metrópolis. Então, essa audiência está fragmentada, mas ela é vista da TV, do Youtube... Eu acho que no Youtube, como nas reuniões do departamento a gente falava... Há algum tempo, eu acho que parte das pessoas assistem mais pelo Youtube o Diversidade.

(Mediador e Jornalista A interrompem. Parte inaudível)

JORNALISTA A – Eu acho que é muito fluido também essa visão de audiência... Pra o perfil que a TV tem, eu acho que essa característica de audiência ela acaba se tornando... Assim... Que tipo de audiência a gente tá querendo falar, alguma coisa do tipo... Ela fica um tanto fluida... Dentro do perfil que a gente traz. É tanto que Jornalista C falou, vamos prezar pelo conteúdo, pra levar um conteúdo bom, pra todo mundo. Quem tiver o interesse de assistir, ou acompanhar o programa, vai saber que aquele programa traz um conteúdo bom.

JORNALISTA B – E quem gosta de cultura assiste o Diversidade, porque é o único programa realmente que a gente tem aqui nas emissoras, talvez até no estado da Paraíba, que é só voltado para cultura. Então, quem gosta de cultura assiste tranquilo.

MEDIADOR – Só para finalizar essa parte e a gente ir para a última, duas coisas, uma delas é: não sei se é o pioneiro. Talvez não. Com certeza o mais longo. De tempo no ar, não tem. Nenhum na Paraíba. E outra coisa é o seguinte, isso que eu falei da audiência é porque uma pessoa da academia em uma certa ocasião me questionou dizendo assim: “Vocês não fazem um programa pra vocês mesmos, não?”. E a minha resposta interna – não respondi verbalmente a pessoa – foi NÃO! Porque tem tanta coisa no Diversidade que eu não gosto. E sai no Diversidade também o que eu não gosto. O que não me interessa.

JORNALISTA A – Mediador, você tem como conseguir, assim... Esses números de audiência?

MEDIADOR – Tenho. Através das métricas do Youtube, do Google Analytics...

JORNALISTA A – E a TV? Ela emite algum tipo de parecer, dessa numeração, assim?

MEDIADOR – A última pesquisa que foi feita pela TV, na rua, sem usar as métricas da internet, ela tem o que... quatro anos mais ou menos. Até falei pra Dalton (Diretor-presidente da TV Itararé) que é preciso fazer uma nova, porque é um outro tipo de audiência, ainda existe gente que vê pela TV. Só pela TV. Que não vê pela internet. Ainda tem muita gente que está engatinhando na alfabetização digital.

JORNALISTA C – Eu acho que a TV agora, ela fica mais conhecida por outros episódios que aconteceram na própria programação, outros programas...

(Mediador, Jornalista B Ítalo e Jornalista A interrompem. Parte Inaudível.)

JORNALISTA A – E também por conta dessas mudanças que aconteceram nas outras emissoras, questão de horários de algumas outras... É... colocaram sua transmissão a partir de João Pessoa...

MEDIADOR – Isso...

JORNALISTA A – Como é o caso da TV Paraíba... Enfim... Abre margem...

MEDIADOR – A gente pode até aproveitar mais...

JORNALISTA C – E esse jornalismo de proximidade que a gente traz...

JORNALISTA A – Isso, que é fundamental porque as pessoas se identificam né? É o único jornal que fala completamente, tem a sua pauta e todo jornal, o Diversidade, em Campina Grande.

(Jornalista C interrompe, parte inaudível)

JORNALISTA C – Esse artista vai passar, e esse artista tem amigo... Ah, meu amigo vai passar na TV Itararé...

JORNALISTA A – É, reconhecimento...

MEDIADOR – Na rotina de trabalho de vocês diariamente, existe uma estimativa de um percentual do que é aceito e do que não é aceito pela direção do programa? Pela editoria geral do programa?

JORNALISTA A – Um percentual?

MEDIADOR – É, vocês acham que a maioria das pautas são aceitas? Ou não? Vocês sugerem... Porque veja... O primeiro portão, o primeiro *gate* seriam vocês... Né? “Eita, selecionei essa notícia aqui... Um aplicativo de cultura popular...” Aí você vai e sugere... Dessas sugestões ao longo do mês, de um ano, de uma semana... Muita coisa caí?

JORNALISTA A – Muita coisa... É... Tem uma legitimação, eu acho (parte inaudível).

JORNALISTA B – Falar em números... Eu acho que 80, 90% são aceitos... Só sai o quê...o pessoal sem noção que a gente chama, né? Que quer se promover, que quer utilizar a TV para fazer um comercial de alguma empresa, de algum produto... se autopromover... Com esses aí a gente realmente não tem a menor possibilidade de gravar, mas, acho que maioria das sugestões são aceitas.

JORNALISTA A - Até porque, eu acho que já existe essa intimidade com o tipo de assunto que é trabalhado no programa, por conta desse tempo que a gente... Já fomos todos estagiários...E aí, hoje estamos atuando de uma forma profissional...

JORNALISTA C – Que também é o reflexo da liberdade que se tem para pautar

JORNALISTA A – Também.

JORNALISTA C – Eu acho que também é reflexo disso. Tipo, essa liberdade... Tem essa liberdade para pensar... Para pautar. Chega-se na direção e: “Olha... Essa pauta rola...?” “Ah, interessante! Vamos pautar...” Quando não, é não e pronto.

JORNALISTA A – E tudo bem...

(Mediador e Jornalista C interrompem, parte inaudível)

MEDIADOR – Vou perguntar uma coisa bem particular de cada um. Por exemplo, o que é que você não pauta? O que é que você não gosta... que pode até chegar a sugestão para você via e-mail, via rede social e você prefere não pautar?

JORNALISTA B – Quando são coisas, como eu falei agora há pouco assim, comerciais. Quando alguém quer se autopromover, quando eu percebo que a pessoa quer usar a TV, quer usar a equipe de cinegrafista, repórter para autopromoção... Divulgar um... vamos citar um exemplo...tem um artesão...se a gente for gravar com ele a produção da peça tudo bem, mas se ele quer gravar na Vila do Artesão porque tem uma loja lá, enfim... Esse tipo de coisa realmente eu não pauto, não marco. Eu não marco. Mas fora isso eu acho que realmente o restante eu marco.

MEDIADOR – Eu pergunto isso porque, por exemplo a gente teve casos recentes de censura em Campina Grande, né? Depois disso modificou a conduta de vocês? Eu falo espontaneamente... E também, se tiver algum registro para fazer da própria empresa vocês podem se manifestar.

(Jornalista B Ítalo e Jornalista C falam juntos, parte inaudível)

JORNALISTA C – Eu acho que, o que eu não pauto, é justamente o que a grande mídia já mostra, por exemplo, esse forró mais estilizado, esse forró mais novo a gente evita, não é que não possa pautar, a gente evita porque já tem o espaço em outros veículos, acho que a gente mostra é a cultura fora do padrão mídia tradicional, a cultura vista pela sua Diversidade de expressões artísticas. Eu acho que eu não pauto isso, ou como Jornalista B Ítalo falou, é alguém que quer se promover ou alguém que quer fazer da arte uma carreira ou algo que é...

JORNALISTA A – Uma promoção...

JORNALISTA C – Uma promoção... Ou também, algo que eu vejo que não tem qualidade. Alguém manda um álbum para gente ouvir, e a gente vê que a pessoa não canta legal ou que a música ofende um determinado gênero ou então que a música não tem qualidade estética nenhuma. A gente tenta não pautar.

MEDIADOR – Então esse é um critério que vocês usam... Essa qualidade estética.

JORNALISTA C – Qualidade estética.

MEDIADOR – Independente do gênero, por exemplo, pode ser um gospel se tiver qualidade?

JORNALISTA C – Sim... Até o sertanejo universitário se tiver qualidade, se for um artista daqui e tiver qualidade, a gente pauta...

JORNALISTA A – É...

MEDIADOR – Vocês não acham muito subjetivo esse critério?

JORNALISTA A – Qualidade estética?

MEDIADOR – Sim...

JORNALISTA A – Mediador... Ele tem em certos traços de personalidade mas eu acho que é possível a gente conseguir trazer algumas... Se fosse só pessoal, estética não seria uma disciplina acadêmica, não seria estudado... Então, existe maneiras da gente conseguir pensar e saber que alguns tipos de características estéticas, elas são passíveis de serem consideradas. Mais interessantes do que outras, agora é claro, o que vai ser mais interessante ou não aí também passa por um crivo, talvez, pessoal também, nesse caso.

JORNALISTA C – Eu acho que o interessante é, acho que o público vai achar bonito isso daí, acho que vai achar bonito, assim como eu estou achando?

JORNALISTA A – Eu acho que tem essa coisa da identificação tipo: “Ah, muito legal isso... Acho que tem muita gente que vai achar isso legal também, né?” Acho que pode ser interessante...

JORNALISTA C – A identificação, mas não no sentido porque eu gosto mas, porque é uma coisa bonita, nova, é algo diferente...

JORNALISTA A – Traz uma certa agradabilidade?

JORNALISTA C – Ou se for um espetáculo...

JORNALISTA A – É uma certa satisfação... Estética, você vê... “Ah, é gospel, mas poxa... O cara tá fazendo uma música ali ó, ele canta, ele tem um vozeirão...”

JORNALISTA C – Qualidade de arranjo musical...

JORNALISTA A – É, “ele tá lançando, e ele não tem o respaldo da grande mídia... Ele é um cara que está...” é possível sim da gente fazer entrevista... Está lançando EP por exemplo.

JORNALISTA C – Ou se for um espetáculo de teatro, por exemplo, se for um espetáculo de teatro, dentro de uma linguagem diferenciada que nunca se viu, “Nunca vi isso...” E às vezes um tema que é importante estar sendo debatido ali dentro daquela...

JORNALISTA A – Eu acho que quando a gente traz essas coisas, a gente evita produtos da indústria cultural que já tem um certo espaço na mídia. Mas como a gente traz justamente esses grupos de pessoas, eventos, e tal que muitas vezes, não tem esse espaço... Que eles, de alguma forma lutam para ter esse espaço, mas que não tem e tal e a gente acaba... Dando, abrindo essas... Tendo essa janela de diálogo e fazendo com que ele tenha essa oportunidade de falar sobre o seu evento, sobre o seu show, sua banda e tal. Mas, é como a gente já falou, a prioridade são outras manifestações dentro da cultura popular outros tipos de manifestações que correm fora da indústria cultural.

JORNALISTA C – Eu acho que a gente é... O que pouco se vê... o que pouco se vê a gente quer mostrar dentro da mídia paraibana.

MEDIADOR - E é curioso porque, pelo menos nas métricas do canal da gente no YouTube, isso surpreenda a gente, e muito. Eu vou dar exemplo de uma pauta sugerida e feita até quando Carla estava conosco aqui... Que é do fabricante de gaiola. Eu particularmente acho que fabricar gaiola e aprisionar passarinho é algo de mau gosto, não acho legal, mas existe uma cultura em torno disso. Eu disse: “Não Carla, vai lá...Tenta fazer.” E é um dos vídeos mais vistos do YouTube.

JORNALISTA C – São lindas as gaiolas né?

MEDIADOR – E as gaiolas são obras de arte, tá entendendo? Então, é uma coisa curiosa. Se eu usasse o meu crivo só, a pauta iria cair, mas... Outro exemplo curioso que a gente fez uma pauta, que foi até com Claire, aquela estagiária alemã. Ela abordou a vaquejada, no auge da vaquejada com aquela

polêmica... Foi importante ter abordado porque a gente viu outros pontos de vista relacionados.

JORNALISTA B – Eu mesmo sou contra vaquejada eu acho que é maltrato...

MEDIADOR – Uma judiação...

JORNALISTA B – Mas às vezes, como tem aquela vaquejada lá em Queimadas...

MEDIADOR – Você foi... (Risos)

JORNALISTA B – É porque eu sou sempre assim... Sempre imparcial, mesmo que eu não goste de alguma coisa, eu não seja muito adepto, eu faço, eu marco... Não tenho nenhum tipo de, sei lá, distinguir aquilo que eu gosto, que eu quero gravar ou não, eu gravo, independente de gostar ou não.

JORNALISTA A – Eu acho que outra coisa importante, talvez seja para os meninos também, que passa por um crivo assim, é a autoralidade...(existe isso?)

JORNALISTA C – Originalidade...

JORNALISTA A – Originalidade dos personagens com que a gente vai conversar, vai estabelecer um diálogo e isso traz um diferencial para essa escolha também de pauta.

MEDIADOR – Ou seja, um artista que tem um trabalho de ineditismo, ou seja ele compõe coisas novas, produz coisas novas, ele teria na escala um valor de critério de noticiabilidade um pouco maior do que alguém que faz cover...

JORNALISTA A – Exato, exatamente.

JORNALISTA B – Com certeza.

JORNALISTA A – Eu acho que existe também essa diferenciação.

MEDIADOR – Vocês gostariam de acrescentar mais alguma coisa em relação a essas rotinas de trabalho que envolve a seleção de notícias, o que entra e o que sai... Alguém gostaria de acrescentar?

JORNALISTA A – Eu acho que não... Por mim...

JORNALISTA C – Não, eu acho que...

JORNALISTA A – Jornalista B quer falar mais alguma coisa?

JORNALISTA C – Eu acho que dentro desse trabalho de produção de notícia do Diversidade, eu acho que no início ele teve um caráter mais de matérias frias, se pensava em uma pauta mais detalhada em imagem, em conteúdo, entrevista, mas a partir do momento que Campina Grande ela... Claro que não se deixa de fazer pautas especiais, mas acho que o factual está muito presente dentro da produção jornalística do Diversidade, da rotina hoje.

MEDIADOR – Eu acho que é um sintoma também do que houve na cidade.

JORNALISTA C – Do que houve na cidade. Justamente.

MEDIADOR – A gente tem hoje em dia funcionando o Palco Giratório, que antes não vinha pra Campina Grande, várias mostras também que acontecem...

JORNALISTA A – Cineclubes...

JORNALISTA C – Agora há uma questão assim... Ainda não se sabe explicar. É reflexo do programa, ou reflexo do contexto do país, não se sabe explicar... O Diversidade contribuiu? Porque tem curso de música, curso de arte e mídia, é... Alguns projetos vieram para Campina Grande, culturais. Mas a partir do momento que se abriu espaço foi que isso começou a ser... Que impulsionou para que se produzisse mais culturalmente?

MEDIADOR – Dá até outra pesquisa...

JORNALISTA C – É um questionamento que a produção do programa tem. Essa produção já existia? Ou foi a partir de que se abriu espaço foi que se começou a produzir mais e a querer mostrar mais a cultura de Campina Grande? Isso de certa forma acaba refletindo no trabalho da gente que marca pauta, né?

MEDIADOR – Mais alguma coisa, Ítalo?

JORNALISTA B – Não... É o suficiente...

MEDIADOR – Então agradeço a vocês. Obrigado.

APÊNDICE C – TABELA DE INCIDÊNCIA DE VALORES-NOTÍCIA

TABELA DE INCIDÊNCIA DE VALORES-NOTÍCIA NO PROGRAMA DIVERSIDADE										
		UNIDADES DE REGISTRO (VALORES-NOTÍCIA)								
UNIDADE DE CONTEXTO (PAUTAS/MATÉRIAS)	BRANGÊNC	IMPACTO	MPREVISÃO	INCLUSÃO	OTORIEDADE	NOVIDADE	POLEMICA	ROXIMIDADE	RARIDADE	QUALIDADE
ANO DE JACKSON DO PANDEIRO		X			X			X		X
WALTER LAJES								X		X
POSSE DE EFIGÊNIO MOURA NA ACADEMIA DE LETRAS CG					X			X		
TERRÁRIO NATALINO (PASSO A PASSO)					X	X		X		
DEMETRIUS LULLO	X				X				X	X
DECORAÇÃO NATALINA								X		
VOCE GOSTA DO SEU NOME?						X		X	X	
A ESCOLHA DO NOME						X		X	X	
A MUDANÇA DO NOME						X		X	X	
SARAH EVELIN					X	X		X		
NIELY LIMEIRA					X	X		X		
PROJETO BATUQUE AYAN					X	X		X		X
ESPETÁCULO FELIZ NATAL MEU NORDESTE								X		
PROGRAMAÇÃO DA PARÓQUIA DA SAGRADA FAMÍLIA								X		
SHOW WALTER LAJES						X				
O RETORNO DE MARY POPPINS	X					X		X		X
CHEGADA DE PAPA INOEL NO NACIONAL CENTER PARQUE								X	X	
RHAISSA BITTAR	X				X					X
BALLET O JARDIM ENCANTADO DAS FADAS						X		X		X
APRESENTAÇÃO DO CORAL UNIFACISA				X		X		X		X
EXPOSIÇÕES NO AR BELEZA NEGRA E EXPOSIÇÃO CEREAL LEITE		X		X		X		X		X
LANÇAMENTO LIVRO GALDOS DE CAMPINA					X	X		X		X
ESCRITOR E JORNALISTA JOTABÉ MEDEIROS	X				X	X			X	X
RECITANDA EM QUADROS DE UM COTIDIANO POÉTICO				X		X		X		X
CONCERTO DE BRINQUEDOS				X				X	X	
DECORAÇÃO E RECHEIO DE PANETONES								X	X	
DETETIVS DO PRÉDIO AZUL 2	X				X	X		X		X
EDITAIS TEATRO MUNICIPAL	X			X		X		X		
PROGRAMAÇÃO DE NATAL SHOPPING LUIZA MOTTA						X				
LIVRO "BELCHIOR - APENAS UM RAPAZ LATINO"	X				X	X		X	X	X
SÉRIE SEG E PRES PATRIMÔNIO HISTÓRICO DE CG TEATROS	X	X				X		X	X	
SÉRIE SEG E PRES PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE	X	X				X		X	X	

TABELA DE INCIDÊNCIA DE VALORES-NOTÍCIA NO PROGRAMA DIVERSIDADE										
		UNIDADES DE REGISTRO (VALORES-NOTÍCIA)								
UNIDADE DE CONTEXTO (PAUTAS/MATÉRIAS)	BRANGÊNC	IMPACTO	MPREVISÃO	INCLUSÃO	OTORIEDADE	NOVIDADE	POLEMICA	ROXIMIDADE	RARIDADE	QUALIDADE
SÉRIE SEG E PRES PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE CG	X	X				X		X	X	
EXPOSIÇÃO MINHA HISTÓRIA						X		X		
DIA DO PALHAÇO								X		
EXPOSIÇÃO ALVORECER DE CLÁUDIO CÉSAR VICTRAL								X		X
X RECITAL DE MUS DO SESC								X		
ESCRITORA JADINA ALANA				X		X		X		
JOÃO BARRETO PRÊMIO DOLMA					X			X	X	
BONIFÁCIO, O FUNDADOR DO BRASIL					X					X
CANTATA O NATAL DOS SONHOS	X					X				
II SEMANA DA DIVERSIDADE HUMANA		X		X				X		
SHOW THAIS SOARES				X				X		
SHOW BAIÃO DE MARTE EM PROL DO PROJETO				X				X		
ROBIN HOOD - A ORIGEM	X							X		X
COMUNICA SOM				X				X		
NATAL COM OS TAMANQUINHOS		X						X		
1ª FEIRA DE ARTESANATO DE ESPERANÇA				X				X		
LUIS KIARI	X				X			X		X
PROJETO LITERÁRIO SILAS SILVA DA PARAÍBA		X		X		X		X		X
RECITAL DE MUS DO CENTRO CULTURAL LOURDES	X			X		X		X		
LANÇAMENTO DO FILME "INCURSÃO"						X		X		
POSSE JOSÉ MÁRIO NA ACADEMIA DE LETRAS DE CAMPINA					X	X		X	X	
EXPOSIÇÃO LIBERDADE				X		X		X		
ESPETÁCULO										
UMA NOITE MÁGICA NA BROADWAY E DISNEY								X		X
LIVRO O PISTOLEIRO DE SERRA TALHADA				X		X		X		
ENTREVISTA EP E SINGLE "FETIÇO" DO CANTOR HELRISON				X				X		
LANÇAMENTO DO FILME INCURSÃO EM REMÍGIO				X		X		X		
SHOW DE KÁTIA VIRGÍNIA NO PAULO PONTES				X	X	X		X		
13ª FEST ARUANDA	X				X	X		X		X
AS VIÚVAS	X				X	X		X		X
FESTIVAL VEGANO CAMPINA		X		X		X		X		
ENSAIO SHOW BENEFICENTE CHICO CÉSAR	X	X			X	X		X		X

TABELA DE INCIDÊNCIA DE VALORES-NOTÍCIA NO PROGRAMA DIVERSIDADE										
		UNIDADES DE REGISTRO (VALORES-NOTÍCIA)								
UNIDADE DE CONTEXTO (PAUTAS/MATÉRIAS)	BRANGÊNC	IMPACTO	MPREVISÃO	INCLUSÃO	OTORIEDADE	NOVIDADE	POLEMICA	ROXIMIDADE	RARIDADE	QUALIDADE
EXPOSIÇÃO JORGE NASCIMENTO				X		X		X		X
ABERTURA COMUNICURTAS	X					X		X		X
RECITAL CORO EM CANTO						X		X		X
ESPETÁCULO COISA DO DOISDO				X		X		X		
CASA PAISÁ						X		X		
TRIO DIMETRIO				X		X		X		X
ESPETÁCULO OS CAVALEIROS DA TRISTE FIGURA						X		X		
ESPETÁCULO COMÉDIA COM FARINHA				X		X		X		
ESPETÁCULO TERREIRO ENVERGADO				X		X		X		X
EXPOSIÇÃO JORGE NASCIMENTO						X		X		X
PROGRAMAÇÃO 55 ANOS DO TEATRO SEVERINO CABRAL		X			X	X		X		
FEIRA LITERÁRIA DE CAMPINA GRANDE	X	X			X	X		X		X
ENCONTRO DE CORDELISTAS PARAIBANOS				X		X		X		X
ESPETÁCULO CHICO EU & BUARQUE						X		X		X
MILLENNIUM: A GAROTA NA TEIA DE ARANHA	X					X		X		X
II SANFONA FEST				X		X		X		X
LANÇAMENTO LIVRO O PISTOLEIRO DE SERRA TALHADA				X		X		X		
SARAU AS MINA TUDO				X		X		X		
BAILE DO PRADO				X		X		X		X
ABERTURA DA SEMANA DA CONSCIÊNCIA NEGRA		X		X		X		X		X
2ª DIA DA SEMANA DA CONSCIÊNCIA NEGRA		X		X		X		X		X
FESTIVAL ATOS				X		X		X		X
VOCE SOFRE PRECONCEITO RACIAL POR SER NEGRO?	X	X		X			X	X		
ALEXANDRA NICOLAS					X				X	X
INSCRIÇÕES AULA DE SANFONA		X		X				X		
ESCRITORA VITÓRIA MARIA				X		X		X		
FILME ENTÃO NEGRO				X		X		X		X
120 ANOS DA FILARMÔNICA EPITÁCIO PESSOA	X					X		X		
SHOW BENEFICENTE CHICO CÉSAR		X		X		X		X		X
FESTIVAL ATOS				X		X		X		X
JOÃO BARRETO - FINALISTA PRÊMIO DOLMA					X	X		X		X
CANTORIA NO MUSEU					X			X		

TABELA DE INCIDÊNCIA DE VALORES-NOTÍCIA NO PROGRAMA DIVERSIDADE										
UNIDADES DE REGISTRO (VALORES-NOTÍCIA)										
UNIDADE DE CONTEXTO (PAUTAS/MATÉRIAS)	BRANGÊNC	IMPACTO	MPREVISÃO	INCLUSÃO	ATORIEDADE	NOVIDADE	POLEMICA	PROXIMIDADE	RARIDADE	QUALIDADE
100								X		X
101						X		X		
102	X				X	X		X		X
103		X		X		X		X		X
104					X	X		X		X
105				X				X		
106	X				X	X		X		X
107				X		X		X		X
108				X				X		
109				X				X		
110				X		X		X		
111						X		X		
112					X	X		X		X
113		X		X		X		X		X
114				X		X		X		X
115				X				X		
116	X				X	X		X		X
117		X		X		X		X		
118				X		X		X		
119						X		X		X
120				X		X		X		X
121								X		
122				X		X		X	X	X
123						X		X		X
124					X	X	X	X		X
125				X		X		X		X
126				X		X		X		X
127					X	X		X		X
128						X		X		X
129	X				X			X		X
130		X		X		X		X		X
131				X				X		X

TABELA DE INCIDÊNCIA DE VALORES-NOTÍCIA NO PROGRAMA DIVERSIDADE										
UNIDADES DE REGISTRO (VALORES-NOTÍCIA)										
UNIDADE DE CONTEXTO (PAUTAS/MATÉRIAS)	BRANGÊNC	IMPACTO	MPREVISÃO	INCLUSÃO	ATORIEDADE	NOVIDADE	POLEMICA	PROXIMIDADE	RARIDADE	QUALIDADE
132				X		X		X		
133						X		X		
134						X		X		
135				X		X	X	X		
136				X		X		X		
137					X	X		X		X
138				X		X		X		
139						X		X		
140						X		X		X
141						X		X		X
142	X				X	X		X		X
143						X		X		
144						X		X		
145					X	X		X		X
146				X		X		X		X
147								X		
148				X	X			X		X
149				X		X		X		X
150				X		X		X	X	
151	X				X	X		X		X
152				X		X		X		
153				X		X		X		X
154	X				X	X		X		X
155				X		X		X		
156				X	X	X		X		X
157	X				X	X		X		X
158				X		X		X		X
159				X		X		X		
160					X	X		X		X
161		X		X		X		X		
162					X	X		X	X	X
163						X	X			X

TABELA DE INCIDÊNCIA DE VALORES-NOTÍCIA NO PROGRAMA DIVERSIDADE										
UNIDADES DE REGISTRO (VALORES-NOTÍCIA)										
UNIDADE DE CONTEXTO (PAUTAS/MATÉRIAS)	BRANGÊNC	IMPACTO	MPREVISÃO	INCLUSÃO	ATORIEDADE	NOVIDADE	POLEMICA	PROXIMIDADE	RARIDADE	QUALIDADE
164				X		X		X		X
165						X		X		
166						X		X		
167		X				X		X		
168						X		X		
169						X		X		
170						X		X		
171						X		X		
172	X				X	X		X		X
173						X		X		
174				X		X		X		
175						X		X		
176				X		X		X		X
177				X		X		X		X
178				X		X		X		X
179	X				X	X		X		X
180				X		X		X		X
181					X	X		X		X
182				X		X		X		
183								X		
184						X		X		
185				X		X		X		
186		X				X		X		
187	X				X			X		X
188				X		X		X		X
189	X				X	X		X		X
190		X			X	X		X		X
191					X	X		X		X
192				X		X		X		X
193				X		X		X		X
194				X		X		X		
195		X		X		X		X		X

TABELA DE INCIDÊNCIA DE VALORES-NOTÍCIA NO PROGRAMA DIVERSIDADE											
1											
2											
3	UNIDADE DE CONTEXTO (PAUTAS/MATÉRIAS)	ABRANGÊNCIA	IMPACTO	IMPREVISÃO	INCLUSÃO	NOTORIEDADE	NOVIDADE	POLÊMICA	PROXIMIDADE	RARIDADE	QUALIDADE
200	UNIFACISA WEEK								X		
201	SHOW TONY PRESLEY				X		X		X		
202	ESPETÁCULO "A BELA E A FERA" - TEATRO FACISA					X	X		X		X
203	DIDO CRUZ				X		X		X		
204	JOÃO AZEVEDO - PROPOSTAS P/CULTURA NA PB	X	X			X	X		X		
205	EDITORIA MONDRONGO		X		X		X		X		X
206	PREPARAÇÃO 2/4 ROMEU E JULIETA				X		X		X		X
207	JOSÉ MARANHÃO - PROPOSTAS P/CULTURA NA PB	X	X			X	X		X		
208	DEBATE CULTURA E DIÁLOGOS MARXISTAS						X		X		
209	ENTREVISTA ADREN ALVES					X	X		X		
210	LUCELIO CARTAXO - PROPOSTAS P/CULTURA NA PB	X	X			X	X		X		
211	LANÇAMENTO XIII COMUNICURTAS								X		
212	QUARTAS ACÚSTICAS RANULFO BARBOSA				X		X		X		
213	FEIRA CENTRAL DE CAMPINA GRANDE COMO PATRIMONIO BR	X	X				X		X		
214	TÁRCIO TEIXEIRA - PROPOSTAS P/CULTURA NA PB	X	X			X	X		X		
215	2º FÓRUM ROTA DO FORRO						X		X		X
216	O MISTÉRIO DO RELÓGIO NA PAREDE	X				X	X		X		X
217	SEMANA GEEK'S								X		
218	EXPOTATTOO CAMPINA GRANDE				X		X		X		
219	FETECRA - ENCONTRO DE RADIOAMADORES						X		X		
220	GRÃO FINO: SEMANA DE FOTOGRAFIA						X		X		X
221	OFICINA DE MARACATU DE BAQUE VIRADO				X		X		X		X
222	LIVRO JOSÉ LINS DO REGO EM QUADRINHOS					X	X		X		X
223	EXPOSIÇÃO MAQUETES DE PRÉDIOS HISTÓRICOS DE CAMPINA GRANDE										
224	OFICINA DRAMATURGIA DA LUZ				X		X		X		X
225	PRECONCEITO SEXUAL NO BRASIL E EM PORTUGAL				X		X		X		

TABELA DE INCIDÊNCIA DE VALORES-NOTÍCIA NO PROGRAMA DIVERSIDADE											
1											
2											
3	UNIDADE DE CONTEXTO (PAUTAS/MATÉRIAS)	ABRANGÊNCIA	IMPACTO	IMPREVISÃO	INCLUSÃO	NOTORIEDADE	NOVIDADE	POLÊMICA	PROXIMIDADE	RARIDADE	QUALIDADE
226	SHOW DE STAND UP COMEDY JONATHA NEMER				X		X		X		
227	CANARINHO (POETA E REPENTISTA)				X		X		X		X
228	SHOW DE DIDO CRUZ				X		X		X		
229	FLIC - FEIRA LITERÁRIA DE CAMPINA GRANDE		X				X		X		X
230	O PREDADOR	X				X	X		X		X
231	9ª FESTA LITERÁRIA DE BOQUEIRÃO (FLIBO)		X				X		X		X
232	SHOW BENEFICENTE				X		X		X		
233	IV CINE MOVE				X		X		X		X
234	REVISTA GASTRONÔMICA CAÇAROLA				X		X		X		
235	LIVRO IARANDARA				X		X		X		
236	LIVRO GILBERTO FREYRE E JOSÉ LINS DO REGO					X	X		X		X
237	CD BIFLANO TONINHO BORBO				X		X		X		X
238	LIVRO PARA ALÉM DA PEDRA E CAL				X		X		X		X
239	LIVRO A SOLIDÃO DOS OLHOS E AS VERTIGENS DO TEMPO				X		X		X		X
240	QUARTAS ACÚSTICAS COM JORGE RIBBAS				X		X		X		X
241	ESPETÁCULO CORRUPTORES						X		X		X
242	PROJETO RELIX						X		X		
243	I SIMPÓSIO NORDESTINO DE EDUCOMUNICAÇÃO						X		X		
244	ALFA	X				X	X		X		X
245	SHOW AFLORARTE				X		X		X		
246	2ª JACKSONPANDEIREAR (SHOW COLETIVO)				X	X	X		X		X
247	INCÊNDIO MUSEU NACIONAL	X	X	X		X	X		X	X	X
248	LIVRO JOGO SUJO SE LAVA JATO						X		X		
249	ESPETÁCULO BAILE MUDERNO				X		X		X		
250	SALÃO SESC DE ARV				X		X		X		X
251	QUINTETO DE METAIS DA UFBA				X		X		X		
252	LIVRO OS ANCIÕES DO CAOS				X		X		X		

TABELA DE INCIDÊNCIA DE VALORES-NOTÍCIA NO PROGRAMA DIVERSIDADE											
1											
2											
3	UNIDADE DE CONTEXTO (PAUTAS/MATÉRIAS)	ABRANGÊNCIA	IMPACTO	IMPREVISÃO	INCLUSÃO	NOTORIEDADE	NOVIDADE	POLÊMICA	PROXIMIDADE	RARIDADE	QUALIDADE
253	EXPOSIÇÃO METÁFORAS DA CRIAÇÃO				X		X		X		
254	LANÇAMENTO DO LIVRO GLITTER				X		X		X		X
255	CORP. MUSICAL CEMADIPE						X		X		
256	ENTREVISTA ADREN ALVES CANTOR, ATOR, DIRETOR					X	X		X		X
257	O CANDIDATO HONESTO 2	X				X	X		X		X
258	ESPETÁCULO GUARA MAND						X		X		
259	INAUGURAÇÃO DA GALERIA GEOVÁ AMORIM						X		X		
260	LANÇAMENTO COLETÂNEA DE LIVROS O LADO BOM DA VIDA						X		X		
261	CÍCERO (CANTOR E COMPOSITOR)				X		X		X		
262	OFICINA DE HISTÓRIA DA MUS BRASILEIRA						X		X		
263	OFICINA A CRÍTICA DE ARTE (AINDA) É POSSÍVEL?						X		X		
264	SEMINÁRIO DE ARTE E EDUCAÇÃO						X		X		
265	QUARTAS ACÚSTICAS BANDA HOZEN				X		X		X		X
266	OFICINA DE DIREÇÃO CÊNICA						X		X		
267	LUTHER WAGUINHO DUDUTAS				X		X		X		
268	LENDER MAN PESADELO SEM ROSTO	X				X	X		X		X
269	PROGRAMA FUNARTE DE CAPACITAÇÃO TÉCNICA 2018						X		X		
270	PROJETO SONORA						X		X		
271	43ª FESTIVAL DE INVERNO DE CAMPINA GRANDE					X	X		X		X
272	OFICINAS OFERECIDAS PELA SEMANA DE ARTE E MÍDIA						X		X		
273	ESPETÁCULO MUSICAL ELIZETH, A DIVINA - FIGC 2018					X	X		X	X	X
274	EXIBIÇÃO DO FILME A COMPADECIDA NO FIGC					X	X		X	X	X
275	BALLET O CORSÁRIO NO FIGC 2018					X	X		X		X
276	SARAU CECÍLIA MEIRELES FIGC 2018						X		X		
277	OFICINA FIGC O ATOR QUE CANTA EM CENA				X		X		X		
278	NOITE DE DANÇA NO FIGC - 2018						X		X		
279	ÚLTIMA NOITE FIGC 2018						X		X		

TABELA DE INCIDÊNCIA DE VALORES-NOTÍCIA NO PROGRAMA DIVERSIDADE											
1											
2	UNIDADES DE REGISTRO (VALORES-NOTÍCIA)										
3	UNIDADE DE CONTEXTO (PAUTAS/MATÉRIAS)	ABRANGÊNCIA	IMPACTO	IMPREVISÃO	INCLUSÃO	NOTORIEDADE	NOVIDADE	POLÊMICA	PROXIMIDADE	RARIDADE	QUALIDADE
280	FLAWLESS DESFILE DE MODA				X		X		X		
281	ELIZETH A DIVINA - FIG					X	X		X		X
282	O PROTETOR 2	X				X			X		X
283	PARAÍBA EM CENA DO SESC						X		X		
284	ABERTURA SEMANA DE ARTE E MÍDIA				X		X		X		
285	ENSAIO ABERTO PLUFT O FANTASMINHA						X		X		
286	SEMANA DE ARTE E MÍDIA (CINE TEATRO SÃO JOSÉ)						X		X		
287	ELEIÇÃO DO CONSELHO ESTADUAL DE POLÍTICA CULTURAL					X			X		X
288	RODA DE CHORO		X			X	X		X		
289	LANÇAMENTO LIVRO IARANDARA				X		X		X		
290	SHOW DE FIDÉLIA CASSANDRA NO TEATRO MUNICIPAL				X		X		X		X
291	ATRAÇÕES FESTIVAL DE INVERNO 2018						X		X		
292	WEB-SÉRIE ERRO E TENTATIVA				X		X		X		
293	ARLY ARNAUD					X	X		X		
294	GRUPO JELUVI				X		X		X		
295	OBRA DE ANTÔNIO DIAS DO MAAC					X	X		X		X
296	LIVRO O VAZIO DOS TEUS OLHOS DE FABIANA ARAÚJO				X		X		X		
297	ABERTURA 43ª FESTIVAL DE INVERNO DE CAMPINA GRANDE					X	X		X		X
298	EXPOSIÇÃO "A FEIRA: SABERES E SABORES"						X		X		
299	MEGATUBARÃO	X				X	X		X		
300	OFICINAS DO FESTIVAL DE INVERNO 2018						X		X		X
301	LIVRO VARIAÇÕES SOBRE O MESMO ERRO						X		X		
302	1 SEMANA DE INTEGRAÇÃO DE ARQUITETURA E URBANISMO UNIFACISA						X		X		
303	EXPOSIÇÃO FEIRA NO MERCADO CENTRAL						X		X		
304	SHOW BENEFICENTE ELBA, FLÁVIO E GITANA (IPCCAN) (6 DE SETEMBRO)					X	X		X		X
305	OFICINAS DA FUNARTE						X		X		

TABELA DE INCIDÊNCIA DE VALORES-NOTÍCIA NO PROGRAMA DIVERSIDADE											
1											
2	UNIDADES DE REGISTRO (VALORES-NOTÍCIA)										
3	UNIDADE DE CONTEXTO (PAUTAS/MATÉRIAS)	ABRANGÊNCIA	IMPACTO	IMPREVISÃO	INCLUSÃO	NOTORIEDADE	NOVIDADE	POLÊMICA	PROXIMIDADE	RARIDADE	QUALIDADE
306	ACROSS THE BEATLES NO TMSO				X		X		X		
307	ARTISTA VISUAL LUIZ CARLOS				X		X		X		
308	CINE RT REMÍGIO				X		X		X		X
309	MUSEU VIVO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE CG						X		X		
310	LANÇAMENTO 43ª EDIÇÃO DO FESTIVAL DE INVERNO 2018						X		X		
311	PREMIAÇÃO PARA O MUSEU SESI DIGITAL						X		X		X
312	CORDAS E SOPROS						X		X		
313	ENSAIO DO ESPETÁCULO PLUFT O FANTASMINHA						X		X		
314	ASSINATURA CONVÊNIO MAAC/ UEPB/ UNIFACISA					X	X		X		X
315	INTERPROGRAMA LUGAR DE MULHER		X		X		X		X		
316	MAMMA MIA 2	X				X	X		X		X
317	QUARTAS ACÚSTICAS COM ROMERO COELHO						X		X		X
318	BANDA MADAME GARAGEM				X		X		X		
319	EXPOSIÇÃO HISTÓRIA ARQUITETURA DE CAMPINA						X		X		X
320	CAMPEÃO DO FESTIVAL SESI DE MUS						X		X		
321	VAL MARGARIDA (PINTORA NAIFF)				X		X		X		X
322	CURTA-METRAGEM A HÓSPEDE				X		X		X		
323	ENTREVISTA COM ANTONIO CADENGUE					X					X
324	DOCUMENTÁRIO UM PÉ DE COAÇU PRÊMIO CNBB				X		X		X		X
325	ARTISTA VISUAL JÚLIO LEITE				X		X		X		
326	PROJETO TAMANQUINHO DAS ARTES				X		X		X		
327	ESPETÁCULO THE MAC SHOW						X		X		
328	FESTIVAL GAMA				X		X		X		
329	MISSÃO IMPOSSÍVEL EFEITO FALLOUT	X				X	X		X		X
330	VII AGOSTO PARA IGUALDADE RACIAL				X		X		X		
331	OFICINA DE DANÇA						X		X		
332	MESTRE DUDUTA					X	X		X		X

TABELA DE INCIDÊNCIA DE VALORES-NOTÍCIA NO PROGRAMA DIVERSIDADE											
1											
2	UNIDADES DE REGISTRO (VALORES-NOTÍCIA)										
3	UNIDADE DE CONTEXTO (PAUTAS/MATÉRIAS)	ABRANGÊNCIA	IMPACTO	IMPREVISÃO	INCLUSÃO	NOTORIEDADE	NOVIDADE	POLÊMICA	PROXIMIDADE	RARIDADE	QUALIDADE
333	ESPETÁCULO ENTRE PARTIDAS						X		X		
334	EXIBIÇÃO O NÓ DO DIABO						X		X		X
335	DANCING CAMPINA						X		X		
336	DILSINHO MEDEIROS				X		X		X		
337	AUDIÇÕES CORO EM CANTO				X		X		X		
338	DANCING CAMPINA				X		X		X		
339	CHORO PRA MAIS DE ANO V				X		X		X		X
340	FORRÓ SOLIDÁRIO				X		X		X		
341	RAINHA DA DIVERSIDADE				X		X		X		X
342	UMA QUASE DUPLA	X					X		X		
343	SABADINHO CULTURAL					X	X		X		
344	SANDRO HAICK						X		X		
345	PARTICIPANTES DO DOM				X		X		X		
346	CURTA METRAGEM 4				X		X		X		
347	DISMORFIA: ENSAIOS DA DOR				X		X		X		
348	ARENA CONTA TEATRO E RESISTÊNCIA NO BRASIL					X	X		X		X
349	GRUPO DE DANÇA FOLCLÓRICA SISAIS				X		X		X		
350	BATERISTA GUSTAVO				X		X		X		
351	BAILARINOS INTERCÂMBIO NA EUROPA				X		X		X		X
352	CINECLUBE LUCI PEREIRA				X	X	X		X		X
353	ESPETÁCULO AS ENCALHADAS DO ALÉM						X		X		
354	HOTEL TRANSYLVANIA 3	X				X	X		X		X
355	CONVOCATÓRIA DO FESTIVAL DE INVERNO						X		X		
356	STAND UP COMEDY ERICKSON CANUTO						X		X		
357	DOCUMENTÁRIO "PELOS OLHOS DO POVO"				X		X		X		
358	FILME O NÓ DO DIABO						X		X		X
359	JEAN MARCIO SOUZA, ZAUQUEU V, RUDSON R, REGIANE YAMAGUCCI				X		X		X		

TABELA DE INCIDÊNCIA DE VALORES-NOTÍCIA NO PROGRAMA DIVERSIDADE											
1											
2	UNIDADES DE REGISTRO (VALORES-NOTÍCIA)										
3	UNIDADE DE CONTEXTO (PAUTAS/MATÉRIAS)	ABRANGÊNCIA	IMPACTO	IMPREVISÃO	INCLUSÃO	NOTORIEDADE	NOVIDADE	POLÊMICA	PROXIMIDADE	RARIDADE	QUALIDADE
360	OFICINAS DO FIMUS 2018						X		X		
361	OFICINA "ESCRITA ATIVA" COM FELIPE VIDAL (SESC)						X		X		
362	PROJETO FAÇA MEU GOL				X		X		X		X
363	CONCERTO DA BIG BAND UFGC NO IFPB						X		X		X
364	AÇÃO ARTÍSTICO-SOLIDÁRIA NO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO						X		X		
365	FLAUTA DE BLOCO						X		X		
366	HOMEM-FORMIGA E A VESPA	X				X	X		X		X
367	ARRAIAL ITARARÉ (5º DIA)						X		X		
368	DANÇA COMIGO DA UNIFACISA						X		X		
369	CONCURSO UNIFACISA STAR						X		X		
370	CULTURA E COPA						X		X		
371	TRIOS DE FORRÓ				X		X		X		
372	PROGRAMAÇÃO QUADRILHAS JUNINAS						X		X		
373	FIMUS 2018						X		X		
374	CAMILA HOLANDA						X		X		
375	SÃO JOÃO 2018						X		X		
376	FINAL DO CONCURSO ARRETADO STAR						X		X		
377	OS INCRÍVEIS 2	X				X	X		X		X
378	ARRAIAL ITARARÉ (4º DIA)						X		X		
379	LIT NA COPA						X		X		X
380	CINE SESI DIGITAL						X		X		X
381	SEMANA DO ARTESANATO				X		X		X		
382	EMBOLODORES				X		X		X		
383	ÔNIBUS DO FORRÓ				X		X		X		
384	LANÇAMENTO INDIE CINE						X		X		
385	BASTIDORES DA AÇÃO GASTRONOMIA UNIFACISA						X		X		
386	FESTIVAL COMIDA COM SOTAQUE						X		X		

TABELA DE INCIDÊNCIA DE VALORES-NOTÍCIA NO PROGRAMA DIVERSIDADE											
1											
2	UNIDADES DE REGISTRO (VALORES-NOTÍCIA)										
3	UNIDADE DE CONTEXTO (PAUTAS/MATÉRIAS)	ABRANGÊNCIA	IMPACTO	IMPREVISÃO	INCLUSÃO	NOTORIEDADE	NOVIDADE	POLÊMICA	PROXIMIDADE	RARIDADE	QUALIDADE
387	PROJETO SOCIOCULTURAL DE FAGUNDES				X		X		X		
388	HEREDITÁRIO	X				X	X		X		X
389	ARRAIAL ITARARÉ (3º DIA)						X		X		
390	AUDIÊNCIA PÚBLICA PROJETO DE LEI GÊNERO				X		X		X		
391	HINO DO 13 EM RITMO DE SAMBA						X		X		X
392	SEMANA DA MUS						X		X		
393	IDEIA LIVRE TON OLIVEIRA						X		X		
394	ATIVIDADES JUNINAS STAND DA UNIFACISA						X		X		
395	JODEMAR DO ACORDEON				X		X		X		X
396	EXPOSIÇÃO "O FOTOJORNALISMO E O MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO"						X		X		
397	TÁXI DO FORRÓ						X		X		
398	FITDANCE JUNINO						X		X		
399	JURASSIC WORLD- REINO AMEAÇADO	X				X	X		X		X
400	LUAN ESTILIZADO E FAGNER	X				X	X		X		X
401	AMIGO É COISA PRA SE FALAR						X		X		
402	GEOVANE JR.						X		X		
403	ARRAIAL ITARARÉ (2º SÁBADO)						X		X		
404	SANDRA BELÉ						X		X		X
405	PREPARATIVOS E EXPECTATIVAS PARA O 28º SALÃO DO ARTESANATO						X		X		
406	PROMOCÃO NOITE DOS NAMORADOS FACISA						X		X		
407	TEMPERARTES NO 28º SALÃO DO ARTESANATO						X		X		
408	SANTOS DA DEVOÇÃO POPULAR						X		X		
409	AQUELE SÃO JOÃO						X		X		
410	PODCASTS						X		X		
411	8 MULHERES E UM SEGREDO	X				X	X		X		X
412	SUSPENSÃO DO SÃO JOÃO PELO ECAD		X				X	X	X	X	
413	ARRAIAL ITARARÉ						X		X		

TABELA DE INCIDÊNCIA DE VALORES-NOTÍCIA NO PROGRAMA DIVERSIDADE											
1											
2	UNIDADES DE REGISTRO (VALORES-NOTÍCIA)										
3	UNIDADE DE CONTEXTO (PAUTAS/MATÉRIAS)	ABRANGÊNCIA	IMPACTO	IMPREVISÃO	INCLUSÃO	NOTORIEDADE	NOVIDADE	POLÊMICA	PROXIMIDADE	RARIDADE	QUALIDADE
414	OFICINA PRÊMIO CULTURAS POPULARES				X		X		X		
415	MELHOR INTERPRETE JURI POP E FORRÓ CONTEMP DOM FORRÓ				X		X		X		
416	BANDA LUZES				X		X		X		
417	SÃO JOÃO DO CARNEIRINHO						X		X		X
418	CARLOS HONORATO - CHEF DE COZINHA PARAIBANO						X		X		
419	ABERTURA VILA SÃO JOÃO						X		X		
420	OFICINA PRÊMIO CULTURAS POPULARES						X		X		
421	ARRAIAL SESC						X		X		
422	EP ESQUENTA SÃO JOÃO LUAN ESTILIZADO					X	X		X		
423	CHAMADA SÃO JOÃO DO CARNEIRINHO						X		X		
424	NÃO SE ACEITAM DEVOLUÇÕES						X		X		
425	A CANTORIA DA VOLTA						X		X		X
426	LUZEMBERG SANTANA - GALA BALÉ JOVEM.						X		X		
427	MESTRINHO						X		X		
428	NOVOS FÁS STAR WARS						X		X		
429	A BULA - COMPRIMIDOS LITERÁRIOS (JOSAFÁ DE ORÓS)				X		X		X		
430	MELHOR INTERPRETE DOM FORRÓ - EDRA VERAS				X		X		X		
431	"E AJ, CAPITÓLIO"						X		X		
432	MELHOR COMPOSITOR FORRÓ TRADICIONAL - SEVERO RAMOS				X		X		X		
433	CURTA NÃO MAIS						X		X		
434	MARCELO JENECI					X	X		X		X
435	BASTIDORES DO ARRAIAL ITARARÉ						X		X		
436	HAN SOLO STAR WARS	X				X	X		X		X
437	FINAL DOM FORRÓ						X		X		
438	ESPETÁCULO PLUGE						X		X		
439	ESPETÁCULO O PEQUENO PRÍNCIPE NEGRO				X		X		X		X
440	MISS PARAIBA 2018						X		X		

TABELA DE INCIDÊNCIA DE VALORES-NOTÍCIA NO PROGRAMA DIVERSIDADE											
1											
2	UNIDADES DE REGISTRO (VALORES-NOTÍCIA)										
3	UNIDADE DE CONTEXTO (PAUTAS/MATÉRIAS)	ABRANGÊNCIA	IMPACTO	IMPREVISÃO	INCLUSÃO	NOTORIEDADE	NOVIDADE	POLÊMICA	PROXIMIDADE	RARIDADE	QUALIDADE
441	TCC SOBRE O SÃO JOÃO						X		X		
442	REPRESENTATIVIDADE ARTÍSTICAS NOS NOMES DAS RUAS						X		X		
443	FILME JUREMA, SUA MATA É LINDA					X	X		X		
444	REVISTA DIGITAL GRAMPARAÍBA						X		X		
445	ESPETÁCULO POWERFLIX						X		X		
446	TATUADOR VICTOR ANDRADE						X		X		
447	QUARTAS ACÚSTICAS						X		X		
448	93 ANOS CORAL ROBERT KALLEY				X		X		X		
449	ESPETÁCULO E FORAM FELIZES PARA SEMPRE						X		X		
450	ESPETÁCULO MACHOS						X		X		
451	CHUCK MC						X		X		
452	MOSTRA SESC CURUMIM DE TEATRO INFANTIL						X		X		
453	PERFORMANCE DESSEGURADOS						X		X		
454	VIII TRIBUTU A MARINÉS						X		X		
455	ESPETÁCULO A LUTA DAS GALINHAS						X		X		
456	CINEMA DE BAIRRO						X		X		
457	EXPOSIÇÃO SEMANA DA INDÚSTRIA						X		X		
458	EXPOSIÇÃO A FEIRA: SABERES E SABORES						X		X		
459	CINECLUBE LEVANTE						X		X		
460	SHOW QUARTAS ACÚSTICAS - ADÍLIA UCHÔA						X		X		
461	ESPETÁCULO DONA MARIA DO DOCE						X		X		
462	PASTORIL PROFANO						X		X		
463	RETOMADA DOS CINECLUBES						X		X		
464	VANESSA GARCIA						X		X		
465	EXPOSIÇÃO ESPERA						X		X		
466	JHONNY PORTO						X		X		
467	13 DE MAIO						X		X		

TABELA DE INCIDÊNCIA DE VALORES-NOTÍCIA NO PROGRAMA DIVERSIDADE											
1											
2	UNIDADES DE REGISTRO (VALORES-NOTÍCIA)										
3	UNIDADE DE CONTEXTO (PAUTAS/MATÉRIAS)	ABRANGÊNCIA	IMPACTO	IMPREVISÃO	INCLUSÃO	NOTORIEDADE	NOVIDADE	POLÊMICA	PROXIMIDADE	RARIDADE	QUALIDADE
441	TCC SOBRE O SÃO JOÃO						X		X		
442	REPRESENTATIVIDADE ARTÍSTICAS NOS NOMES DAS RUAS						X		X		
443	FILME JUREMA, SUA MATA É LINDA					X	X		X		
444	REVISTA DIGITAL GRAMPARAÍBA						X		X		
445	ESPETÁCULO POWERFLIX						X		X		
446	TATUADOR VICTOR ANDRADE						X		X		
447	QUARTAS ACÚSTICAS						X		X		
448	93 ANOS CORAL ROBERT KALLEY				X		X		X		
449	ESPETÁCULO E FORAM FELIZES PARA SEMPRE						X		X		
450	ESPETÁCULO MACHOS						X		X		
451	CHUCK MC						X		X		
452	MOSTRA SESC CURUMIM DE TEATRO INFANTIL						X		X		
453	PERFORMANCE DESSEGURADOS						X		X		
454	VIII TRIBUTU A MARINÉS						X		X		
455	ESPETÁCULO A LUTA DAS GALINHAS						X		X		
456	CINEMA DE BAIRRO						X		X		
457	EXPOSIÇÃO SEMANA DA INDÚSTRIA						X		X		
458	EXPOSIÇÃO A FEIRA: SABERES E SABORES						X		X		
459	CINECLUBE LEVANTE						X		X		
460	SHOW QUARTAS ACÚSTICAS - ADÍLIA UCHÔA						X		X		
461	ESPETÁCULO DONA MARIA DO DOCE						X		X		
462	PASTORIL PROFANO						X		X		
463	RETOMADA DOS CINECLUBES						X		X		
464	VANESSA GARCIA						X		X		
465	EXPOSIÇÃO ESPERA						X		X		
466	JHONNY PORTO						X		X		
467	13 DE MAIO						X		X		

TABELA DE INCIDÊNCIA DE VALORES-NOTÍCIA NO PROGRAMA DIVERSIDADE											
1											
2	UNIDADES DE REGISTRO (VALORES-NOTÍCIA)										
3	UNIDADE DE CONTEXTO (PAUTAS/MATÉRIAS)	ABRANGÊNCIA	IMPACTO	IMPREVISÃO	INCLUSÃO	NOTORIEDADE	NOVIDADE	POLÊMICA	PROXIMIDADE	RARIDADE	QUALIDADE
468	CD FORRÓ, FESTA E SÃO JOÃO						X		X		
469	SHOW BENEFICENTE REGINA E JONAS SAMPAIO						X		X		
470	REABERTURA MUSEU FONOGRAFICO LUIZ GONZAGA					X	X		X		X
471	SHOW VOLTA AOS PALCOS TOM OLIVEIRA					X	X		X		X
472	AUDIÊNCIA PÚBLICA CINE CAPITÓLIO		X				X		X		
473	PAULO, O APÓSTOLO	X				X	X		X		X
474	5ª SAMBA DAS VÁDIAS						X		X		
475	ESPETÁCULO MACHOS						X		X		
476	SEMIFINAL DOM MUS						X		X		
477	FINALISTAS DOM FORRÓ						X		X		
478	FILME OS VINGADORES GUERRA INFINITA	X				X	X		X		X
479	HELDER TAVARES						X		X		
480	ENSAIO QUADRILHA JUNINA						X		X		
481	ELBA RAMALHO NO SÃO JOÃO 2018					X	X		X		
482	QUARTAS ACÚSTICAS DUO PERAZZO E RIBBAS						X		X		
483	LANÇAMENTO DO LIVRO ENSAIOS, PERFIS E (QUASE) MEMÓRIAS						X		X		
484	ENTREVISTAS COM ARTISTAS DO FORRÓ SOBRE O SÃO JOÃO DESTA ANO					X	X		X		
485	YANKA						X		X		
486	VINGADORES, GUERRA INFINITA	X				X	X		X		
487	ELOISA OLINTO E LUIZINHO CALIXTO						X		X		
488	CLIP DE AMAZAN					X	X		X		
489	MEU ESPORTE É VAQUEIADA						X		X		
490	CABIDE ESSENCIAL COM MAHAYANA NAVA						X		X		
491	CHORINHO PRA MAIS DE ANO						X		X		
492	VILA DA GALINHA PINTADINHA						X		X		
493	RONALDO MAMEDE						X		X		
494	PALESTRA A MUS DA LETÔNIA						X		X		

TABELA DE INCIDÊNCIA DE VALORES-NOTÍCIA NO PROGRAMA DIVERSIDADE											
1											
2	UNIDADES DE REGISTRO (VALORES-NOTÍCIA)										
3	UNIDADE DE CONTEXTO (PAUTAS/MATÉRIAS)	ABRANGÊNCIA	IMPACTO	IMPREVISÃO	INCLUSÃO	NOTORIEDADE	NOVIDADE	POLÊMICA	PROXIMIDADE	RARIDADE	QUALIDADE
495	EXPOSIÇÃO FANÁTICOS						X		X		
496	IV MOSTRA CAMPINENSE DE DANÇA - BALÉ DA UEPB						X		X		
497	LAY LUZ						X		X		
498	PALCO DO CHORO						X		X		
499	LIVRO RELIGIÃO E POLÍTICA FESTEJAM O SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS						X		X		
500	EXORCISMOS E DEMÔNIOS						X		X		
501	SEMANA DA DANÇA						X		X		
502	BALÉ DA UEPB NA SEMANA DA DANÇA						X		X		
503	SESC PARAIBA EM CENA						X		X		
504	DAY FASHION REVOLUTION						X		X		
505	DIA DA VOZ A VOZ NA CULTURA						X		X		
506	II FENOGER - FESTIVAL DA NOVA GERAÇÃO DO REPENTE						X		X		
507	GRAVAÇÃO DVD DESMISTIFICANDO						X		X		
508	RAÍ BEZERRA						X		X		
509	PROJETO ROBERTO POR ELAS						X		X		
510	ENSAIO DOM FORRÓ						X		X		
511	LANÇAMENTO DO TROFÉU GONZAGÃO						X		X		
512	ESPETÁCULO ELES NÃO USAM TÊNIS NAIQUE						X		X		
513	LANÇAMENTO NOVO CD DA BANDA DONAS DA FARRA						X		X		
514	RAMPAGE						X		X		
515	COMÉDIA MINHA SOGRA É UMA COBRA						X		X		
516	MOBILIZAÇÃO CONTRA ADPF 293						X		X		
517	PROFISSÃO: ARTISTA						X		X		
518	ARTE DE DESCREVER - ALFREDO PINTO JÚNIOR						X		X		
519	PINTORA LARISSA CARVALHO						X		X		
520	ENSAIO GRAVAÇÃO DVD JUNIOR CORDEIRO						X		X		

TABELA DE INCIDÊNCIA DE VALORES-NOTÍCIA NO PROGRAMA DIVERSIDADE											
1											
2	UNIDADES DE REGISTRO (VALORES-NOTÍCIA)										
3	UNIDADE DE CONTEXTO (PAUTAS/MATÉRIAS)	ABRANGÊNCIA	IMPACTO	IMPREVISÃO	INCLUSÃO	NOTORIEDADE	NOVIDADE	POLÊMICA	PROXIMIDADE	RARIDADE	QUALIDADE
521	DOC DAMAS DA NOITE						X		X		
522	QUADRINISTAS JOÃO PAULO E JOSÉ EUDES						X		X		
523	LUANA ALVES						X		X		
524	SESC PARTITURAS						X		X		
525	REUNIÃO DOM FORRÓ						X		X		
526	UM LUGAR SILENCIOSO						X		X		
527	BAILÉ SOLIDÁRIO - INSTITUTO DOS CEGOS						X		X		
528	APRESENTAÇÃO DA SÉRIE						X		X		
529	CRONISTA JURANI CLEMENTINO						X		X		
530	ESPETÁCULO A ONÇA E O BODE						X		X		
531	SÉRIE MESTRE DAS ARTES MESTRES CAMPINENSES						X		X		
532	POETA POPULAR JOELSON MIRANDA FERREIRA						X		X		
533	SÉRIE MESTRE DAS ARTES MESTRES PARAIBANOS						X		X		
534	SHOW SÓCRATES GONÇALVES QUARTAS ACÚSTICAS						X		X		
535	LANÇAMENTO DO MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO						X		X		
536	DIA DO JORNALISTA						X		X		
537	PROJETO LAB RUA						X		X		
538	SÉRIE MESTRE DAS ARTES MESTRES PARAIBANOS						X		X		
539	JOGADOR N° 1						X		X		
540	SÓCRATES GONÇALVES QUARTAS ACÚSTICAS						X		X		
541	DOMINGO DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS						X		X		
542	ESPETÁCULO TEATRO MUNICIPAL						X		X		
543	ESPETÁCULO DOM JUAN						X		X		
544	CULTURA DO BASQUETE						X		X		
545	CINECLUBE LIVIO WANDERLEY						X		X		
546	USO DO CORDEL P/ EDUCAÇÃO NO TRÂNSITO						X		X		
547	VIDA DE YOUTUBER						X		X		

TABELA DE INCIDÊNCIA DE VALORES-NOTÍCIA NO PROGRAMA DIVERSIDADE											
1											
2	UNIDADES DE REGISTRO (VALORES-NOTÍCIA)										
3	UNIDADE DE CONTEXTO (PAUTAS/MATÉRIAS)	ABRANGÊNCIA	IMPACTO	IMPREVISÃO	INCLUSÃO	NOTORIEDADE	NOVIDADE	POLÊMICA	PROXIMIDADE	RARIDADE	QUALIDADE
548	MÚSICO E LUTHER JOSÉ ITHAMAR						X		X		
549	LIVRO POR UMA EDUCAÇÃO PARA NOVOS TEMPOS						X		X		
550	POESIA DE LOMBADA						X		X		
551	MODA E BASQUETE						X		X		
552	40 ANOS PAIXÃO DE CRISTO RIACHO DE SANTO ANTÔNIO						X		X		
553	CÍRCULO DE FOGO						X		X		
554	PAIXÃO DE CRISTO DE ESPERANÇA						X		X		
555	PAIXÃO DE CRISTO						X		X		
556	CONTAÇÕES DE PÁSCOA						X		X		
557	PROJETO IARAS						X		X		
558	MARCÍLIO BORBA						X		X		
559	DOC LEMBRANÇAS DE UM CAMARIM						X		X		
560	LIVRO "A MEMÓRIA É UMA ESPÉCIE DE CRAVO FERRANDO..."						X		X		
561	COLECIONADOR						X		X		
562	MÚSICO E LUTHER JOSÉ ITHAMAR						X		X		
563	LANÇAMENTO CORDEL "VIVER SEM VIOLÊNCIA É UM DIREITO..."						X		X		
564	COLECIONADOR						X		X		
565	PROJETO ADV, COCADA E TAPIOCA - CINECLUBE QUILOMBOS DA PB						X		X		
566	HOMENAGEM AO DIA NACIONAL DO CIRCO E DO TEATRO						X		X		
567	MARIA MADALENA						X		X		
568	PROGRAMAÇÃO SESC 2018						X		X		
569	CINECLUBE LUCI PEREIRA						X		X		
570	CONCERTO GERALDO VANDRÉ						X		X		
571	OFICINA DE TEATRO RECREIO DRAMÁTICO						X		X		
572	LANÇAMENTO LIVRO POR UMA EDUCAÇÃO PARA OS NOVOS TEMPOS						X		X		
573	ESPETÁCULO O CASAMENTO DE TRUPIZUPE COM A FILHA DO REI						X		X		
574	LIVRO O CASO CARLOTA						X		X		

TABELA DE INCIDÊNCIA DE VALORES-NOTÍCIA NO PROGRAMA DIVERSIDADE											
1											
2											
3	UNIDADES DE REGISTRO (VALORES-NOTÍCIA)										
	UNIDADE DE CONTEXTO (PAUTAS/MATERIAS)	ABRANGÊNCIA	IMPACTO	IMPREVISÃO	INCLUSÃO	NOTORIEDADE	NOVIDADE	POLEMICA	PROXIMIDADE	RARIDADE	QUALIDADE
575	PARA ONDE VÃO SUAS FLORES						X		X		
576	CD CENA ABERTA (TAN)						X		X		
577	SÉRIE INICIAÇÃO ÀS ARTES: O INÍCIO						X		X		
578	LIVRO: "UM OLHAR INTERPRETATIVO DAS CANÇÕES DE CHICO"						X		X		
579	SÉRIE INICIAÇÃO ÀS ARTES: A PROFISSÃO						X		X		
580	SESI SARAU LITERÁRIO						X		X		
581	SÉRIE INICIAÇÃO ÀS ARTES: A FORMAÇÃO						X		X		
582	GABRIELLA GRISI						X		X		
583	OS FAROFEIROS						X		X		
584	GÊNERO						X		X		
585	PREMIAÇÃO "O AUTO DO REINO DO SOL"						X		X		
586	CAMPANHA DE POPULARIZAÇÃO DO TEATRO 2018						X		X		
587	III GALA BENEFICENTE DE DANÇA						X		X		
588	SÉRIE QUESTÕES DE GÊNERO: O QUE É GÊNERO?						X		X		
589	A FORMA DA ÁGUA						X		X		
590	SÉRIE QUESTÕES DE GÊNERO: GÊNERO E TRABALHO						X		X		
591	CURSO DE INTRODUÇÃO ÀS ARTES						X		X		
592	SÉRIE QUESTÕES DE GÊNERO: GÊNERO E TRANSIÇÃO						X		X		
593	BALÉ FIT						X		X		
594	SÉRIE QUESTÕES DE GÊNERO: GÊNERO E RESPEITO						X		X		
595	SANDRA BELÉ: O ROMANCE DO SENHOR FADO						X		X		
596	SÉRIE QUESTÕES DE GÊNERO: GÊNERO E CIDADANIA						X		X		
597	SHOW ALEX COHEN						X		X		
598	EXPOSIÇÃO MULHERES DE FERRO						X		X		
599	LIVRO PEDRO JEREMIAS						X		X		
600	BIG BAND UFCG - QUARTAS ACÚSTICAS						X		X		
601	TCC "CANTE LÁ QUE EU CANTO MARX"						X		X		
602	FESTIVAL VIVA MULHERES						X		X		
603	TOTAL	61	40	1	166	103	531	4	581	22	180